LIVRO 4

TEOLOGIA II

CAPÍTULO VIII

AS SOCIEDADES SECRETAS

O ZOAR E O RABINO SHIMON. (L. 4. Pg. 9)

A maior, dentre as obras cabalísticas dos hebreus - o *Zohar*, - foi compilada pelo Rabino Shimon bem Yohai. De acordo com alguns críticos, esse trabalho foi feito alguns anos antes da era cristã; segundo outros, só após a destruição do templo. Todavia, ele só foi completado pelo filho de Shimon, o Rabino Eleazar, e por seu secretário, o Rabino Abba, pois a obra é tão imensa e os assuntos nela tratados são tão abstrusos, que nem mesmo a vida inteira desse Rabino, chamado o Príncipe dos cabalistas, seria suficiente para essa tarefa. Devido ao fato de se saber que ele possuía esse conhecimento, como o da *Merkabah*, que lhe assegurou o recebimento da "Palavra", sua vida foi posta em perigo e ele teve de fugir para o deserto, onde viveu numa caverna durante doze anos, cercado por discípulos fiéis, até a sua morte assinalada por sinais e maravilhas.

Na venerável seita dos tannaim, os homens sábios, houve aqueles que ensinaram, na prática, os segredos e iniciaram alguns discípulos no grande mistério final. Mas o *Mishnah Hagîgâh*, segunda seção, diz que o conteúdo da *Merkabah* "só deve ser confiado aos sábios anciães". A *Gemara* [do Hagîgâh] é ainda mais dogmática. "Os segredos mais importantes dos mistérios não eram revelados a todos os sacerdotes. Só os iniciados os recebiam". E vemos então que o mesmo grande sigilo prevalecia em toda religião antiga.

Como vemos, nem o *Zohar* nem qualquer outro tratado cabalístico contém doutrina puramente judaica a própria, sendo um resultado de milênios de pensamentos, é patrimônio comum dos adeptos de todas as nações que viram o Sol. Não obstante, o *Zohar* ensina mais ocultismo prático do que qualquer outra obra sobre esse assunto; não como ele foi traduzido e comentado por vários críticos, mas com os sinais secretos de suas margens. Esses sinais contem as instruções ocultas necessárias às interpretações metafísicas e aos absurdos aparentes em que acreditou tão completamente Josefo, que nunca foi iniciado e que expôs a *letra morta* tal como a recebera.

A verdadeira magia prática contida no *Zohar* e em outras obras cabalísticas só deve ser utilizada por aqueles que as podem ler *interiormente*. Os apóstolos cristãos - pelo menos aqueles que operavam "milagres" (*) *à vontade* - deviam estar inteirados desta ciência.

São João alude claramente à poderosa "cornalina branca" - uma gema bastante conhecida pelos adeptos como "*alba petra*" ou pedra da iniciação, sobre a qual se gravava quase sempre a palavra "*prêmio*" e que era dada ao candidato que vencia com sucesso as provas preliminares por que um neófito deveria passar. O fato é que nada menos do que o *Livro de Jó*, bem como o *Apocalipse*, é simplesmente uma narrativa alegórica dos mistérios e da iniciação ali de um candidato, que é o próprio João. Nenhum maçom de grau superior, versado nos diferentes graus, o compreenderá de maneira diferente. Os números *sete*, *doze* e outros são outras tantas luzes lançadas sobre a obscuridade da obra. Paracelso afirmava a mesma coisa alguns séculos atrás. E quando vemos "o semelhante ao Filho de um homem" dizer (*Apocalipse II, 17*): "ao *vencedor* darei de comer o *maná oculto* e uma PEDRA BRANCA com um novo nome escrito" - a palavra - "que *não conhece* senão *quem o recebe*", qual Mestre maçom titubeará em reconhecer essas palavras "JAH-BUH-LUN".

HÓSTIA, UMA TRADIÇÃO PRÉ-CRISTÃ. (L. 4. pág. 11).

Nos mistérios míticos pré-cristãos, os candidatos que triunfavam intrepidamente das "*doze provas*", que precediam a iniciação, recebiam um pequeno bolo redondo ou hóstia de pão àzimo que simbolizava, *em um dos seus significados*, o disco solar, e era tido como pão celeste ou "maná" e que tinha figuras desenhadas sobre ele. Um *carneiro ou um touro* era morto e, com o seu sangue, o candidato era aspergido, como no caso da iniciação do imperador Juliano. As *sete* regras ou mistérios - representados no *Apocalipse* como sete selos que são abertos "em ordem" - eram então confiados ao "nascido de novo". Não há dúvida de que o Vidente de Patmos referia-se a essa cerimônia.

A origem dos amuletos católicos romanos e das "relíquias" abençoadas pelo Papa é a mesma do "Conjuro Efésio", ou caracteres mágicos gravados numa pedra ou desenhados sobre um pedaço de pergaminho, dos amuletos judaicos com versículos da Lei, chamados *phylacteria*, e dos encantamentos maometanos com versos do *Corão*. Todos eles usados como conjuros mágicos protetores e utilizados por todos os crentes. Epifânio, o digno ex-marcosiano, que fala desses encantamentos - quando eram usados pelos maniqueus como amuletos, isto é, coisas colocadas ao redor do pescoço (*periapta*) - e dessas "encantações e *trapaças semelhantes*", não pode lançar uma nódoa sobre a "*trapaça*" dos cristãos e dos gnósticos sem incluir aí os amuletos católicos romanos e papais.

Devemos um capítulo aos jesuítas neste capítulo sobre as sociedades secretas, pois mais do que qualquer outra, eles são um corpo secreto e têm uma velha ligação mais estreita com a Maçonaria atual - na França e na Alemanha pelo menos - do que as pessoas geralmente sabem. O clamor de uma moralidade pública ultrajada ergueu-se contra essa Ordem desde o seu nascimento. Apenas quinze anos haviam passado desde a bula [papal] que promulgara a sua constituição, quando os seus membros começaram a ser transferidos de um lugar para outro. Portugal e os Países-Baixos desfizeram-se deles em 1578; a França em 1594; Veneza em 1606; Nápoles em 1622. De São Petersburgo, eles foram expulsos em 1816, e, de toda a Rússia, em 1820.

Os jesuítas causaram mais danos morais neste mundo do que todos os exércitos infernais do mítico Satã. Toda extravagância dessa observação desaparecerá quando os nossos leitores da América, que sabem pouco sobre eles, forem inteirados dos seus princípios *(principia)* e regras que constam de várias obras escritas pelos próprios jesuítas. Pedimos licença para lembrar ao público que cada uma das afirmações foram extraídas de manuscritos autênticos ou fólios impressos por esse distinto corpo. Muitas delas foram copiadas de um grande Quarto publicado, verificado e coligido pelos Comissários do Parlamento Francês. As afirmações ali reunidas foram apresentadas ao Rei a fim de que, como enuncia o *Arrest du Parlement du 5 Mars 1762,* "o filho mais velho da Igreja fosse conscientizado da perversidade dessa doutrina. (...) Uma doutrina que autoriza o Roubo, a Mentira, o Perjúrio, a Impureza, toda Paixão e Crime, que ensina o Homicídio, o Parricídio e o Regicídio, destruindo a religião a fim de substituí-la pela superstição, favorecendo a *Feitiçaria*, a Blasfêmia, a Irreligião e a Idolatria (...), etc." Examinemos as idéias dos jesuítas sobre a *magia*. Escrevendo a esse respeito em suas instruções secretas, Antonio Escobar diz:

"É lícito (...) fazer uso da ciência adquirida *por meio do auxílio do diabo,* desde que seja preservada e não utilizada em proveito do diabo, pois *o conhecimento é bom em si mesmo e o pecado de adquiri-lo foi eliminado".* Portanto, por que um jesuíta não enganaria o Diabo, já que engana tão bem os leigos?

"Os astrólogos e os adivinhos estão ou não obrigados a restituir o prêmio de sua adivinhação, quando o evento não se realizar? Eu reconheço" - observa o *bom* Padre Escobar - "que a primeira opinião não agrada de maneira alguma, porque, quando o astrólogo ou adivinho exerceu toda diligência *na arte diabólica* que é essencial a seu propósito, ele cumpriu a sua tarefa, seja qual for o resultado. Assim como o médico (...) não é obrigado a restituir os honorários (...) se o paciente morrer, tampouco o astrólogo deve devolver os seus (...) exceto quando ele não se esforçou ou ignora sua arte diabólica, porque, quando ele se empenha, ele não falha".

Essa nobre fraternidade, à qual muitos pregadores têm negado veementemente o fato de ser *secreta*, tem provado sê-lo. Suas constituições foram traduzidas, para o latim pelo jesuíta Polanco e impressas, no Colégio da Companhia, em Roma, em 1558. "Elas foram zelosamente mantidas em segredo e a maior parte dos próprios jesuítas só conhecia extratos delas. *Elas nunca foram reveladas antes de 1761, quando publicadas pelo Parlamento Francês* [em 1761, 1762], no famoso processo do Padre La Valette". Os graus da Ordem são: I. Noviços; II. Irmãos Leigos ou Coadjuvantes temporais; III. Escolásticos; IV. Coadjuvantes espirituais; V. Professos de Três Votos; VI. Professos de Cinco Votos. "Há também uma classe secreta, conhecida apenas do Geral e de alguns poucos jesuítas fieis, que, talvez mais do que qualquer outra, tenha contribuído para o poder terrível e misterioso da Ordem", diz Nicolini. Os jesuítas reconhecem, dentre as maiores consecuções de sua Ordem, o fato de Loiola ter conseguido, por um memorial especial do Papa, uma petição para a reorganização daquele instrumento abominável e repugnante de carnificina por atacado - o infame tribunal da Inquisição.

Mas devemos ver quais são as suas regras principais. Diz MacKenzie: "A Ordem possui sinais secretos e senhas diferentes para cada um dos graus a que os membros pertencem e, como não levam nenhuma vestimenta particular, é difícil reconhecê-los, a menos que eles próprios se revelem como membros da Ordem; eles podem apresentar-se como protestantes ou católicos, democratas ou aristocratas, infiéis ou beatos, segundo a missão especial que lhes foi confiada. Seus espiões estão por toda parte, pertencem a todas as classes da sociedade e podem parecer cultos e sábios ou simplórios e mentecaptos, conforme mandam as

regras. Há jesuítas de ambos os sexos e de todas as idades; é bastante conhecido o fato de que membros da Ordem, de família distinta e de educação refinada, trabalham como criados para famílias protestantes e fazem outras coisas de natureza similar para melhor servir aos interesses da Sociedade.

SIMÃO O MAGO DISCÍPULO DA SAMÁRIA. **(L. 4 pág. 15))**

Simão, o Mago, era sem dúvida um discípulo dos tannaim da Samaria; a reputação que adquiriu com os seus prodígios, que lhe valeram o título de "o Grande Poder de Deus", testemunha eloqüente em favor da habilidade dos seus mestres. As calúnias tão cuidadosamente disseminadas contra ele pelos autores e compiladores desconhecidos dos *Atos* e de outros escritos não podem danificar a verdade a ponto de ocultar o fato de que nenhum cristão podia rivalizar com ele em ações taumatúrgicas. É absolutamente ridícula a história de que ele, durante um vôo aéreo, teria caído e quebrado as pernas e cometido suicídio. Em vez de pedir mentalmente que isso acontecesse, por que os apóstolos não pediam que lhes fosse permitido superar Simão em maravilhas e milagres, para assim provarem facilmente a superioridade de seu poder e converterem milhões ao Cristianismo? A posteridade só ouviu um lado da história. Tivessem tido os discípulos de Simão uma única oportunidade, e acharíamos, talvez, que foi Pedro que quebrou as suas pernas, se não soubéssemos que esse apóstolo era prudente demais para se aventurar até Roma. Segundo a confissão de muitos escritores eclesiásticos, nenhum apóstolo operou essas "maravilhas sobrenaturais". Naturalmente as pessoas piedosas dirão que isso prova precisamente que foi o "Diabo" que operou por intermédio de Simão.

Simão foi acusado de blasfêmia contra o Espírito Santo, porque o apresentou como o "Espírito Santo, a *Mens* (Inteligência) ou a mãe de tudo". Mas encontramos a mesma expressão no *Livro de Enoc*, em que, em contraposição ao "Filho do Homem", ele diz "Filho da Mulher". No *Codex* dos nazarenos, e no *Zohar*, bem como nos *Livros de Hermes*, a expressão é usual; e até no apócrifo *Evangelho dos* Hebreus lemos que o próprio Jesus admitiu o sexo do Espírito Santo ao usar a expressão "*Minha mãe, o Pneuma Santo*".

Como é possível, então, acusar Simão, o Mago, de ser ele um blasfemador, se ele apenas fez aquilo que a sua consciência invencivelmente lhe ordenou ser verdadeiro? E, em que aspecto os hereges, ou mesmo os infiéis da pior espécie, são mais repreensíveis do que os jesuítas - os de Caen, por exemplo - que dizem:

"(A religião cristã) é (...) evidentemente crível, mas não *evidentemente verdadeira.* Ela é evidentemente crível, pois é evidente que quem quer que a abrace é prudente. *Ela não é evidentemente verdadeira,* porque ou ela ensina obscuramente ou as coisas que ela ensina são obscuras. E aqueles que afirmam que a religião cristã é evidentemente verdadeira vêem-se obrigados a confessar que ela é evidentemente falsa *(Posição 5).*

"Donde se infere -

"1. Que *não* é evidente - que haja agora qualquer religião verdadeira no mundo.

"2. Que *não* é evidente - que, de todas as religiões existente sobre a terra, a religião católica seja a única verdadeira; viajastes por todos os países do mundo, ou conheceis as religiões que aí se professam? (..)

(...)

"4. Que *não* é evidente que as previsões dos profetas fossem fundadas por inspiração de Deus; pois que refutação faríeis contra mim, se nego que eram profecias verdadeiras, ou se afirmo que eram apenas conjecturas?

"5. Que *não* é evidente que os milagres eram reais, que foram elaborados por Cristo; embora ninguém possa prudentemente negá-los (*Posição 6*).

"Tampouco é necessária aos cristãos uma crença explícita em Jesus Cristo, na Trindade, em todos os Artigos de Fé e no Decálogo. A única crença explícita que era necessária aos últimos (os cristãos) é 1, Em Deus; 2, Em um Deus recompensador"*(Posição 8).*

A profecia de Hermes é menos equívoca do que as alegadas profecias de Isaias, que facilitaram um pretexto para que se qualificasse de demônios, os deuses de todas as nações. Mas os fatos são mais fortes, às vezes, do que a fé mais robusta. Tudo que os judeus aprenderam, eles o receberam de nações mais velhas que a deles. Os magos caldaicos foram os seus mestres na doutrina secreta e foi durante o cativeiro da Babilônia que aprenderam os preceitos, tanto metafísicos, quanto práticos. Plínio menciona três escolas de magos: uma fundada em uma época desconhecida; outra, estabelecida por Osthanes e Zoroastro; a terceira, por Moisés e Jennes. E todo o conhecimento possuído por essas escolas diferentes, fossem elas mágicas, egípcias ou judaicas, derivou da Índia, ou antes de ambos os lados do Himalaia. Mais do que um segredo perdido repousa sob as vastas extensões de areia do deserto de Gobi, no Turquestão Oriental e os sábios do Khotan preservam tradições estranhas e o conhecimento da Alquimia.

A ALMA UM SER OBJETIVO POR SI MESMA. **(L. 4. pág. 18).**

O Barão Bunsen demostra que "a origem das preces e dos hinos antigos do *Livro dos Mortos* egípcios é *anterior* a Menes e pertence, provavelmente, à dinastia pré-menita de Abydos, entre 3100 e 4500 a.C.". O erudito egiptólogo remonta a era de Menes, ou Império Nacional, ao ano 3059 a.C. e demonstra que "o sistema de adoração e da mitologia osiriana já estava formado" antes da era de Menes.

Encontramos nos hinos dessa época pré-edênica cientificamente estabelecida (pois Bunsen leva muitos séculos *para trás* o ano da criação do mundo, 4.004 a.C., fixado pela cronologia bíblica) lições precisas de moralidade, idênticas em substância e na forma e na expressão muito parecidas, com aquelas que foram pregadas pôr Jesus no seu Sermão da Montanha. É o que se pode inferir das investigações levadas a efeito pelos egiptólogos e hierologistas mais eminentes. "As inscrições da décima segunda Dinastia estão plenas de formas ritualistas", diz Bunsen. Extratos dos *Livros Herméticos* foram encontrados em monumentos das dinastias mais antigas e "não são incomuns os trechos de um ritual *antigo*, nos da décima segunda dinastia. (...) *Alimentar* o faminto, dar de beber ao sedento, vestir o nu, cremar o *morto* (...) *constituíam a primeira tarefa de um homem piedoso* (...). A doutrina da imortalidade da alma é tão antiga quanto ao período de 3100 e 4500 a.C..

É mais antiga ainda, talvez. Ela data da época em que a alma era um ser *objetivo* e, portanto, não podia ser negada *pôr si mesma*; em que a Humanidade era uma raça espiritual e a morte não existia. Por volta do declínio do ciclo da vida, o *homem-espírito* etéreo caiu no doce cochilo da inconsciência temporária em uma esfera para despertar na luz ainda mais brilhante de um esfera mais elevada. Mas ao passo que o homem espiritual se esforça continuamente para ascender cada vez mais à sua fonte de origem, passando pelos ciclos e esferas da vida individual, o homem físico tem de descer com o grande ciclo da criação universal até se revestir das vestes terrestres. Então a alma foi de tal maneira sepultada sob a vestimenta física, na tentativa de reafirmar a sua existência, exceto nos casos de naturezas mais espirituais, que, em cada ciclo, ela se tornou cada vez mais rara. Embora nenhuma das nações pré-histórica tivesse pensado em negar a existência ou a imortalidade do homem interior, o "Eu" Real. Devemos ter em mente os ensinamentos dos antigos filósofos: só o Espírito é Imortal - a alma, *per se*, não é eterna, nem divina. Quando ligada muito estritamente ao cérebro físico do seu envoltório terrestre, torna-se gradualmente uma mente *finita*, o mero princípio da vida animal e senciente, o *nephesh da Bíblia* hebraica.

A doutrina da natureza *trina* do homem está tão claramente definida nos livros herméticos quanto no sistema platônico, ou ainda nas filosofias budista e bramânica. E este é um dos ensinamentos mais importantes e menos conhecido das doutrinas da ciência hermética.

Os mistérios egípcios, tão imperfeitamente conhecidos pelo mundo, e aos quais poucas e breves alusões são feitas nas *Metamorfoses* de Apuleio, ensinaram as maiores virtudes. Eles revelaram ao aspirante aos mistérios "mais elevados" da iniciação aquilo que muitos dos nossos estudantes hermetistas modernos procuram em vão nos livros cabalísticos e que os ensinamentos obscuros da Igreja, sob a direção da Ordem dos Jesuítas, nunca poderão revelar. Comparar, então, as antigas sociedades secretas dos hierofantes, com as alucinações artificialmente produzidas desses poucos seguidores de Loiola, por mais sinceros que eles fossem no começo de sua carreira, é um insulto para com as primeiras.

Um dos obstáculos mais difíceis para a iniciação, entre os egípcios, como entre os gregos, era ter cometido um assassinato em qualquer grau. Um dos maiores títulos para admissão na Ordem dos Jesuítas é um *assassinato* em defesa do jesuitismo. "As crianças podem matar os seus pais, se estes as compelirem a abandonara fé católica."

JULGAMENTO DA ALMA PELOS EGÍPCIOS, APÓS A MORTE FÍSICA. **(L. 4. pág. 20).**

No Egito, todas as cidades importantes estavam separadas do cemitério por um lago sagrado. A mesma cerimônia de julgamento que o *Livro dos Mortos* descreve como ocorrendo no mundo do Espírito era realizada na terra, durante o sepultamento da múmia. Quarenta e dois juizes ou assessores reuniam-se na margem do lago e julgavam a "alma" falecida segundo as suas ações praticadas quando estava no corpo; só depois de uma aprovação unânime por parte do júri *post-mortem* é que o barqueiro, que representava o Espírito da Morte, poderia levar o corpo do defunto absolvido até o local do seu repouso. Depois, os sacerdotes retornavam aos recintos sagrados e instruíam os neófitos sobre o provável drama solene que se desenrolava no reino invisível para o qual a alma se dirigia. A imortalidade do espírito era fortemente inculcada pelo Al-om-jah. O *Crata Repoa* descreve, como segue, os *sete* graus da iniciação.

Depois de um julgamento preliminar em Tebas, onde o neófito deveria passar por muitas provas, chamadas de "Doze provas", era-lhe ordenado governar suas paixões e nunca, em momento algum, deveria afastar de seu pensamento a idéia de Deus. Depois, como um símbolo da peregrinação da alma impura, ele

devia subir várias escalas e vagar às escuras numa caverna com muitas portas, todas fechadas. Se triunfava dessas terríveis provas, recebia o grau de *Pastophoros*, sendo que o segundo e o terceiro grau eram chamados de *Neocoris e Melanêphoros*. Levado a uma vasta cripta subterrânea abundantemente povoada de múmias ali colocadas com muito aparato, ele era deixado defronte a um ataúde que continha o corpo mutilado de Osíris coberto de sangue. Esse era o salão chamado "Portão da Morte" e com certeza é a esse mistério que aludem algumas passagens do *Livro de Jó* (XXXVIII, 17) e porções da *Bíblia* quando nela se fala desses portões. No capítulo X, damos a interpretação esotérica do *Livro de Jó*, que é um poema da iniciação *par excellence.*

> "Os portões da morte se abriram para vós?
> Ou vistes as portas da sombra da morte?"

pergunta o "Senhor" - isto é, o Al-om-jah, o Iniciador - de Jó, aludindo a esse terceiro grau da iniciação.

Quando o neófito vencia os terrores desse julgamento, era conduzido ao "Salão dos Espíritos" para ser por eles julgados. Entre as regras nas quais era instruído, era-lhe ordenado "*nunca desejar ou procurar vingança; estar sempre pronto a ajudar um irmão em perigo, mesmo com risco de sua própria vida; enterrar todos os mortos; honrar seus pais acima de tudo;* respeitar os anciães e proteger os mais fracos que ele e, finalmente, ter sempre em mente a hora da morte e a da ressurreição num corpo novo e imperecível". Pureza e castidade eram altamente recomendadas e *o adultério era punido com a morte.*

Então o neófito egípcio tornava-se um *Kistophoros*. Nesse grau, o nome-mistério IAÔ era comunicado a ele. O quinto grau era o de *Balahate* e então ele era instruído por Hórus em alquimia, *chemi*. No sexto, era-lhe ensinada a dança sacerdotal no círculo, ocasião em que era instruído em astronomia, pois a dança representava o curso dos planetas. No sétimo grau, era iniciado nos mistérios finais. Após uma aprovação final num edifício isolado, o *Astrônomos*, como era agora chamado, emergia desses aposentos sagrados chamados *Maneras* e recebia uma cruz - *o Tao* - que, por ocasião de sua morte, devia ser colocada sobre o peito. Ele era um hierofante.

OS RITUAIS DOS EGÍPCIOS. (L. 4. pág. 21).

No *Ritual Funerário* dos egípcios, encontrado entre os hinos do *Livro dos Mortos*, e que é chamado por Bunsen de "esse livro precioso e misterioso", lemos um discurso do defunto, agora sob a forma de Hórus, que detalha tudo e que ele realizou para seu pai Osíris. Entre outras coisas, a divindade diz:

> "30 Dei-vos *Espírito*.
> 31 Dei-vos *Alma*.
> 32 Dei-vos *poder*.
> 33 Dei-vos [força]".

Em outro lugar, a entidade, chamada de "Pai" pela alma desencarnada, representa o "espírito" do homem; pois o versículo diz: "Fiz minha alma falar com *seu Pai",* seu *Espírito*.

Os egípcios consideravam o seu *Ritual* como uma inspiração essencialmente Divina; em síntese, o mesmo que os hindus modernos em relação aos *Vedas* e os judeus modernos quanto aos livros mosaicos. Bunsen e Lepsius mostram que o termo *hermético* significa inspirado, porque é Thoth, a própria Divindade, que fala e revela ao seu eleito entre os homens a vontade de Deus e os arcanos das coisas divinas. Nesses livros há passagens inteiras que se diz terem sido "escritas pelo próprio dedo de Thoth, são obras e composição do grande Deus". "Num período posterior, o seu caráter hermético ainda é mais distintamente reconhecido e, num ataúde da 26º Dinastia, Hórus anuncia ao morto que 'o próprio Thoth lhe trouxe os livros das suas obras divinas', ou escritos herméticos".

Dado que sabemos que Moisés era um sacerdote egípcio, ou pelo menos ele era versado em toda a sua *sabedoria*, não devemos nos espantar que ele escrevesse no *Deuteronômio* (IX, 10) que "E o *Senhor* me entregou duas tábuas de pedra escritas pelo dedo de DEUS"; ou que leiamos no *Êxodo*, XXXI, 18 que "E Ele [o Senhor] deu a Moisés (...) duas tábuas do testamento, tábuas de pedra, escrita pelo dedo de Deus".

Nas noções egípcias, como nas de todas as outras fés fundamentais na filosofia, o homem não era apenas, como afirmam os cristãos uma união de alma e corpo; ele era uma trindade de que o espírito fazia parte. Além disso, aquela doutrina o considerava composto de *kha* - corpo; *khaba* - forma astral, ou sombra; *ka* - alma animal ou princípio vital; *ba* - a alma superior; e *akh* - inteligência terrestre. Havia ainda um sexto princípio chamado *sha* - ou múmia; mas as suas funções só tinham início após a morte do corpo. Após a devida purificação, durante a qual a alma, separada do seu corpo, visitava com freqüência o cadáver mumificado do seu corpo físico, essa alma astral "tornava-se um Deus", pois ela era finalmente absorvida na

Alma do mundo". Transformava-se numa das divindades criadoras, "o deus do Phtah", o Demiurgo, um nome genérico para os criadores do mundo, traduzido na *Bíblia* como Elohim. No *Ritual, a alma* boa ou purificada, "em conjunto com seu espírito superior ou não-criado", é mais ou menos a vítima da influência tenebrosa do dragão Apophis. Se chegou ao conhecimento final dos mistérios celestiais e infernais - a *gnoses*, isto é, reunião completa com o espírito -, ela triunfará dos seus inimigos; se não, a alma não pode escapar à sua *segunda morte*. Essa morte é a dissolução gradual da forma astral nos seus elementos primários, aos quais já aludimos diversas vezes ao longo desta obra. Mas essa sorte terrível pode ser evitada pelo conhecimento do "Nome Misterioso" - a "Palavra", dizem os cabalistas.

Mas, então qual a pena vinculada à negligência do seu conhecimento? Quando um homem leva uma vida naturalmente pura e virtuosa, não há castigo algum, exceto uma permanência no mundo dos espíritos até que se encontre suficientemente purificado para recebê-la do seu "Senhor" Espiritual, um da Hoste poderosa. Por outro lado, se a "alma" *, enquanto um princípio semi-animal queda-se imóvel e cresce inconsciente de sua metade subjetiva - o Senhor - e proporcionalmente ao desenvolvimento sensual do cérebro e dos nervos, ela mais cedo ou mais tarde se esquecerá da sua missão divina na Terra. Como o *Vurdalak*, ou Vampiro, do conto sérvio, o cérebro se alimenta e vive e se fortifica às expensas do seu parente espiritual. Então, a alma já semi-inconsciente, agora completamente embriagada pelos vapores da vida terrena, perde os sentidos e a esperança de redenção. É incapaz de vislumbrar o esplendor do espírito superior, de ouvir as admoestações do "Anjo guardião" e de seu "Deus". Ela só pretende o desenvolvimento e uma compreensão mais completa da vida natural, terrena; e, assim, só pode descobri os mistérios da natureza física. Suas penas e seus temores, sua esperança e sua alegria - tudo isso está estritamente ligado à sua existência terrestre. Ela ignora tudo o que pode ser demostrado pelos órgãos de ação ou sensação. Começa por se tornar virtualmente morta; morre completamente. Está *aniquilada.* Tal catástrofe pode ocorrer, muitas vezes, muitos anos antes da separação final do princípio *vital* do corpo. Quando chega a morte, seu férreo e perigoso domínio se debate com a *vida*; mas há mais alma a liberar. A única essência dessa última já foi absorvida pelo sistema vital do homem físico. A morte implacável libera apenas um cadáver espiritual; no melhor dos casos, um idiota. Incapaz de se elevar para regiões mais altas ou de despertar da letargia, ela se dissolve rapidamente nos elementos da atmosfera terrestre.

Os videntes, homens corretos que lograram a ciência mais elevada do homem interior e do conhecimento da verdade, têm, como Marco Antônio, recebido instruções "dos deuses", em sonhos ou por outros meios. Auxiliados pelos espíritos mais puros, aqueles que moram nas "regiões da bem-aventurança eterna", eles observam o processo e advertiram repetidamente a Humanidade. O ceticismo pode provocar com zombarias; a *fé*, baseada no *conhecimento* e na ciência espiritual, acredita e afirma.

No século atravessamos amiúdam-se os casos dessas mortes de almas. A todo momento tropeçamos com homens e mulheres desalmados. Não é estranho, portanto, no presente estado de coisas, o gigantesco fracasso dos últimos esforços de Hegel e Schelling no sentido de elaborar a construção metafísica de um sistema. Quando os fatos, palpáveis e tangíveis do Espiritismo fenomenal, acontecem todo o dia e a toda hora e, não obstante, são negados pela maior parte das nações "civilizadas", existe pouca chance para a aceitação de uma metafísica puramente abstrata por parte dessa massa sempre crescente de materialistas.

A PALAVRA PERDIDA.(L. 4. pág. 24).

No livro intitulado *La manifestation à la lumière*, de Champollion, há um capítulo sobre o *Ritual* que está cheio de diálogos misteriosos que a alma mantém com vários "Poderes". Num desses diálogos é mais do que expressiva a potencialidade da "Palavra". A cena ocorre na "Câmara das Duas Verdades". O "Portal", a "Câmara da Verdade", e mesmo as várias partes do portão, dirigem-se à alma, que se apresenta para admissão. Todos lha negam, a menos que ela lhes pronuncie os nomes misteriosos. Que estudiosos das Doutrinas Secretas não reconheceria nesses nomes a identidade, em significação e propósito, com aqueles que se encontram nos *Vedas*, nas últimas obras dos brâmanes e na *Cabala?*

Magos, cabalistas, místicos, neoplatônicos e teurgos de Alexandria, que ultrapassaram os cristãos em suas consecuções na ciência secreta; brâmanes ou samaneus (xamãs) da Antigüidade e brâmanes modernos; budistas e lamaístas - todos eles declararam que um determinado poder se agrega a esses vários nomes, que pertencem a uma única Palavra inefável. Mostramos, por experiência própria, quão profundamente está enraizada até em nossos dias na mente popular de toda a Rússia a crença de que a Palavra opera "milagres" e está no centro de toda façanha mágica. Os cabalistas conectam misteriosamente a *Fé* com ela. Assim fizeram os apóstolos baseando as suas afirmações nas palavras de Jesus, que diz: "Se tiverdes fé, como um grão de mostarda (...) nada vos será impossível" [*Mateus*, XVII, 20]; e Paulo, repetindo as palavras de Moisés, afirma

que "perto está a PALAVRA na tua boca e no teu coração esta é a *palavra da fé* (*Romanos*, X, 8). Mas quem, exceto os iniciados, pois orgulhar-se de compreender sua significação total?

A FORÇA CONTIDA NOS MANTRAS. **(L. 4 pág. 25.)**

A força contida nos *Mantras* e na *Vâch* dos brâmanes é tão acreditada hoje quanto no começo do período védico. O "Inefável Nome" de todo e de toda religião relaciona-se aquilo que os maçons afirmam se os caracteres misteriosos que simbolizam os nomes ou tributos pelos quais a Divindade era conhecida pelos iniciados. A Palavra Omnífica traçada por Enoch nos dois deltas de ouro puríssimo, sobre os quais gravou dois dos caracteres misteriosos, talvez seja mais conhecida pelos "gentios" humildes e incultos do que pelos Grão-sacerdotes e Grão Z. dos Capítulos Supremos da Europa e da América. Mas não entendemos porque os companheiros da Arca Real lamentariam tão amarga e tão continuamente a sua perda. A palavra M. M., como eles mesmo dirão, só contém consoantes. Por isso, duvidamos que algum deles tenha aprendido a pronuncia-la, ou a tivessem aprendido se, em vez de a corromper, ela tivesse sido extraída da abóbada secreta". Todavia, acredita-se que o neto de Ham conduziu ao país de Mezraim o delta sagrado do Patriarca Enoch. Portanto, é só no Egito e no Oriente que a "Palavra" misteriosa deve ser procurada.

OS TEMPLÁRIOS MODERNOS. **(L. 4 pág. 32.)**

Os templários modernos e antigos não existe, no melhor dos casos, outra analogia senão a adoção de certos ritos e certas cerimônia de caráter puramente *eclesiásticos* astutamente incorporados pelos clero à Grande Ordem antiga. Após essa desconsagração, ela foi perdendo gradualmente seu caráter primitivo e simples até a sua ruína total. Fundada em 1118 pelos cavalheiros Hugues de Payens e Geoffoy de Saint-Adhémar, com o fito nominal de proteger os peregrinos, o seu verdadeiro objetivo era a restauração do primitivo culto secreto. A versão da história de Jesus e do Cristianismo primitivo foi revelada a Hugues des Payens pelo Grande-Pontífice da Ordem do Templo (da seita nazarena ou joanita), chamado Teocletes, que a ensinou depois a outros cavalheiros da Palestina, dentre os membros mais elevados e mais intelectuais da seita de São João, que foram indiciados nos seus mistérios. A liberdade de pensamento intelectual e a restauração de uma religião universal eram seu objetivo secreto. Presos ao voto de obediência, pobreza e castidade, eles foram no início os verdadeiros cavalheiros de João Batista, vivendo no deserto e se alimentando de mel e gafanhotos. Assim a tradição e a versão cabalística verdadeira.

É um erro afirmar que a Ordem só se tornou anticatólica posteriormente. Ela o era desde o princípio e a cruz vermelha sobre manto branco, a veste da Ordem, tinha a mesma significação para os iniciados de todos os outros países. Ela apontava para os quatro pontos cardeais do compasso e era o emblema do universo. Quando, mais tarde, a Irmandade foi transformada numa Loja, os templários, a fim de escapar às perseguições, tinham de realizar as suas próprias cerimônias no maior segredo, geralmente no salão de alguma corporação, mais freqüentemente em cavernas isoladas ou choças erguidas no meio de bosques, ao passo que a forma eclesiástica de culto era celebrada publicamente nas capelas pertencentes à Ordem.

Embora fossem infamemente caluniosa muitas das acusações feitas contra eles por ordem de Felipe IV, os seus pontos principais eram corretos, do ponto de vista do que é considerado como *heresia* pela Igreja. Os templários atuais, adentrando tão estritamente como fazem à *Bíblia*, não podem pertencer ser descendentes diretos daqueles que não acreditam em Cristo, seja como homem-Deus, seja como o Salvador do mundo; que rejeitavam o milagre do seu nascimento e os que foram operados por ele; que não acreditam na transubstanciação, nos santos, nas relíquias sagradas, no purgatório, etc. O Jesus Cristo era, em sua opinião, um falso profeta, mas o homem Jesus era um Irmão. Consideravam João Batista com seu patrono, mas nunca o tiveram no conceito em que o tem a *Bíblia*. Reverenciavam as doutrinas da Alquimia, da Astrologia, da Magia, dos talismã cabalísticos e seguiam os ensinamentos secretos dos seus chefes do Oriente. "No último século", diz Findel, "quando a Franco-maçonaria supôs erroneamente ser uma filha do templarismo, era muito difícil acreditar na inocência da Ordem dos cavalheiros templários. (...) Com essa intenção, não só lendas e acontecimentos sem registro foram fabricados, mas também se tentou sufocar a verdade.

A verdade é que a maçonaria moderna difere muito radicalmente daquilo que foi uma vez a fraternidade secreta universal na época em que os adoradores brâmanicos do AUM intercambiavam sinais e senhas com os devotos do TUM e em que os adeptos de todos os países da terra eram "Irmãos".

Qual era, pois, esse nome misterioso, essa "palavra" poderosa por cuja potência os hindus e os iniciados caldeus e egípcios operavam maravilhas? No capítulo CXV do *Ritual Funerário* egípcio, intitulado "O Capítulo da Vinda do Céu (...) e do Conhecimento das Almas de Annu (Heliópolis), Hórus diz: "Conheci as Almas de Annu. Os mais gloriosos não passarão (...) a menos que os deuses me dêem a PALAVRA". Em outro hino, a alma, transformada, exclama: "Que me seja aberto o caminho para Re-stau. Eu sou o Supremo,

vestido como Supremo. Eu cheguei! Eu cheguei! Deliciosos me são os reis de Osíris. Crio à água [pelo poder da *Palavra*]. (...) Não vi os segredos ocultos (...) Confiei no Sol. Sou puro. Sou adorado por minha pureza" (CXVII-CXIX, Capítulo da ida ao Re-stau e do regresso de lá). Em outro lugar, o envoltório da múmia expressa o seguinte: "Sou o Grande Deus [espírito] que existe por si mesmo, o criador do *Seu Nome* (...) sei o nome desse Grande Deus que está aí" [cap. XVII].

Os inimigos de Jesus o acusam de ter operado milagres e os seus próprios apóstolos o apresentam como um expulsador de *demônios* por graças do poder do INEFÁVEL NOME. Os primeiros acreditam firmemente que Jesus o roubou do Santuário. "E ele expulsou os espíritos com sua *espada* e curou todos os que estavam doentes" (*Mateus*, XVIII, 16). Quando os governadores judaicos perguntaram a Pedro (*Atos*, IV, 7-10). "Graças a que poder, ou graças a que *nome*, vós o fizestes?", Pedro responde: "Graças ao NOME de Jesus Cristo de Nazaré". Mas este nome significa o nome de Cristo, como os intérpretes nos querem fazer acreditar, ou ele significa "graças ao NOME que estava de posse de Jesus de Nazaré", o iniciado, que foi acusado pelos judeus de tê-lo aprendido, porém que só o aprendeu com a iniciação! Além disso, ele afirma repetidamente que tudo o que faz, ele o faz em "*Nome de Seu Pai*", não em seu próprio.

O TEMPLO DO REI SALOMÃO. **(L. 4. pág. 40).**

Se houve ou não um templo real com esse nome - que os arqueólogos decidam; mas nenhum erudito versado no jargão antigo e medieval dos cabalistas e alquimistas duvidará de que a descrição detalhada de *1 Reis* é puramente alegórica. A construção do Templo de Salomão é a representação simbólica da aquisição gradual da sabedoria *secreta* ou magia; a ereção e o desenvolvimento do espiritual a partir do terreno; a manifestação do poder e do esplendor do espírito no mundo físico por meio da sabedoria e do gênio do construtor. Esse, ao se tornar um adepto, é um rei mais poderoso do que o próprio Salomão, o emblema do sol ou a própria *LUZ* - a luz do mundo subjetivo real, brilhando na escuridão do universo objetivo. Esse é o "Templo" que deve ser edificado sem que *o som do martelo ou de qualquer ferramenta seja ouvido na casa enquanto esteja "em construção".*

No Oriente, essa ciência chama-se, em alguns lugares, o Templo "de sete pisos" e, em outros, o "de nove pisos"; cada piso corresponde alegoricamente a um grau do conhecimento adquirido. Em todos os países do Oriente, onde quer que a magia e a religião-sabedoria seja estudada, seus praticantes e estudiosos são conhecidos por Construtores - pois eles constróem o templo do conhecimento, da ciência secreta. Os adeptos ativos são chamados de Construtores operativos, ao passo que os estudantes, ou neófitos, são denominados *especulativos* ou teóricos. Os primeiros exemplificam em obras e seu controle sobre as forças da natureza inanimada e animada; os outros estão se aperfeiçoando nos rudimentos da ciência sagrada.

A frase atribuída a Jesus - "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha igreja; e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" -, desfigurada como está por traduções errôneas ou interpretações incorretas, indica claramente o seu significado real. Já mostramos a significação de *Peter e de Petra* para os hierofantes - a interpretação transmitida pelo iniciador ao futuro intérprete escolhido. Uma vez familiarizado com seu conteúdo misterioso, que lhe revelava os mistérios da criação, o iniciado tornava-se um *construtor*, pois se inteirava do *dodecahedron*, ou a figura geométrica com que o universo foi construído. Ao que apresenta em iniciações prévias a respeito do uso da regra e dos princípios arquitetónicos acrescentava-se uma cruz, cujas linhas perpendicular e horizontal se sobrepunham para formar a fundação do templo espiritual e cuja intercessão, ou ponto central primordial, representava o elemento de todas as existências, a primeira idéia concreta da divindade. A partir desse momento ele podia, como Mestre-construtor (ver *1 Coríntios, III, 10*), erigir um templo de sabedoria, naquela pedra de *Petra*, para si mesmo; e, tendo-o construído, permitir que "outros ali construíssem".

O hierofante egípcio recebia uma capacete quadrado, que devia vestir sempre, e um esquadro (ver as insígnias dos maçons), sem os quais não podia apresentar-se em nenhuma cerimônia. O *Tao* perfeito formado pela perpendicular (raio masculino descendente, ou espírito), uma linha horizontal (ou matéria, raio feminino) e o círculo mundano eram atributos de Ísis, e, só por ocasião da sua morte, a cruz egípcia era colocada sobre o peito da múmia do iniciado. Esses capacetes quadrados são usados até hoje pelos sacerdotes armênios. É verdadeiramente estranha a pretensão de que a cruz seja um símbolo genuinamente cristão introduzido em nossa era, quando se sabe que Ezequiel marca com o *signa thao* (como está traduzido na *Vulgata*) as testas dos homens de Judá que temiam ao Senhor (*Ezequiel, IX, 4*). No hebraico antigo, esse sinal era traçado assim: (Cruz inclinada para a ✗ deretia), mas, nos hieróglifos egípcios originais, como uma cruz cristã perfeita. ✝ Também no *Apocalipse*, o "Alfa e o Ômega" (espírito e matéria), o primeiro e o último, estampa o nome de seu Pai nas testas dos *eleitos*. (Apocalipse, VII, 2, 3; XXIV, 1.)

E se nossos argumentos estiverem errados, se Jesus não era um iniciado, um Mestre-contrutor, ou Mestre-maçom, como agora é chamado, como é que nas catedrais mais antigas encontramos a sua efígie com as insígnias maçonicas? Na Catedral de Santa Sroce, em Florença, sobre o porta principal, pode-se ver a figura de Cristo segurando um esquadro perfeito em sua mão.

Os "mestres-construtores" sobreviventes da arte operativa do Templo verdadeiro andam literalmente *seminus e semidescobertos* - não por causa de uma cerimônia pueril, mas porque, como o "Filho do homem", eles não têm onde reclinar a cabeça - embora sejam os possuidores vivos da "Palavra". Serve-lhes de "reboque" o cordão triplo sagrado de certos brâmanes-sannyâsins, ou o fio com que certos lamas penduram suas *pedras yu* que, embora pareçam talismãs sem valor, nenhum deles trocaria por todas as riquezas de Salomão e da rainha de Sabá. A vareta de bambu de sete nos do faquir pode tornar-se tão poderosa quanto a vara de Moisés "que foi criada no crepúsculo e sobre a qual foi gravado o grande e glorioso NOME, por cujo poder operou maravilhas em Mizraim".

Verdadeiramente, a magna e omnífica palavra da Arca Real, "*por longo tempo perdida mas agora encontrada*", cumpriu sua promessa profética. A senha desse grau já não é "SOU O QUE SOU". É apenas "Fui mas não sou!"

A PALAVRA JEHOVAH, SEU SIGNIFICADO. **(L. 4. pág. 45).**

Forneceremos algumas provas do que afirmamos, e demostrar que a palavra Jehovah, tão cara aos maçons, poderá substituir, mas nunca ser idêntica ao nome mirífico perdido. Os cabalistas sabem disso tão perfeitamente, que, em sua cuidadosa etimologia de mostrar sem sombra de dúvida que se trata de apenas um dos muitos sucedâneos do Nome real e que é composto do nome duplo do primeiro andrógino - Adão e Eva (ou Yodh), Vau e He-va - a serpente fêmea como um símbolo da Inteligência Divina que procede do Espírito Criador. Assim, Jehovah não é o Inefável Nome. Se Moisés tivesse dado ao Faraó o "nome" *verdadeiro*, este último não teria respondido como o fez, pois os Reis-Iniciados egípcios o conheciam tão bem quanto Moisés, que o aprendera com eles. *O* "Nome" era àquela época propriedade comum dos adeptos de todas as nações do mundo e o Faraó certamente o conhecia, pois é mencionado no *Livro dos mortos*. Mas, em vez disso, Moisés (se aceitarmos literalmente a alegoria do *Êxodo*) dá ao Faraó o nome *Yeva*, expressão ou forma do nome divino usada por todos os *Targuns*. Donde a resposta do Faraó: "Quem é este *Yeva*, para que eu obedeça, a sua voz e deixe Israel sair?"

"Jehovah" data apenas da inovação masorética. Quando os rabinos, com temor de que pudessem perder as chaves de suas próprias doutrinas, compostas até então exclusivamente de consoantes, começaram a inserir os pontos representativos das vogais nos seus manuscritos, eles ignoravam completamente a pronúncia verdadeira do NOME. Em conseqüência, deram-lhe o som de *Adonai* e a grafia *Ja-ho-vah*. Assim, esta última é apenas uma fantasia, uma adulteração do Inefável Nome. E como eles o podiam conhecer? Certamente, em cada nação, os sumos sacerdotes o tinham em sua posse e o transmitiam aos seus sucessores, como o faz o Brahmâtma hindu antes da sua morte. Unicamente uma vez ao ano, no dia da expiação, permitia-se que o sumo sacerdote o pronunciasse num sussurro. Passando por trás do véu, indo a câmara interior do santuário, o Santo dos Santos, com lábios trêmulos e olhos baixos - ele invocava o NOME terrível. A cruel perseguição movida contra os cabalistas, que receberam as sílabas preciosas como prêmio de toda uma vida de santidade, deveu-se à suspeita de que eles abusariam dele.

A CABALA ORIENTAL E A "DOUTRINA SECRETA". **(L. 4. pág. 46).**

Os *Evangelhos* apócrifos e *Jasher* são uma série de contos religiosos, em que um milagre sucede a outro milagre, e se narram as lendas populares como foram criadas pela primeira vez, sem considerar qualquer cronologia ou dogma. Ambos são pedras angulares das religiões mosaica e cristã. É evidente que existia um *Livro de Jasher* anterior ao *Pentateuco* mosaico, pois ele é mencionado em *Josué, Isaías e 2 Samuel*.

Em nenhum outro lugar se mostra tão claramente a diferença entre os eloístas e os jeovistas. Jehovah é aqui aquilo mesmo que dele falam os ofitas, um Filho de Ialdabaôth, ou Saturno. Neste Livro, os magos egípcios, quando o Faraó lhes perguntou "Quem é esse de que Moisés fala como o *Eu sou*?", respondem que "temos ouvido que o Deus dos hebreus é um filho do sábio, o filho de reis antigos" (cap. LXXXIX, 45). Pois bem, aqueles que afirmam que *Jasher* é uma fantasia do século XII - e nós acreditamos firmemente nisso - deveriam explicar o curioso fato de que, ao passo que o texto acima *não* se encontra na *Bíblia* a resposta a ele *está*, e está, além disso, vazada em termos inequívocos. Em *Isaías, XIX, 11*, o "Senhor Deus" lamenta-se furiosamente ao profeta e diz: "Certamente os príncipes de Zoan *são tolos*, o conselho dos sábios conselheiros do Faraó está-se tornando estúpido; como direis ao Faraó que eu sou o filho do sábio, o filho de antigos reis?"

- o que é evidentemente uma réplica. Em *Josué*, X, 13, faz-se uma referência a *Jasher*, em corroboração da asserção ultrajante de que o Sol e a Lua estavam parados até que o povo se vingasse. "Não está escrito no *Livro de Jasher*?" diz o texto. E em *2 Samuel, I, 18,* o mesmo livro é novamente citado. "Vede", diz ele, "está escrito no *Livro de Jasher*". Evidentemente, *Jasher* deve ter existido; devia ser considerado uma autoridade; deve ter sido mais velho que *Josué*; e, dado que o versículo de *Isaías* aponta infalivelmente para a passagem citada acima, temos pelo menos, com muita razão, de aceitar a edição corrente de *Jasher* como uma transcrição, um excerto ou um compilação da obra original, como temos de reverenciar o *Pentateuco* septuagista como os anais sagrados hebraicos primitivos.

De qualquer modo, Jeová não é o Ancião dos Anciães a que alude o *Zohar*, pois o vemos, nesse livro, aconselhando-se com Deus Pai em relação à criação do Mundo. "O senhor da obra falou ao Senhor. Façamos o homem à nossa imagem" (*Zohar*, I, fol. 25). Jeová é apenas o Metatron e talvez nem seja o mais superior dos Aeons, mas apenas deles, pois aquele a quem Onkelos chama *Memra*, a "Palavra", não é o Jeová exotérico da *Bíblia*, nem Yahve, o Ser Supremo.

Foi o sigilo dos cabalistas primitivos, ansiosos por esconder à profanação o Nome verdadeiro, e, mais tarde, a prudência que os alquimistas e os ocultistas medievais foram compelidos a adotar para salvar suas vidas - foi isso que causou a confusão inextricável dos Nomes divinos. Foi isso o que levou o povo a aceitar o Jeová da *Bíblia* como o nome do "Deus vivente Único". Todo ancião ou profeta judeu, e até mesmo outros homens de qualquer importância, conhecem a diferença; mas, como a diferença reside na vocalização do "nome", e a sua pronúncia correta leva à morte, nenhum iniciado o revelou ao povo comum, pois não queria arriscar a sua vida ao ensiná-lo. Assim, a divindade sinaítica foi aos poucos sendo considerada idêntica a "Aquele cujo nome só é conhecido do sábio". Quando Capellus traduz "quem quer que pronuncie o nome de Johovah sofrerá pena de morte", ele comete dois erros. O primeiro ao acrescentar a letra final *h* ao nome, se ele quer que essa divindade seja considerada masculina ou andrógina, pois a letra torna o nome feminino, como realmente devia ser, considerado que é um dos nomes de Binah, a terceira emanação; seu segundo erro está em afirmar que a palavra *nokeb* significa apenas pronunciar *distintamente*. Em conseqüência, o nome bíblico Jehovah deve ser considerado apenas um *sucedâneo* que, pertencendo a um dos "poderes", veio a ser visto como do "Eterno". Há um erro evidente (um dos muitos) em um dos textos do *Levítico*, que foi corrigido por Cahen e que prova que a interdição não concernia de maneira alguma ao nome exotérico de Jehovah, cujos numerosos nomes também podiam ser pronunciados sem se incorrer em qualquer pena de morte. Na viciosa versão inglesa, a tradução diz: "E aquele que blasfemar o nome do Senhor, será certamente condenado à morte", *Levítico*, XXIV, 6. Cahen traduz mais corretamente por: "E aquele que blasfemar o nome do *Eterno*, será condenado", etc. O "Eterno" é algo mais elevado do que o "Senhor" exotérico e pessoal.

Como nas nações gentias, os símbolos dos israelitas estavam relacionados, direta e indiretamente, ao culto do Sol. O Jehovah exotérico da *Bíblia* é um deus *dual*, como os outros deuses; e o fato de Davi - que ignora completamente Moisés - glorificar seu "Senhor" e lhe assegurar que o "Senhor *é* um grande Deus, e um grande Rei acima de todos os deuses", deve ter grande importância para os descendentes de Jacó e de Davi, mas seu Deus nacional não nos interessa de maneira alguma. Para nós, o "Senhor Deus" de Israel merece o mesmo respeito que Brahmâ, Zeus ou qualquer outra divindade secundária. Mas recusamos, muito enfaticamente, reconhecer nele a Divindade adorada por Moisés ou o "Pai" de Jesus, ou mesmo o "Inefável Nome" dos cabalistas. Jehovah talvez seja um dos *Elohim*, que estavam implicados na *formação* (que não é criação) do universo, um dos arquitetos que construíram a partir da matéria preexistente, mas ele nunca foi a Causa "Incognoscível" que criou (*bara*) na noite da Eternidade. Esses Elohim primeiro formam e bendizem, para depois *amaldiçoar e destruir*; como um desses Poderes, Jehovah é alternadamente benéfico; num momento ele pune e depois se arrepende. É o contratripo de muitos dos patriarcas - de Esaú e de Jacó, os gêmeos alegóricos, emblemas do duplo princípio manifestado da Natureza. É assim que Jacó, que é Israel, é a coluna esquerda - o princípio feminino de Esaú, que é a coluna direita e o princípio masculino. Quando luta com Malach-Iho, o Senhor, é este que se transforma na coluna direita, a quem Jacó-Israel chama Deus, embora os intérpretes da *Bíblia* tenham tentado transforma-lo num mero "anjo do Senhor" (*Gênese, XXXII*). Jacó vence-o - como a matéria costuma vencer o espírito - mas seu *músculo* é deslocado na luta.

O nome de Israel deriva de Isaral ou Asar, o Deus-Sol, conhecido como Suryal, Sûrya e Sur. Isra-el significa "o que luta com Deus". "O Sol que acende sobre Jacó-Israel" é o Deus-Sol Isaral, que fecunda a *matéria* ou Terra, representada pelo Jacó-*feminino*. Como de costume, a alegoria tem mais de um significado oculto na *Cabala*. Esaú, Aesaou, Asu também é o Sol. Como o "Senhor", Esaú luta com Jacó e não vence. O Deus-*Sol* primeiro luta contra ele e depois se eleva sobre ele em sinal de aliança.

"E quando passou por Penuel, *o Sol se ergueu sobre ele* e ele [Jacó] *coxeava de uma perna*" (*Gênese, XXXII, 31*). *Israel*-Jacó, oposto ao seu irmão Esaú, é *Samael* e "os nomes Samael e Azâzêl e Satã" (o opositor).

Se nos afirmassem que Moisés não estava familiarizado com a filosofia hindu e, portanto, não pôde tomar Siva, regenerador e destruidor, como modelo para o seu Jehovah, então teríamos de admitir que havia alguma intuição universal miraculosa que propiciou que toda a nação escolhesse para sua divindade nacional exotérica o tipo dual que encontramos no "Senhor Deus" de Israel. Todas estas fábulas falam por si mesmas. Shiva, Jehovah, Osíris - todos são símbolos do princípio ativo da Natureza *par excellence*. São as forças que presidem a formação ou *regeneração* da matéria e a sua destruição. São os tipos da Vida e da Morte, sempre fecundados e decompondo sob a influência da *anima mundi*, Alma intelectual Universal, espírito invisível mas onipresente que está por trás da correlação de forças cegas. Só esse espírito é imutável; portanto as forças do universo, causa e efeito, estão sempre em harmonia perfeita com essa grande Lei Imutável. A Vida Espiritual é o princípio primordial *superior*; a Vida Física é o princípio Primordial *inferior*, mas eles são apenas uma única vida em seu aspecto dual. Quando o Espírito se desliga completamente dos grilhões da correlação e sua essência se torna pura para se reunir à CAUSA, ele pode - quem pode dizer se ele realmente o deseja - vislumbrar a Verdade Eterna. Até então, não construamos ídolos à nossa imagem e não confundamos a sombra com a Luz Eterna.

CAPÍTULO IX

OS VEDAS E A BÍBLIA

OS OBJETIVOS DOS MITOS. (L. 4 pág. 57)

"Os mitos", diz Horácio em sua *Ars Poética*, "foram inventados pelos sábios para fortalecer as leis e ensinar as verdades morais." Ao passo que Horácio procurou esclarecer o espírito e a essência dos mitos antigos, Euhemerus pretendia, ao contrário, que "os mitos eram a história legendária dos reis e dos heróis, transformados em deuses pela admiração dos povos". Foi esse último método que os cristãos seguiram inferencialmente, quando concordaram com a aceitação dos patriarcas euhemerizados, e os confundiram com homens que houvessem realmente existido.

Mas, em oposição a essa teoria perniciosa, que produziu tantos frutos amargos, temos uma longa série dos grandes filósofos que o mundo produziu: Platão, Epicarmo, Sócrates, Empédocles, Plotino, Proclus, Damasceno, Orígenes, e mesmo Aristóteles. Este último confirmou plenamente a verdade do que dizemos, ao afirmar que um tradição da mais alta Antigüidade, transmitida à posteridade sob a forma de mitos variados, ensina-nos que os princípios primários da Natureza devem ser considerados como "deuses", pois o *divino* permeia toda a Natureza. Tudo o mais, detalhes e personagens, foram acrescentados posteriormente para uma compreensão mais clara do vulgo, e sempre com o objetivo de reforçar as leis inventadas no interesse comum.

Os contos de fadas não pertencem exclusivamente às amas; toda a Humanidade - exceto os poucos que em todas as épocas lhes compreenderam o sentido secreto e tentaram abrir os olhos supersticiosos - ouviu tais contos numa forma ou outra, e, depois de os transformar em símbolos sagrados, chamaram o resultado de RELIGIÃO!

O SISTEMA MÍTICO RELIGIOSO, TEM BASE NO SISTEMA NUMÉRICO. (L. 4. pág. 57).

Começaremos com o livro da *Gênese, e buscaremos seu sentido secreto nas tradições bramânicas e na Cabala* caldadico-judaica.

A primeira lição das Escrituras que nos ensinaram em nossa infância afirma que Deus criou o mundo em seis dias e descansou no *sétimo*. Por tal motivo, acredita-se que uma solenidade peculiar esteja vinculada ao sétimo dia, e os cristãos, adotando as rígidas observâncias do Sabbath judaico, no-lo impingiram, com a substituição do primeiro, e não do sétimo dia da semana.

Todos os sistemas de misticismo religioso se baseiam nos números. Para Pitágoras, a Monas, a unidade, emanando a Díada, e assim formando a trindade, e a quaternidade, o *Arba-il* (o *quatro místico*), compõe o número sete. A sacralidade dos números tem início no grande Primeiro - o UM -, e termina apenas com o zero - símbolos do círculo infinito que representa o universo. Todos os números intermediários, em qualquer combinação, ou mesmo multiplicados, representam idéias filosóficas, desde o esboço impreciso até o axioma científico definitivamente estabelecido, que se relacionam a um fato físico ou moral da natureza. Eles são uma chave para as antigas concepções sobre a cosmogonia, em seu sentido amplo, que inclui o homem e as coisas, e a evolução da raça humana, tanto espiritual como fisicamente.

O mundo *sete* é o mais sagrado de todos, e é, indubitavelmente, de origem hindu. Tudo que tinha alguma importância foi calculado e moldado nesse número pelos filósofos arianos - tanto as idéias como as localidades. Assim, eles tinham os:

Sapta-Rishis, ou sete sábios, que simbolizam as sete raças primitivas e diluvianas (pós-diluvianas, como dizem alguns).

Sapta-Lokas, os sete mundos inferiores e superiores, donde provinha cada um dos Rishis, e para onde retornava gloriosamente antes de alcançar a beatitude final da Moksha.

Sapta-Kulas, ou sete castas - com os brâmanes pretendendo representar os descendentes diretos da mais elevada de todas.

Além disso, há também *Sapta-Puras* (sete cidades sagradas); *Sapta-Dvîpas* (sete ilhas sagradas); *Sapta-Samudras* (os sete mares sagrados); *Sapta-Parvatas* (as sete montanhas sagradas); *Sapta-Aranyas* (os sete desertos); *Sapta-Vrikshas* (as sete árvores sagradas); e assim por diante.

Na Magia caldaico-babilônia, esse número reaparece de modo tão notável quanto entre os hindus. O número é *dual* em seus atributos, i.e., sagrado em um de seus aspectos, torna-se nefasto sob outras condições. Tal é o caso da seguinte encantação, que encontramos gravada nas tabuinhas assírias, e agora fielmente interpretadas.

"A tarde de mau-agouro, a região do céu, que produz a desgraça (...)

"Mensagem da peste.
"Depreciador de Nin-Ki-gal.
"Os sete deuses do vasto céu.
"Os sete deuses da vasta terra.
"Os sete deuses das radiosas esferas.
"Os sete deuses das legiões celestes.
"Os sete deuses maléficos.
"Os sete fantasmas - maus.
"Os sete fantasmas de flamas maléficas (...)
"Demônio mau, *alal* mau, *gigim* mau, *tilol* mau (...) deus maus, *maskim* mau.
"Espírito de sete céus, lembrai-vos (...) Espírito de sete terras, lembrai-vos (...) etc."

Esse número reaparece igualmente em quase todas as páginas do *Gênese* e em todos os livros mosaicos, e encontramo-lo de forma notável (ver o capítulo seguinte) no *Livro de Jó* e na *Cabala* oriental. Se os semitas hebreus o adotaram tão facilmente, devemos inferir que não o fizeram às cegas, mas com pleno conhecimento de seu sentido secreto; é por essa razão que eles devem ter adotado as doutrinas de seus vizinhos "pagãos". É, portanto, natural que busquemos na filosofia *pagã* a interpretação desse número, que reaparece novamente no Cristianismo com os *sete* sacramentos, as *sete* igrejas na Ásia Menor, por *sete* pecados capitais, nas *sete* virtudes (quatro cardeais, e três teológicas), etc.

Teriam as *sete* cores primárias do arco-íris vistas por Noé outro significado além da aliança entre Deus e o homem para refrescar a memória deste último? Para o cabalista, pelo menos, elas têm significado inseparável dos sete trabalhos da Magia, as sete esferas superiores, as sete notas da escala musical, os sete números de Pitágoras, as sete maravilhas do mundo, as sete eras, e os sete passos dos maçons, que levam ao Santo dos Santos, depois de passar pelos vôos do *três* e do *cinco*.

De onde procede portanto a identidade desses números enigmáticos, que se acham em todas as páginas das Escrituras judaicas, assim como em todo *ola* e *sloka* dos livros budistas e bramânicos? De onde vêm esses números que são a alma do pensamento de Pitágoras e de Platão, e que nenhum orientalista não-iluminado, e nenhum estudante da Bíblia jamais foi capaz de penetrar? Mesmo que tivessem eles a chave, não a saberiam utilizar. Em parte alguma como na Índia foi tão bem compreendido o valor místico da linguagem humana, ou tão perfeitamente entendido ou explicado o seu efeito sobre a ação humana, como pelos autores dos *Brâhmanas* mais antigos, em que, não obstante a sua remota antigüidade, se expõem de forma assaz concreta as especulações metafísicas abstratas de seus próprios ancestrais.

Tal é o respeito que os brâmanes mostravam pelos mistérios sacrificais que, segundo sua concepção, o próprio mundo veio à existência como conseqüência de uma "palavra sacrifical" pronunciada pela Primeira Causa. Essa palavra é o "Inefável Nome" dos cabalistas.

O segredo dos *Vedas*, por mais "Conhecimento Sagrado" que estes possam ser, é impenetrável sem a ajuda dos *Brâhmanas*. Corretamente falando, os *Vedas* (que estão escritos em verso e distribuídos em quatro livros) constituem essa porção chamada de *Mantra*, ou orações mágicas, e os *Brâhmanas* (que são em prosa) contêm a sua chave. Ao passo que apenas a parte do *Mantra* é sagrada, a porção dos *Brâhmana* contém todas as exegeses teológicas, as especulações e as explicações sacerdotais. Nossos orientalistas, repetimos, jamais farão qualquer progresso substancial na compreensão da literatura védica enquanto não derem o devido valor a obras que agora desprezam, a *Aitareya-Brâhmana* e a *Kaushîtaki-Brâhmana*, que pertencem ao *Rig-Veda*.

OS MITOS ANTIGOS. (L. 4 pág. 65.)

Entrementes, esquecidos das pretensas autoridades, tentamos examinar, nós mesmos, alguns desses mitos antigos. Procuraremos uma explicação na interpretação popular, e sentiremos nosso caminho com a ajuda da lâmpada mágica de Trismegistro - o misterioso número *sete*. Deve haver alguma razão para esse número tenha sido universalmente aceito como um número de cálculo. Para todos os povos antigos, o Criador, ou Demiurgo, estava assentado sobre o sétimo céu. "Se tivesse de falar da iniciação em nossos Mistérios sagrados", diz o Imperador Juliano, o cabalista, "que os caldeus consagraram ao *Deus dos sete raios, cuja veneração exaltava as almas*, diria coisas desconhecidas, *muito desconhecidas do vulgo*, mas bem conhecidas dos *Abençoados Teurgistas*". Em Lido, afirma-se que "Os caldeus chamam ao Deus de IAÔ, e TSABAÔTH é ele amiúde chamado, pois *Aquele* que está sobre as sete órbitas [céus, ou esferas], esse é o Demiurgo".

Precisamos consultar os pitagóricos e os cabalistas para aprender a potencialidade desse número. Exotericamente, os sete raios do espectro solar são representados concretamente no deus de sete raios Heptaktys *. (* O mesmo que IAO). Esses sete raios, resumidos em TRÊS raios primários, a saber, o vermelho, o azul e o amarelo, formam a trindade solar, e simbolizam respetivamente o espírito-essência. A ciência também reduziu recentemente os sete raios a três primários, corroborando assim a concepção científica dos antigos de pelo menos uma das manifestações visíveis da divindade invisível, e o sete dividido numa quaternidade e numa trindade.

Os pitagóricos chamavam o número sete de veículo da vida, como se ele contivesse corpo e alma. Eles explicavam tal ponto dizendo que o corpo humano consistia de quatro elementos principais, e que a alma é tripla, compreendendo razão, paixão e desejo. A PALAVRA inefável era considerada a Sétima Palavra, a mais alta de todas, pois há seis substitutas menores, cada qual pertencendo a um grau de iniciação. Os judeus derivaram seu Sabbath dos antigos, que o chamavam de dia de *Saturno* e o consideravam maléfico, e não dos últimos dos israelitas quando cristalizados. Os povos da Índia, da Arábia, da Síria e do Egito observavam semanas de sete dias; e os romanos aprenderam o método hebdomadário dessas nações estrangeiras quando elas se tornaram sujeitas ao Império. Foi apenas no século IV que as calendas, as nonas e os idos romanos foram abandonados, e as semanas empregadas em lugar; e os nomes astronômicos dos dias, tais como *dies Solis* (dia do Sol); *dies Lunae* (dia da Lua), *dies Martis* (dia de Marte); *dies Mercurii* (dia de Mercúrio); *dies Jovis* (dia de Júpiter), *dies Veneris* (dia de Vênus), e *dies Saturni* (dia de Saturno) provam que a semana de sete dias não foi emprestada dos judeus. Antes de examinar cabalisticamente esse número, propomos analisa-lo do ponto de vista do Sabbath judaico-cristão.

Quando Moisés institui o *yom sheba*, ou *Shebang* (Shabbath), a alegoria do Senhor Deus que repousa de seu trabalho de criação no sétimo dia era apenas um *disfarce*, ou, como expressa o *Zohar*, um manto, para ocultar o verdadeiro significado.

Os judeus computavam então, como o fazem hoje, os seus dias pelo número, do seguinte modo: dia, o *primeiro*; dia, o *segundo;* e assim por diante; *yom a'had; yom sheni; yom shelishi; yomrebí'i; yom `hamishi; yom shishshi; yom shebí'i.*

O *sete* hebraico, que consiste de três letras, sh, b, ô, tem mais de um significado. Em primeiro lugar, ele significa século, *idade* ou ciclo, Sheb-ang; Sabbat, pode ser traduzido por *idade antiga*, e também por *descanso*, e no antigo copta *Sabe* significa *sabedoria, saber*. Os arqueólogos modernos descobriram que como no hebraico shib, também significa *de cabeça grisalha*, e que por conseguinte o dia do *Saba* era o dia em que os "homens de cabeça grisalha", ou os "pais antigos" de uma tribo tinham o costume de fazer reuniões para concílios ou sacrifícios.

Portanto, a semana de sei dias e o sétimo, o período do dia de *Sapta* ou *Saba,* é da mais alta antigüidade. A observância dos festivais lunares na Índia mostra que essa nação também mantinha encontros hebdomadários. A cada novo quadro. a Lua produz alterações na atmosfera, e por isso certas modificações também são produzidas por todo o nosso universo, das quais as meteorológias são as mais insignificantes. Por ocasião do *sétimo* e mais poderoso dos dias prismáticos, os adeptos da "Ciência Secreta" se encontravam, como o faziam há milhares de anos, a fim de se tornarem os agentes dos poderes ocultos da Natureza (emanações do Deus operante), em consonância com os mundos invisíveis. É nessa observância do sétimo dia pelos sábios antigos - não por causa do dia de descanso da Divindade, mas por que eles lhes compreenderam o poder oculto - que repousa a profunda veneração de todos os filósofos pagãos pelo número *sete* que eles chamam de "venerável", o número sagrado. A *Tetraktys* pitagórica, reverenciada pelos platônicos, consistia num *retângulo*, representado este último - a Trindade - uma encarnação da *Mônada* invisível - a unidade, e era tal nome tão sagrado que só se podia pronunciá-lo dentro das paredes de um Santuário.

A observância ascética do Sabbath cristão pelos protestantes não passa de pura tirania religiosa, e, conforme tememos, faz muito mais mal do que bem. Ela data, na verdade, apenas da *Lei* de Carlos II, que proibia qualquer "comerciante, artífice, operário, camponês, ou outra pessoa" de "fazer qualquer trabalho mundano, etc., etc., no dia do Senhor. Os puritanos levaram tal coisa ao extremo, aparentemente para assinalar seu ódio ao catolicismo romano e episcopal. Não estava nos planos de Jesus distinguir um tal dia, como se pode constatar não apenas por suas palavras, como também por seus atos. Ademais, os cristãos primitivos não observavam esse preceito.

Quando Trifon, *o Judeu*, censurou os cristãos *por não terem um Sabbath,* o que lhe respondeu o mártir? "A nova lei vos mandará um perpétuo Sabbath. *Por passardes um dia na ociosidade, julgai-vos religioso*. O Senhor não se agrada com tais coisas. Se o *perjuro e o fraudulento* se arrependerem, se o *adúltero* se reformar, *guardarão eles o Sabbath que mais agrada a Deus* (...) Os elementos nunca descansam,

e não guardam nenhum Sabbath. Se antes de Moisés não houve necessidade de guardar o Sabbath, tampouco haverá depois de Jesus Cristo".

A EMANAÇÃO DA CAUSA SUPREMA. **(L. 4. pág. 67).**

A *Heptaktys* (ou IAHO) não é a Causa Suprema, mas simplesmente uma emanação dEle - a primeira manifestação visível do Poder Não Revelado. "Seu *Sopro* Divino, que, surgindo violentamente, se condensou, brilhando com radiância, até que se transformou em Luz, e assim se tornou visível aos sentidos externos", diz John Reuchlin. Tal é a emanação do Supremo, o Demiurgo, uma multiplicidade numa *unidade*, os *Elohim,* que vemos *criando* nosso mundo, ou antes moldando-o, em seus dias, e descansando no *sétimo*. E quem são esses *Elohim,* senão poderes evemerizados da Natureza, os fieis mensageiros manifestos, as leis daquEle que é lei e harmonia imutável?

Eles demoram no sétimo céu (ou mundo espiritual), pois foram eles que, segundo os cabalistas, formaram sucessivamente os seis mundos materiais, ou melhor, os seis esboços de mundos, que precederam o nosso, que, conforme dizem, é o *sétimo*. Se, deixarmos de lado a concepção metafísico-espiritual, prestarmos atenção apenas ao problema religioso-científico da criação em "seis dias", no qual nossos melhores eruditos da *Bíblia* tanto meditaram em vão, poderemos, talvez, desentranhar o sentido oculto dessa alegoria. Os antigos eram filósofos, congruentes em todas as coisas. Assim, eles ensinaram que cada um desses mundos, tendo alcançado a sua evolução física, e atingido - graças a nascimentos, crescimento, maturidade, velhice e morte - o fim de seu ciclo, retornaram à sua forma subjetiva primitiva de terra *espiritual*, servindo, doravante, por toda a eternidade, como morada daqueles que a haviam habitado como homens, e mesmo animais, porém que serão agora espíritos. Essa idéia, embora seja tão difícil de provar quanto a de nossos teólogos relativa ao Paraíso, é, pelo menos, um pouco, mas filosófica.

Assim como o homem, e como todas as outras coisas vivas sobre ele, nosso planeta está sujeito à evolução espiritual e física. De um impalpável *pensamento* idéia sob a Vontade criativa d'AquEle de quem nada sabemos, e que só podemos conceber obscuramente na imaginação, este globo tornou-se fluido e semi-espiritual, e então se condensou mais e mais, até que o seu desenvolvimento físico - matéria, o demônio tentador - o compeli a tentar sua própria faculdade criadora. A *Matéria* desafiou o ESPÍRITO, e a Terra teve também a sua "Queda". A maldição alegórica sob a qual ele trabalha é que ele apenas *procria, e não cria.* Nosso planeta físico é apenas o servo do espírito, seu patrão. "Maldita é a terra (...) espinhos e cardos ela produzirá", dizem os Elohim. "Na dor parirás teus filhos." Os Elohim dizem isto à terra e à mulher. E essa maldição perdurará até que a menor partícula de matéria sobre a terra tenha sobrevivido a seus dias, até que todo grão de pó se tenha transformado, pela transformação gradual através da evolução, numa parte constituinte de uma "alma viva", e até que esta tenha completado o arco cíclico, e finalmente se deponha - se próprio *Metratron*, ou Espírito Redentor - aos pés do patamar superior dos mundos espirituais, como na primeira hora de sua emanação. Além, repousa o grande "Abismo" - UM MISTÉRIO!

Deve-se lembrar que toda cosmogonia tem uma *trindade* de trabalhadores à sua testa - Pai, espírito; Mãe, Natureza, ou matéria; e o universo manifestado, o Filho, ou resultado de ambos. O universo, assim como cada planeta que ele compreende, passa também por quatro idades, como o próprio homem. Todos têm sua infância, sua juventude, sua maturidade e sua velhice, e essas quatro idades, acrescentadas a três outras, perfazem novamente o sete.

A GÊNESE DA BÍBLIA JUDAICA, AS TENTATIVAS DE CRIAÇÃO DO MUNDO. **(L. 4. pág. 68).**

Os capítulos introdutórios do *Gênese* nunca pretenderam apresentar sequer uma remota alegoria da criação de *nossa* terra. Eles consistem (capítulo I) numa concepção metafísica de algum período indefinido na eternidade, quando tentativas sucessivas estavam sendo feitas pela lei de evolução para a formação de universos. Essa idéia consta com clareza do *Zohar*: "Houve mundos que pereceram assim que vieram à existência; eram informes e chamavam-se *chispas*. Assim, o ferreiro, quando amolga o ferro, deixa que as chispas voem em todas as direções. As chispas são os mundos primordiais que não podem continuar, porque o *Ancião Sagrado* [Sephirah] ainda não assumira a sua forma [de sexos opostos ou andróginos] de rei e rainha [Sephirah e Cadmo] e o Mestre não se tinha ainda posto a trabalho".

Os seis períodos, ou "dias" do *Gênese* referem-se à mesma crença metafísica. Cinco de tais infrutíferas tentativas foram feitas pelos *Elohim*, mas a sexta resultou em mundo como o nosso (i.e., todos os planetas e muitas estrelas são mundos, e habitados, embora não como nossa Terra). Tendo formado este mundo por fim no sexto período, os Elohim descansaram no *sétimo*. Assim, o "Sagrado", quando criou o

presente mundo, disse: "Este me agrada; os anteriores não me agradavam". E os Elohim "viram tudo que ele havia feito, e consideraram que *era* bom. E a tarde e a manhã foram o sexto *dia"*. - *Gênese*, I, 31.

O leitor deverá lembrar-se de que no Capítulo IV se explicou o sentido do "dia" e da "noite" de Brahmâ. O primeiro representa um certo período de atividade cósmica; a segunda. um período igual de repouso cósmico. Num, os mundos estão em evolução, e passam pelas quatro idades de existência; noutro, a "inspiração" de Brahmâ reverte a tendência das forças naturais; o visível dispersa-se gradualmente; instala-se o caos; e uma longa noite de repouso revigora o cosmo para o seu termo seguinte de evolução. Na manhã de um desses "dias", os processos formativos atingem gradualmente o seu clímax de atividade; à tarde, os mesmos processos diminuem imperceptivelmente, até que chega o *pralaya* (período de repouso), e, com ele, a "*noite*". Uma manhã e uma tarde constituem de fato um dia cósmico; e era num "dia de Brahmâ" que pensava o autor cabalista do *Gênese* quando dizia: "E a tarde e a manhã foram o primeiro (ou quinto, ou sexto, ou qualquer outro) *dia"*. Seis dias de evolução gradual, um de repouso, e então - a tarde! Desde a primeira aparição do homem sobre a *nossa* terra, tem sido o tempo um Sabbath eterno de repouso para o Demiurgo.

As especulações cosmogônicas dos primeiros seis capítulos do *Gênese* se demonstram nas raças dos "filhos de Deus", "gigantes", etc., do capítulo VI. Propriamente falando, a história da formação de nossa Terra, de nossa "criação", como a chamam de forma assaz inadequada, começa com o resgate de Noé das águas do dilúvio. As tábuas caldaico-babilônicas recentemente traduzidas por George Smith não deixam nenhuma dúvida do que passava pela mente daqueles que liam esotericamente as inscrições. Ishtar, a grande deusa, fala na coluna III da destruição do *sexto* mundo, e do surgimento do sétimo, nos seguintes termos:

> "Por seis dias e noites, dominaram o vento, o dilúvio e a tempestade.
> "No *sétimo* dia, a tempestade se acalmou, e cessou o dilúvio,
> "que a tudo havia destruído como um terremoto,
> "Ele fez o oceano secar-se, e pôs fim ao vento e ao dilúvio. (...)
> "Eu percebi a costa no limite do mar. (...)
> "Ao país de Nizir veio a nau [argha, a Lua].
> "a montanha de Nizir deteve a nau. (...)
> "O *primeiro* dia, e o *segundo* dia, a montanha de Nizir fez o mesmo. (...)
> "O *quinto*, o *sexto*, a montanha de Nizir fez o mesmo.
> "No curso do *sétimo* dia
> "Enviei uma pomba e ela foi. A pomba foi e voltou, e (...) o corvo foi (...) e não voltou. (...)
> "Ergui um altar no topo da montanha.
> "cortei *sete* ervas, e em sua base depus bambus, pinhos e especiarias. (...)
> "os deuses acudiram como moscas para o sacrifício.
> "Da antigüidade *também o grande Deus* em seu curso.
> "o grande fulgor [o Sol] de Anu criou. Quando a glória desses deuses sobre o amuleto em torno do meu pescoço eu não deixaria (...), etc.

Tudo isso tem uma relação puramente astronômica, mágica e esotérica. Quem quer que leia essas tábuas reconhecerá de pronto o conteúdo bíblico, e julgará, ao mesmo tempo, quando foi desfigurado o grande poema babilônico por personagens eveméricas - degradadas de suas elevadas posições de deuses em simples patriarcas. O espaço nos impede de entrar profundamente nessa caricatura bíblica das alegorias caldaicas. Lembraremos apenas ao leitor que pela confissão das testemunhas mais insuspeitas - como Lenormant, primeiro o inventor e depois o campeão dos acádios - a tríada caldaixo-babilônica colocada sob Ibon, a divindade *não revelada*, é composta de Anu, Nuab e Bel. Anu é o caos primordial, o deus, simultaneamente, do tempo e do mundo, a matéria incriada do princípio fundamental de todas as coisas. Quando a *Nuah*, ele é, de acordo com o mesmo orientalista:

"(...) a inteligência, diremos de bom grado o *verbum*, que anima e fecunda a matéria, que penetra o universo, que o dirige e o faz viver; e Nuah é ao mesmo tempo o rei do *princípio úmido; o Espírito que se move sobre as águas"*.

Não é isto evidente? Nuah é Noé, *que flutua sobre as águas,* em sua arca, sendo esta o emblema de argha, a Luz, o princípio feminino; Noé é o "espírito" que cai na matéria. Assim que desce à Terra, ele planta uma vinha, bebe do vinho e se embebeda; i. e., o espírito puro fica intoxicado na medida em que é finalmente aprisionado na matéria. O sétimo capítulo do *Gênese* não passa de outra versão do primeiro. Assim, enquanto este diz: "(...) e as trevas cobriam o abismo. E o espírito de Deus pairava sobre as águas", no sétimo capítulo lê-se : "(...) e as águas subiram (...) e a arca [com Noé - o espírito] flutuava sobre as águas". Assim, Noé, se

[identificado com] o Nuah caldeu, é o espírito que vivifica a *matéria*, que ademais é o caos representado pelo Abismo ou as Águas do Dilúvio. Na lenda babilônica, é Ishtar (Astoreth, a Luz) que é encerrada na arca e que envia uma pomba (emblema de Vênus e de outras deusas lunares) em busca de terra seca. E enquanto nas tábuas semitias é Xisuthros ou Hasisadra que é "levado à companhia dos deuses por sua piedade", na *Bíblia* é Enoch que caminha com os deuses e é por eles levado "para sempre".

A existência sucessiva de um incalculável número antes da subseqüente evolução do nosso próprio planeta, constitui uma crença de todos os povos antigos. A punição dos cristãos, por terem despojado os judeus de seus registros e recusado a verdadeira chave para a sua interpretação, teve início nos primeiros séculos. E assim é que encontramos os santos padres da Igreja trabalhando com uma cronologia impossível e com os absurdos da interpretação literal, ao passo que os rabinos eruditos estavam a par do significado real de suas alegorias. Não apenas no *Zohar*, mas também em muitas outras obras cabalísticas aceitas pelos talmudistas, tal como *Midrash Berêhîth Rabbah*, ou o *Gênese* universal, que, com o *Merkabah* (o carro de Ezequiel), compõem a *Cabala*, pode-se encontrar a doutrina segundo a qual toda uma série de mundos evolui do caos, e é sucessivamente destruída.

AS ALEGORIAS DA "QUEDA DO HOMEM". (L. 4. pág. 70).

As doutrinas hindus falam de dois *Pralayas*, ou dissoluções; uma universal, o *Mahâ-Pralaya*, a outra parcial, ou *Pralaya* menor. Isto não diz respeito à dissolução universal que ocorre ao fim de todo "Dia de Brahmâ", mas aos cataclismos geológicos ao fim de todo ciclo menor de nosso globo. Esse dilúvio histórico e local da Ásia Central, cujas tradições podem ser traçadas em todos os países, e que, de acordo com Bunsen, ocorreu por volta do ano 10.000, nada tem a ver com o Noé, ou Nuah, mítico. Um cataclismo parcial ocorre ao término de toda "idade" do mundo, dizem elas, e não destrói a este, mas apenas lhe modifica a aparência geral. Novas raças de homens e animais e uma nova flora têm origem na dissolução das precedentes.

As alegorias da "queda do homem" e do "dilúvio" são as caraterísticas mais importantes do *Pentateuco*. Elas são, por assim dizer, o Alfa e o Ômega, as chaves superiores e inferiores da escala de harmonia na qual ressoa o majestoso hino da criação da Humanidade, pois revelam àquele que interroga a *Zura* (figurado, *Gematria*), o processo da evolução humana desde a entidade espiritual mais elevada até o homem pós-diluviano mais inferior; como nos hieróglifos egípcios, em que cada signo da escrita pictográfica que não pode ser relacionado a uma determinada figura geométrica circunscrita deve ser rejeitado, por se tratar de um véu erguido deliberadamente sagrado, muitos dos detalhes da *Bíblia* podem ser tratados com base no mesmo princípio, aceitando-se uma parte apenas quando responde aos métodos numéricos ensinados na *Cabala*.

O dilúvio figura nos livros hindus apenas como uma tradição. Não tem nenhum caráter sagrado, e o encontramos no *Mahâbrârata*, nos *Purânas*, e ainda antes no *Satapatha*, um dos últimos *Brâhmanas*. É mais do que provável que Moisés, ou quem quer que tenha escrito por ele, utilizou esses relatos como base de sua própria alegoria propositadamente desfigurada, acrescentando-lhe ademais a narrativa caldaico-berosiana. No Mahâbrârata, reconhecemos Nimrod sob o nome do *King Daitya*. A origem da fábula grega dos Titãs escalando o Olimpo, e a da outra sobre os construtores da Torre de Babel que procuram alcançar o céu, acha-se no ímpio *Daitya*, que lança imprecações contra o relâmpago do céu, e tenta conquistar o próprio céu com seus poderoso guerreiros, trazendo dessa forma para a Humanidade a ira de Brahmâ. "O Senhor então resolveu", diz o texto, "castigar as suas criaturas com uma terrível punição que serviria como uma advertência para os sobreviventes, e os seus descendentes."

Vaivasvata (que na *Bíblia* torna-se Noé) salva um pequeno peixe, que vem a ser um *avatâra* de Vishnu. O peixe avisa ao justo homem que o bloco está prestes a ser submerso, que tudo que o habita deve perecer, e ordena-lhe que construa um barco no qual embarcará, com toda a sua família. Quando o barco está pronto, e *Vaivasvata* encerrado nele com sua família, *com as sementes das plantas e com os pares de todos os animais*, e a chuva começa a cair, um gigantesco peixe, armado com um corno, se coloca à testa da arca. O santo homem, seguindo suas ordens, amarra uma corda ao seu corno, e o peixe guia o navio com segurança através dos elementos em revolta. Na tradição hindu, o número de dias durante os quais durou o dilúvio *concorda exatamente com o relato mosaico*. Quando os elementos se acalmaram, o peixe depôs a arca no topo do Himâlaya.

Muitos comentadores ortodoxos afirmam que essa fábula foi emprestada das *Escrituras* mosaicas. Mas, se um cataclismo *universal* como esse tivesse ocorrido à memória humana, alguns dos monumentos egípcios, dos quais muitos são de uma tremula antigüidade, teriam com certeza registrado essa ocorrência, justamente com a da desgraça de Cão, Canaã e Mizraim, seus pretensos ancestrais. Mas até o presente não se encontrou a menor alusão a tal calamidade, embora Mizraim certamente pertença à primeira geração pós-

diluviana, se é que ele próprio não seja pré-diluviano. Por outro lado, os caldeus preservaram a tradição, como o testemunha Berosus, e hindus antigos possuem a lenda tal como dada acima. Ora, há apenas uma explicação para o extraordinário fato de que de duas nações civilizadas e contemporâneas como Egito e Caldéia, uma não tenha preservado nenhuma tradição a respeito, embora tivesse um interesse direto a ocorrência - se acreditamos na *Bíblia* -, e a outra sim. O dilúvio relatado na *Bíblia*, em um dos *Brâhmanas*, e nos *Fragmentos* de Berosus, dá notícia do dilúvio parcial que, por volta do ano 10.000, segundo Busen, e de acordo também com as computações Bramânicas do Zodíaco, mudou toda a face da Ásia Central. Portanto, os babilônios e os caldeus poderiam ter tido dele conhecimento através de seus misteriosos convidados, batizados por alguns assiriólogos de acádios, ou, o que é ainda mais provável, eles próprios talvez tenham sido os descendentes daqueles que haviam habitado as localidades submersas. Os Judeus tornaram a narrativa dos caldeus, assim como tudo o mais; os brâmanes podem ter registrado as tradições das terras que invadiram, e que eram talvez habitadas antes de eles terem dominado o Puñjâb. Mas os egípcios, cujos primeiros colonos vieram evidentemente da Índia setentrional, tinham menos razões para registrar o cataclismo, visto que ele talvez jamais os tenha afetado, exceto indiretamente, pois o dilúvio se limitou à Ásia Central.

Burnouf, comentando o fato de que a história do dilúvio se acha apenas em um dos Brâhmanas mais modernos, pensa também que ela deve ter sido tomado pelos hindus das nações semitas. Contra tal suposição, enfileiram-se todas as tradições e costumes dos hindus. Os Âryas, e especialmente os brâmanes, jamais tomaram o que quer que seja dos semitas, e aqui somos apoiados por uma dessas "testemunhas involuntárias", como chama Higgins aos partidários de Jeová e da *Bíblia*. "Jamais vi coisa alguma na história dos egípcios e dos judeus", escreve o Abade Dubois, após quarenta anos residindo na Índia, "que me induzisse a acreditar que uma das nações ou qualquer outra na face da Terra se tenha estabelecido mais cedo do que os hindus e particularmente os brâmanes; portanto, não posso acreditar que estes últimos tomado seus ritos de nações estrangeiras. Pelo contrário, deduzo que eles os extraíram de uma fonte original e própria. Quem quer que conheça algo do espírito e do caráter dos brâmanes, e sua majestade, o seu orgulho e extrema vaidade, a sua distância e seu soberano desrespeito por tudo o que é estrangeiro e pelo que eles não podem orgulhar-se de ser os inventores, concordará comigo em que tal povo não pode ter consentido em tomar seus costumes e regras de conduta de um país alienígena."

A fábula que menciona o primeiro avatâra - Matsya - diz respeito a outro *yuga*, diferente do nosso, o primeiro aparecimento da vida animal; talvez, quem sabe, ao período devoniano de nossos geólogos. Ela com certeza corresponde melhor a esse período do que o ano 2348 a.C.! Além disso, a própria ausência de qualquer menção ao dilúvio nos livros mais antigos dos hindus sugere um poderoso argumento quando só podemos nos haver com inferências, como neste caso. "Os *Vedas e Manu*", diz Jacolliot, "esses monumentos do antigo pensamento asiático, existiam muito tempo antes do período diluviano; *esse é um fato indiscutível, e tem todo o valor de uma verdade histórica*, pois, além da tradição que mostra o próprio Vishnu salvando os *Vedas* do dilúvio - tradição que, não obstante a sua forma lendária, deve certamente repousar num fato real -, é bem evidente que nenhum desses livros sagrados faz menção ao cataclisma, ao passo que os *Purânas* e o *Mahâbhârata*, e um grande número de outras obras mais recentes, o descrevem com profusão de detalhes, *o que é uma prova da anterioridade dos primeiros textos*. Os *Vedas* não deixaram certamente de conter uns poucos hinos sobre o terrível desastre que, mais do que todas as outras manifestações naturais, deve ter impressionado a imaginação das pessoas que o testemunharam.

"Nem teria Manu, que nos dá uma completa narrativa da criação, com uma cronologia das eras divinas e heróicas, até o aparecimento do homem sobre a Terra - deixando passar em silêncio um evento de tal importância. (...) *Manu* (livro I, sloka 35) dá os nomes de dez eminentes santos a quem chama de *prajâpatis*, em quem os teólogos bramânicos vêem profetas, ancestrais da raça humana, e os pânditas simplesmente consideram como os dez reis poderosos que viveram no Krita-yuga, ou a idade do bem (a "era de ouro" dos gregos)."

O último desses *prajâpatis* é Nârada.

"Enumerando a sucessão desses seres eminentes que, de acordo com Manu, governaram o mundo, o velho legislador bramânico os designa como descendentes de *Bhrigu: Svârochisha, Auttami, Tâmasa, Raivata*, o glorioso *Châkshusha*, e o filho de *Vivasvat*, cada um dos quais se tornou digno do título de Manu (legislador divino), título que pertencia igualmente aos Prajâpatis e a todo grande personagem da Índia primitiva. A genealogia detém-se nesse nome.

"Ora, segundo os *Purânas e o Mahâbhârata*, foi sob um descendente desse filho de Vivasvat, de nome Vaivasvata, que ocorreu o grande cataclismo; cuja lembrança, como se verá, passou à tradição, e foi trazida pela emigração a todos os países do Oriente que a Índia colonizou desde então.(...)

"Visto que a genealogia dada por Manu pára, como vimos, em Vivasvat, segue-se que essa obra [a de Manu] nada sabia, seja de Vaivasvata, seja do dilúvio."

A História fala-nos da corrente de imigração ao longo do Indo, e da sua posterior invasão do Ocidente, como populações de origem hindu abandonando a Ásia Menor para colonizar a Grécia. Mas a História não diz uma única palavra sobre o "povo eleito" ou sobre as colônias gregas que teriam penetrado a Índia antes dos séculos V e IV a.C., época em que encontramos as primeiras e vagas tradições que fazem algumas das problemáticas tribos *perdidas* de Israel tomar, na Babilônia, a rota para a Índia. Mas mesmo se a história das dez tribos fosse digna de crédito, e, se provasse que as tribos existiram tanto na história sagrada como na profana, isso não ajudaria na solução do problema. Colebrooke, Wilson e outros eminentes indianistas mostram que o *Mahâbhârata*, se não o *Satapatha-Brâhmana*, em que a história também figura, é anterior à época de Ciro - e, por conseguinte, anterior à época possível do surgimento de qualquer das tribos de Israel na Índia.

A ANTIGÜIDADE DOS LIVROS SAGRADOS DO EGITO. **(L. 4. pág. 75).**

Lendas, mitos, alegorias, símbolos, se pertencem à tradição hindu, caldaica ou egípcia, são lançados à pilha como ficção. Dificilmente são eles honrados com uma pesquisa superficial sobre suas relações possíveis com a astronomia ou os emblemas sexuais. Os mesmos mitos - quando e por que mutilados - são aceitos como Escrituras Sagradas, mais - como Palavra de Deus! É isso História imparcial? É isso justiça para com o passado, o presente ou o futuro? "Não poderemos servir a Deus e a Mammon", disse o Reformador, há dezenove séculos. "Não podemos servir à verdade e ao preconceito público", deveríamos dizer com mais propriedade ao nosso próprio século. Contudo, nossas autoridades pretendem estar a serviço da primeira.

Há poucos mitos em qualquer sistema religioso que não tenham um fundamento histórico e científico. Os mitos, como afirma corretamente Pococke, "revelam-se agora como fábulas, apenas na medida em que *não os compreendemos*; e como verdades, na medida em que eram outrora *entendidos*. Nossa ignorância consiste em ter feito da história um mito; e esta ignorância é uma herança helênica, conseqüência da vaidade helênica.

Bunsen e Champollion já demonstraram que os livros sagrados do Egito são muito mais antigos do que a parte mais antiga do *Livro Gênese*. E uma pesquisa mais cuidadosa parece agora corroborar a suspeita - que para nós é uma certeza - de que as leis de Moisés são cópias do código do *Manu* bramânico. Portanto, segundo todas as probabilidades, o Egito deve sua civilização, suas instituições civis e suas artes, à Índia.

Sabido é que os orientalistas não se puseram de acordo quanto à época de Zoroastro, e, enquanto a questão não ficar estabelecida, será talvez mais seguro acreditar implicitamente nos cálculos bramânicos pelo Zodíaco, do que nas opiniões dos cientistas. Há a de Bunsen, que situa Zoroastro na Bactriana, e a emigração dos bactrianos ao Indo em 3794 (a.C.), e o nascimento de Moisés em 1392 (a.C.). Mas é difícil situar Zoroastro antes dos *Vedas*, considerando que toda a sua doutrina já se acha nos *Vedas*. Na verdade, ele demorou no Afeganistão por um período mais ou menos problemático antes de cruzar o Puñjâb; mas os *Vedas* foram iniciados neste último país. Eles indicam o progresso dos hindus, assim como o *Avesta* o dos iranianos. E há a de Haug, que atribui o *Aitareya-Brâhmanam* - um comentário especulativo bramânico sobre o *Rig-Veda*, muito mais recente do que o *Veda* - ao período entre 1400 e 1200 a.C., ao passo que os *Vedas* são por ele situados entre os anos 2000 e 2400 a.C. Max Müller sugere cautelosamente certas dificuldades nessa computação cronológica, mas não a nega em absoluto. Seja como for, e supondo que o *Pentateuco* foi escrito pelo próprio Moisés - embora dessa forma ele teria por duas vezes registrado sua morte -, se Moisés nasceu como acredita Bunsen, em 1392 a.C., o *Pentateuco* não poderia ter sido escrito *antes dos Vedas*. Especialmente se Zoroastro nasceu em 3784 a.C. Se, como afirma o Dr. Haug, alguns dos hinos do *Rig-Veda* foram escritos antes de Zoroastro ter realizado seu cisma, por volta de 3700 a.C., e Max Müller diz que "os zoroastristas e os seus ancestrais partiram da Índia durante o período védico", como podem algumas partes do *Antigo Testamento* remontar à mesma data, "ou até antes dos hinos mais antigos do *Veda*"?

Concordam em geral os orientalistas em que os âryas, em 3000 a.C., ainda estavam nas estepes a leste do Cáspio, e unidos. Rawlinson *conjectura* que eles "migraram para leste" oriundos da Armênia como centro comum, ao passo que duas correntes congêneres a migrar, uma para norte, além do Cáucaso, e outra para oeste, além da Ásia Menor e da Europa. Ele acredita que os âryas, num período anterior ao século XV antes de nossa era, estavam "sediados na região banhada pelo Indo Superior". Daí os âryas védicos migraram para o Puñjâb, e os âryas zêndicos para oeste, estabelecendo os países históricos. Mas essa, como as demais, é uma hipótese, e como tal é dada.

Ademais, diz Rawlinson, seguindo evidentemente a Max Müller: "A história primitiva dos âryas constitui por muitos séculos uma lacuna absoluta." Mas muitos brâmanes eruditos declararam ter encontrado

traços da existência dos *Vedas* já em 2100 a.C.; e Sir William Jones, tomando como guia os dados astrológicos, situa o *Yajur-Veda* em 1580 a.C. Isso seria ainda "antes de Moisés."

É na suposição de que os âryas não deixaram o Afeganistão pelo Puñjâb antes de 1500 a.C. que Max Müller e outros sábios de Oxford puderam estimar que partes do *Velho Testamento* remontam à mesma data, ou até antes, dos hinos mais antigos do *Veda*. Por conseguinte, enquanto os orientalistas não nos puderem indicar a data correta em que Zoroastro, nenhuma autoridade será mais bem considerada no que respeita à época dos *Vedas* do que os próprios brâmanes.

Sendo por demais sabido o fato de que os judeus tomaram muitas de suas leis dos egípcios, examinemos quem eram os egípcios. Em nossa opinião - que é, naturalmente, a de uma pobre autoridade -, eles eram os indianos antigos, e em nosso primeiro volume citamos passagens do historiador Kullûka-Bhatta que corroboram tal teoria. É o seguinte o que entendemos por Índia antiga:

Nenhuma região no mapa - exceto talvez a antiga Cítia - é mais incertamente definida do que a que leva a designação da Índia. A Etiópia é talvez o único paralelo. Ela era a pátria das raças cuchitas e camítas, e situava-se a leste da Babilônia. Tinha outra o nome de Indostão, quando as raças negras, adoradoras de *Bala-Mahâdeva e Bhavânî-Mahâdevî*, dominavam esses países. A Índia dos primeiros sábios parece ter sido a região localizada nas nascentes do Oxus e do Jaxartes. Apolônio de Tiana cruzou o Cáucaso ou o Hindus Kush, onde encontrou um rei que o dirigiu à morada dos sábios - descendentes talvez daqueles a quem Amiano chama de "Brachmanas da Índia Superior", e a quem Hystaspes, o pai de Dario (ou, mais provavelmente, o próprio Darius Hystaspes), visitou; e, tendo sido instruído por eles, infundiu seus ritos e idéias nas observações mágicas. Essa narrativa sobre Apolônio parece indicar Caxemira como a região que ele visitou, e os *Nâgas* - após a sua conversão ao Budismo - como seus mestres. Nessa ocasião, a Índia ariana não se estendia além do Punñjâb.

A nosso ver, o maior obstáculo que se antepõe no caminho do progresso da etnologia sempre foi a tríplice progênie de Noé. Na tentativa de reconciliar as raças pós-diluvianas com a descendência genealogia de Sem, Cam e Jafé, os orientalistas cristianóides se lançaram a uma tarefa impossível de cumprir. A arca de Noé da *Bíblia* tem sido um leito de Procusto no qual eles procuram a tudo amolar. A atenção foi desastre desviada das verdadeiras fontes de informações no que respeita à origem do homem, e uma alegoria meramente local foi erroneamente tomada como um relato histórico emanado de uma fonte inspirada. Estranha e infeliz escolha! Dentre todos os escritos sagrados das nações básicas, oriundas do berço primitivo da Humanidade, o Cristianismo escolheu para seu guia os registros e as escrituras nacionais do povo menos espiritual talvez da família humana - o semita. Um ramo que nunca foi capaz de desenvolver, a partir de seus numerosos idiomas, uma língua capaz de encarnar as idéias do mundo moral e intelectual; cuja forma de expressão e cuja inclinação mental jamais conseguiu se elevar mais alto do que as figuras de linguagem puramente sensuais e terrestres; cuja literatura nada deixou de original, nada que não foi tomado do pensamento ariano; e cuja ciência e filosofia carecem totalmente das nobres caraterísticas que caracterizam os sistemas altamente espirituais e metafísicos das raças indo-européias (jaféticas).

Busen mostra que o camita (a língua do Egito) era um depósito da Ásia ocidental, que continha os *germes* do semítico e que, portanto, "testemunhavam a primitiva unidade das raças semiticas e arianas". Devemos lembrar, a esse respeito, que os povos da Ásia sudoeste e ocidental, incluindo os medas, eram todos âryas. No entanto, ainda não se provou quem foram os mestres originais e primitivos da Índia. O fato de que esse período está agora fora do alcance da história documentaria não exclui a probabilidade de nossa teoria de que esses mestres pertencia à poderosa raça de construtores, chamada etíopes orientais ou âryas de pele negra (a palavra Ârya significa simplesmente "guerreiro nobre", um "bravo"). Eles governaram de modo supremo toda a Índia antiga, enumerada mais tarde como possessão daqueles que os nossos cientistas chamam de povos de fala sânscrita.

Esses hindus, ao que se *supõe*, teriam entrado no país oriundos do noroeste; *conjectura-se* que alguns deles teriam trazidos consigo a religião bramânica, e a língua dos conquistadores era provavelmente o sânscrito. Nossos filósofos trabalharam com esses três magos dados desde que a imensa literatura sânscrita foi anunciada por Sir William Jones - e sempre com os três filhos de Noé torcendo o pescoço. Tal é a ciência *exata*, livre de preconceitos religiosos! Na verdade, a etnologia teria sido a maior ganhadora, se esse trio noético tivesse sido posto ao mar antes de a arca alcançar a terra firme!

Os etíopes são geralmente classificados no grupo semita; mas veremos em seguida que essa classificação não se lhes enquadra bem. Consideraremos também a sua possível vinculação à civilização egípcia, que, como assinala um autor, parece ser dotada da mesma perfeição desde os tempos primitivos, não tendo experimentado a evolução e o progresso, como no caso dos outros povos. Por razões que agora aduziremos, estamos preparados para afirmar que o Egito deve a sua civilização, sua comunidade e suas artes

- mormente a arte da construção - à Índia pré-védica, e que foi uma colônia dos âryas de pele escura, ou aqueles que Homero e Heródoto chamam de etíopes orientais, *i. e*., os habitantes da Índia setentrional, que trouxe ao Egito sua já adiantada civilização nas eras pré-cronológicas que Bunsen chama de pré-menitas, mas que corresponde aos tempos históricos.

Em *Índia in Greece* de Pococke, encontramos o seguinte sugestivo parágrafo: "O relato completo das guerras travadas entre o chefe solar, Oosras (Osíris), o Príncipe dos Guclas, e `TU-PHOO', corresponde na verdade ao simples fato histórico das guerras entre os apianos, ou tribos do Sol de Oudh, e o povo de `TU-PHOO', ou TIBETE, que era, de fato, de raça lunar, e budista, e inimigos de Râma, e dos `AITYO-PIAS', ou povo de Oudh, posteriormente os `AITH-IO-PIAS' da África".

Lembramos ao leitor a esse respeito que Râvana, o gigante, que, no Râmâyana, trava uma batalha com Râma Chandra, é mostrado como Rei de Lanka, o antigo nome do Ceilão; e que o Ceilão, naqueles dias, formava parte talvez do continente da Índia setentrional, e era povoado pelos "etíopes orientais". Conquistada por Râma, o filho de Dasaratha, o Rei Solar do antigo Oudh, uma colônia desse povo migrou para o norte da África. Se, como muitos supõem, a *Ilíada* de Homero e muito do seu relato da guerra de Tróia foi plagiada do *Râmâyana*, então as tradições que surgiram como base a esta última obra devem datar de uma tremenda antigüidade. Deixa-se assim uma ampla margem à história pré-cronológica por um período durante o qual os "etíopes orientais" podem ter estabelecido a hipotética colônia de Mizra, como a sua alta civilização indiana.

Que há mais consangüinidade entre os etíopes e as raças arianas de pele escura, e entre estas e os egípcios, eis algo que ainda está para ser provado. Descobriu-se recentemente que os antigos egípcios eram de tipo caucasianos, e que a forma de seus crânios é puramente asiática. Se sua pele era de cor menos escura do que a dos etíopes modernos, os próprios etíopes devem ter tido outrora uma tez mais clara. Ofato de que, para os reis etíopes, a ordem da sucessão dava a coroa ao sobrinho do rei, *ao filho de sua irmã*, e não ao seu próprio filho, é extremamente sugestivo. É esse um velho costume que prevalece até hoje na Índia setentrional. O Râjâ não é sucedido por seus próprios filhos, mas pelos *filhos de sua irmã*.

De todos os dialetos e idiomas que se acredita serem semitas, só o etíope é escrito da esquerda para a direita, como o sânscrito e o indo-ariano.

Assim, contra a teoria que atribui a origem dos egípcios a uma antiga colônia indiana, não há nenhum impedimento mais grave do que o desrespeitoso filho de Noé, Cam - ele próprio um mito. Mas a forma primitiva do culto religioso egípcio, de seu governo, de sua teocracia e de seu clero, seus usos e costumes, tudo indica uma origem indiana.

LENDAS ANTIGAS DA HISTÓRIA DA ÍNDIA. (L. 4. pág. 80).

As lendas mais antigas da história da Índia mencionam duas dinastias, atualmente perdidas na noite do tempo; a primeira era a dinastia dos reis, da "raça do Sol", que reinou em Ayôdhyâ (atual Oudh); a segunda, a da "raça da Lua", que reinou em Prayâga (Allâhâbad). Quem quer que desejar informações sobre o culto religioso desses reis primitivos deverá ler o *Livro dos mortos*, e todos as peculiaridades que dizem respeito ao culto do Sol e aos deuses do Sol. Nunca se faz qualquer menção a Hórus ou Osíris sem os relacionar com o Sol. Eles são os "Filhos do Sol"; "Senhor e Adoradores do Sol" é o seu nome. "O Sol é o criador do corpo, o genitor dos deuses que são *os sucessores do Sol*". Pococke, em sua engenhosa obra, advoga com firmeza a mesma idéia, e tenta estabelecer ainda mais firmemente a identidade entre as mitologias egípcia, grega e indiana. Ele mostra que o chefe da raça solar de Râjpur - na verdade, o grande Cuclo-pos (Cíclope, ou construtor) - recebia o nome de "O Grande Sol", na mais antiga tradição hindu. Esse Príncipe Gok'la, o patriarca das vastas fileiras de inaquienses, diz ele, "esse `Grande Sol', foi deificado em sua morte, e de acordo com a doutrina indiana da metempsicose, supôs-se que duas alma transmigrou para o touro `APIS', o `SERA-PIS' dos gregos, e o `SOORA-PAS', ou `Chefe do SOL', dos egípcios (...) *Osíris*, mais propriamente *Oosras*, significa tanto "um touro", quanto `um raio de luz'. *Soora-pas* (SERA-PIS), o CHEFE DO SOL", pois o Sol em sânscrito é Sûrya. A obra *La Manifestation à la Lumière*, de Champollion, fala em todos os seus capítulos, das duas Dinastias dos Reis do Sol e da Lua. Mais tarde, esses reis foram deificados e transformados, após a morte, em divindades solares e lunares. Seu culto foi a primeira corrupção da grande fé primitiva que considerava justamente o Sol e os seus ígneos raios dadores de vida como o símbolo mais apropriado para nos lembrar da presença universal daquEle que é mestre da Vida e da Morte. Tal fé pode ser rastreada atualmente em todo o globo. Tratava-se da religião dos antigos brâmanes védicos, que chamam, nos hinos mais antigos do *Rig-Veda*, a Sûrya (o Sol) e a Agni (o fogo), de "regente do universo", "senhor dos homens", e "rei sábio". Era o culto dos magos, dos zoroastristas, dos egípcios e dos gregos, chamassem-no eles de Mithra, ou Ahura-Mazda, ou Osíris, ou Zeus, mantendo-o em honra de seu parente mais próximo, Vesta, o puro fogo celestial. E essa religião acha-se também no culto solar peruano; no sabeanismo e na

heliolatria dos caldeus, na "pira ardente" mosaica, na reverência dos chefes dos povos para com o Senhor, o "Sol", e mesmo na ereção abrâmica dos altares de fogo e nos sacrifícios dos judeus monoteístas a Astarte, a Rainha do Céu.

Até o presente, com todas as controvérsia e pesquisas, a História e a Ciência permanecem como sempre nas trevas, no que respeita à origem dos judeus. Eles podem muito bem ser os Chandâlas ou Pariahs, exilados da Índia antiga, os "pedreiros" mencionados por Vina-Snati, Veda-Vyâsa e Manu, ou os fenícios de Heródoto, ou os Hyksôs de Josefo, ou os descendentes dos pastores pâli, ou uma mistura de todos esses. A *Bíblia* denomina os tirianos de povo consangüíneo, e vindica o domínio sobre eles.

Há na Bíblia mais de um personagem importante cuja biografia lhe aponta o caráter de herói mítico. Samuel é o personagem da Comunidade Hebraica. Ele é o *doppel* de Sansão, do Livro dos juízes, como se verá - sendo ele o filho de Ana e EL-KAINA, como Sansão o foi de Manua ou Manoah. Ambos eram caracteres fictícios, como agora o indica o livro revelado; um era o Hércules hebreu, e o outro Ganesa. Credita-se a Samuel a façanha de ter estabelecido uma república, destruindo o culto cananita de Baal e Astarte, ou Adónis e Vênus, e estabelecendo o de Jeová. Como o povo pedia um rei, ele ungiu a Saul, e, depois dele, a Davi de Belém.

Davi é o rei Arthur israelita. Realizou grandes façanhas e estabeleceu um governo na Síria e um Induméia. Seu domínio se estendeu à Armênia e à Assíria, a norte e nordeste, ao Deserto sírio e ao Golfo Pérsico, a leste, à Arábia, ao sul e ao Egito e ao Levante, a oeste. Somente a Fenícia não estava incluída.

Sua amizade com Hirão parece que ele fez sua primeira expedição à Judéia partindo desse país. E sua longa permanência em Hebron, a cidade dos Cabiri (*Arba*, ou quatro), parece implicar igualmente que ele estabeleceu uma nova religião no país.

Depois de Davi, veio Salomão, poderoso e luxuriento, que procurou consolidar o domínio que Davi havia obtido. Como Davi era um adorador de Jeová, um templo a Jeová (Tukht-i-Sulaiman) foi edificado em Jerusalém, ao passo que os santuários a Maloch-Hércules, Chemosh e Astarte foram erguidos no Monte das Oliveiras. Tais santuários perduraram até Josias.

Em seguida, armaram-se conspirações. Revoltas estalaram em Iduméia e Damasco; e Ahijah, o profeta, liderou o movimento popular que resultou na deposição da casa de Davi e na coroação de Jeroboão. Desde então predominaram os profetas em Israel e prevaleceu o culto do bezerro em todo o país; os sacerdotes dominaram a frágil dinastia de Davi, e o lascivo culto local se estendeu a todo o país. Após a destruição da casa de Ahab, e do fracasso de Jehu e seus descendentes em unir o país sob um único comando, tentativa foi feita em Judá. Isaías havia posto fim à linha direta na pessoa de Ahaz (*Isaías,* VII,9), colocado no trono um príncipe de Belém (*Miquéias,* V, 2, 5). Era este Ezequiel. Ao subir ao trono, convidou ele os chefes de Israel a unirem-se numa aliança contra a Assíria (2 *Crônicas*, XXX, 1, 21; XXXI, 1, 5; 2 *Reis*, XVIII, 7). Estabeleceu, a que parece, um colégio sagrado (*Provérbios*, XXV, 1), e, posteriormente, modificou o culto (A referência às *Crônicas* parece estar errada e a referência aos *Provérbios* não é coroborada pelo texto em si mesmo.

Isto demonstra que são míticas as histórias de Samuel e Davi e Salomão. Foi por essa época que muitos dos profetas que também eram letrados começaram a escrever.

O país foi finalmente dominado pelos assírios, que encontraram o mesmo povo e as mesmas instituições que os da Fenícia e de outras nações.

Ezequiel não era filho natural, mas adotivo de Ahaz. Isaías, o profeta, pertencia à família real, e acreditava-se que Ezequiel era seu genro. Ahaz recusou aliar-se ao profeta e ao seu partido, dizendo: "Não tentarei ao Senhor" (*Isaías*, VII, 12). Declarou o profeta: "Se não acreditardes, não permanecereis" - prenunciando a deposição de sua linhagem direta. "Aborreceis a meu Deus", replicou o profeta, predizendo o nascimento de uma criança por uma *almeh*, ou mulher do templo, antevendo ainda que, antes de ela atingir a maturidade (*Hebreus*, V, 14; *Isaías*, VII,16; VIII, 4), o rei da Assíria dominaria a Síria e Israel. Essa é a profecia que Irineu procurou relacionar a Maria e Jesus, e a razão por que a mãe do profeta nazareno é representada como pertencente ao templo e consagrada a Deus desde a sua infância.

Numa segunda canção, Isaías, celebrou o novo chefe, sentado no trono de Davi (IX, 6, 7; 1), que deveria fazer voltarem às casas os judeus que a aliança havia mantido cativos (*Isaías*, VII, 2-12; *Joel*, III, 1-7; *Abdias*, 7,11, 14). Miquéias - seu contemporâneo enunciou o mesmo evento (IV, 7-13; V, 1-7). O Redentor também deveria vir de Belém; em outras palavras, seria da casa de Davi; e deveria resistir à Assíria com a qual Acaz se aliara, e também reformar a religião (2 *Reis*, XVIII 408). Isso Ezequias fez. Ele era neto de Zacarias, o vidente (2 *Crônicas*, XXVI, 5), o conselheiro de Usías; e assim que subiu ao trono, restaurou a religião de Davi, e destruiu os últimos vestígios da de Moisés, i. e., a doutrina *esotérica*, declarando "nossos pais caíram sob a espada" (2 *Crôn.*, XXIX, 6-9). Ele tentou em seguida uma união com a monarquia do Norte,

havendo então um interregno em Israel (2 *Crôn*, XXX, 1,2,6; XXXI, 1,6, 7). Ele teve sucesso mas isso resultou numa invasão do rei da Assíria. E houve então um novo *régime*. Tudo isso mostra o curso de duas correntes paralelas no culto religioso dos israelitas; uma que pertence à religião do Estado e que adota exigências políticas; e outra, que é pura idolatria, resultante da ignorância da verdadeira doutrina esotérica pregada por Moisés. Pela primeira vez, desde que Salomão as construíra, "os planos foram tomados".

Foi Ezequias o esperado Messias da religião exotérica do Estado. Ele foi o rebento do tronco de Jessé, que libertaria os judeus de um deplorável cativeiro, sobre o qual os historiadores hebreus parecem fazer silêncio, evitando cuidadosamente qualquer menção a esse fato particular, porém que os irascíveis profetas imprudentemente revelam. Se Ezequias esmagou o culto exotérico de Baal, ele também arrancou violentamente o povo de Israel da religião de seus pais, e dos ritos secretos instituídos por Moisés.

Foi Dario Hystaspes quem pela primeira vez estabeleceu uma colônia persa na Judéia, cujo chefe foi talvez Zoro-Babel. "O nome *Zoro-Babel* significa "a semente ou o filho da Babilônia" - como Zoro-astro, é a semente, filho ou príncipe de Ishtar". O próprio Sião recebia o nome de Judéia, e havia uma Ayôdhyâ, na Índia. Os templos de *Shalom*, Paz, eram numerosos. Por toda a Pércia e o Afeganistão os nomes de Saul e Davi eram comuns. A "Lei" é atribuída por sua vez a Ezequiel, a Esdras, a Simão o Justo, e ao período asmoniano. Nada definitivo, por toda parte contradições. Quando o período asmoniano teve início, os principais defensores da Lei foram chamados de asidues ou kasdim (caldeus), e posteriormente de fariseus ou pharsi (parsis). Isso indica que as colônias persas foram estabelecidas na Judéia e governaram o país, ao passo que todos os povos mencionados nos livros *Gênese e de Josué* aí viveram como uma comunidade (ver *Esdras*, IX,1).

Não há nenhuma história real no *Velho Testamento*, e as únicas informações históricas que se podem recolher são aquelas que se acham nas indiscretas revelações dos profetas. O livro, como um todo, deve ter sido escrito em diversas épocas, ou antes inventado como uma autorização para algum culto posterior, cuja origem pode ser traçada com facilidade em parte dos mistérios órficos, e em parte dos antigos ritos egípcios com os quais Moisés estava familiarizado desde a sua infância.

O SIMBOLISMO DA ARCA DE NOÉ. (L. 4. pág. 84.)

Noé, ou Nuah, como todas as manifestações evemerizadas do Irrevelado - Svâyambhuva (de Svayanbhû) -, era andrógino. Por isso, em algumas passagens, ele pertencia à Tríada puramente feminina dos caldeus, conhecida como “Nuah, a Mãe universal”. Já mostramos em outro capítulo que toda Tríada masculina tem a sua contraparte feminina, um em três, como a anterior. Ela era o complemento passivo do princípio ativo, o seu *reflexo*. Na Índia, a *Trimûrti* é reproduzida na *Sakti-trimûrti*, feminina; e na Caldéia, Ana, Belita e Davkina corresponde a Anu, Bel, Nuah. As três primeiras resumindo-se numa só - Belita.

“Deusa soberana, senhora do abismo inferior, mãe dos deuses, rainha da fecundidade.”

Enquanto umidade primordial, donde *tudo* provém, belita é *Tiamat*, o mar, a mãe da *cidade de Erch* (a grande necrópole caldaica), portanto, uma deusa infernal. No mundo dos astros e dos planetas, ela é conhecida como Ishtar ou Astoreth. Portando, ela é idêntica a Vênus, e a todas as outras Rainhas do Céu, às quais bolos e pães são ofertados em sacrifício, e, como sabem todos os arqueólogos, à *Eva* a mãe de tudo o que vive, e a Maria.

A Arca, na qual se preservam os germes de todas as coisas necessárias para repovoar a Terra, representa a sobrevivência da vida, e a supremacia do espírito sobre a matéria, através do conflito das forças opostas da Natureza. Na carta Astro-Teosófica do Rito Ocidental, a Arca corresponde ao umbigo, e é colocada no lado esquerdo, o lado da mulher (a Lua), um de cujos símbolos é a coluna esquerda do templo de Salomão - Boaz. O umbigo está relacionado com o receptáculo no qual se frutificam os germes da raça. A Arca é a *Argha* sagrada dos hindus, e, portanto, pedemos perceber com facilidade a sua relação com a arca de Noé, quando aprendemos que a Argha era um vaso oblongo, utilizado pelos sumo-sacertotes como cálice sacrificial no culto de Ísis, Astarte e Vênus-Afrodite, todas as quais eram deusas dos poderes gerativos da Natureza, ou da matéria - representando simbolicamente, portanto, a Arca que contém os germes de todas as coisas vivas.

Admitamos que os pagãos tinham e têm agora - como na Índia - símbolos estranhos, que, aos olhos dos hipócritas e dos puritanos, parecem escandalosamente imorais.

Ao descrever o culto dos egípcios, diz a Sra. Lydia Maria Child: “Essa reverência pela produção da Vida introduziu no culto de Osíris o emblema sexual, tão comum no Industão. Um colossal imagem dessa espécie foi apresentada ao seu templo em Alexandria, pelo Rei Ptolomeu Philadelphus. (...) A reverência pelo mistério da vida organizada levou ao reconhecimento de um princípio masculino e feminino em todas as coisas espirituais ou materiais. (...) Os emblemas sexuais presentes em todas as esculturas de seus templos

pareceriam impuros se descritos, mas *nenhuma mente limpa e séria* poderá comtemplá-la sem testemunhara óbvia simplicidade e solenidade com que o assunto é tratado.

A água do dilúvio, que na alegoria representa o "mar' simbólico, Tiamat, simboliza o caos turbulento, a matéria, chamado "o grande dragão". De acordo com a doutrina gnóstica e Rosa-cruz medieval, a mulher não estava incluída no plano inicial da criação. Ela resultou da fantasia impura do homem, e, como dizem os hermetistas, é "uma intrusa". Gerada por um pensamento impuro, ela veio à existência na *demoníaca* "sétima hora", quando os verdadeiros mundos "sobrenaturais" já haviam passado, e os mundos "naturais" ou *ilusórios* começavam a evoluir no "microcosmo descendente", ou, em termos mais claros, no arco do grande ciclo. Originalmente "Virgo", a Virgem Celestial do Zodíaco, se tornou "Virgo-Scorpio". Mas, ao desenvolver sua companheira, o homem a dotou involuntariamente de seu próprio quinhão de espiritualidade, e o novo ser a quem sua "imaginação" havia trazido à vida tornou-se o seu "Salvador" dos laços de Eva-Lilith, a primeira Eva, que tinha um quinhão maior de matéria em sua composição do que o primitivo homem "espiritual".

Portando, a mulher figura na cosmogonia relacionada com a "matéria", ou *o grande abismo*, como a "Virgem do Mar", que esmaga o "Dragão" sob seus pés. O "Diluvio" recebe também amiúde, na fraseologia simbólica, o nome de "o grande Dragão". Para quem está familiarizado com essas doutrinas, fica mais do que sugestivo saber que para os católico a Virgem Maria é não só a padroeira dos marinheiros cristãos, mas também a "Virgem do Mar". Assim era Dito, a padroeira dos marinheiros fenícios, e, juntamente com Vênus e outras divindades lunares - tendo a Lua uma forte influência sobre as marés - a "Virgem do Mar". *Mar*, o "Mar", é a raiz do nome Maria. A cor azul, que simbolizava para os antigos o "Grande Abismo" ou o mundo material, e portanto o mal, tornou-se sagrada para a nossa "abençoada Senhora". É a cor da "Notre Dame de Pais". Devido à sua relação com a serpente simbólica, tinham aversão por essa cor os ex-nazarenos discípulos de João Batista, os atuais mandeus de Basra.

Entre as belas gravuras de Maurício, há uma que representa Krishna esmagando a cabeça da serpente Uma mitra de três pontas lhe cobre a cabeça (simbolizando a Trindade), e o vencido reptil envolve o corpo do deus hindu. Essa gravura mostra de onde proveio a inspiração para a caracterização de uma história posterior extraída de uma pretensa profecia. "Porei uma hostilidade entre ti a mulher, e entre a tua linhagem e a dela; e ela te esmagará a cabeça, e tu lhe ferirás o *calcanhar*."

A primeira figura representa Krishna esmagando a cabeça da Serpente; e, na segunda a Serpente ferindo o calcanhar de Krishna. (O *arant* egípcio também é representado com os braços estendidos na forma de um crucifixo, e esmagando a "Serpente"; e Hórus (o Logos) é representado cortando a cabeça do dragão, Tífon ou Apófis. (O termo *orant* confundiu um grande número de estudiosos teosóficos e parece ter sido um tropeço para um ou dois editores anteriores de Ísis sem véu. Alguns especulavam sobre ter sido o nome de algum deus ou alguma divindade. A palavra deriva do latim *orans*, - *antis,* part. Pres. De *orare*, orar. Na arte grega antiga, é usado para uma figura feminina em postura de prece. Na arte cristã primitiva, era uma figura, geralmente feminina, que tinha as mãos reunidas como que em oração. Essa figuras são muito comuns em catacumbas e a postura era vista como especialmente significava, porque lembrava a posição de Cristo na cruz. Essas figuras também podem ser encontradas no simbolismo egípcio. N. Org.).

Mas quão estranhamente elástico e quão adaptável a tudo se revelou essa filosofia mística depois da era cristã! Quando foram os fatos, irrefutáveis, irrefragáveis, e inquestionáveis, tão pouco capazes de restabelecer a verdade do que em nosso século de casuísmo e de velharia cristã? Se prova que Krishna era conhecido como "Bom Pastor", séculos antes do ano 1 d.C., que ele esmagou a Serpente Kâlîanâga, e que foi crucificado - tudo isso não é senão uma antecipação profética do futuro! Se mostram o escandinavo Thor, que esmagou a cabeça da Serpente com sua maça em forma de cruz, e Apolo, que matou Píton, as mais impressionantes semelhanças com os heróis das fábulas cristãs - tornam-se eles apenas concepções originais de mentes "pagãs", "trabalhando sobre as antigas profecias dos Patriarcas relativas ao Cristo, pois estavam integradas na única Revelação universal."

O dilúvio é portanto, a "Velha Serpente", ou o grande abismo da matéria, o "dragão do mar" de Isaías (XXVII, 1), o mar que a arca cruza em segurança em seu caminho ao monte da Salvação. Mas, se ouvimos falar da arca de Noé, e da *Bíblia* em suma, é porque a mitologia dos egípcios estava à disposição de Moisés (se é que Moisés escreveu qualquer coisa da *Bíblia*), e porque ele estava familiarizado com a história de Hórus, que navegava em seu barco de forma serpentina, e que mata a Serpente com sua lança, e com o

sentido oculto dessas fábulas, e sua origem real. É por essa razão também que encontramos no *Levítico*, e em outras partes de seus livros, páginas inteiras de leis idênticas às de *Manu.*

Os animais embarcados na arca são as paixões humanas. Eles simbolizam certas provas de iniciação, e os mistérios que foram instituídos em muitas nações em homenagem a essa alegoria. A arca de Noé deteve-se no décimo sétimo dia do *sétimo* mês. Temos aqui novamente o número, assim como nas "feras limpas" que ele colocou em número de *sete* na arca. Falando sobre os mistérios aquáticos de Biblos, diz Luciano: "No topo de um das duas colunas edificadas por Baco, fica um homem por *sete* dias". Ele supões que tal era feito em honra de Deucalião. Elias, quando orava no topo do Monte Carmelo, enviou um servo para observar uma nuvem no mar, e repete "Retorna sete vezes, Na sétima vez, o servo lhe diz: "Eis que sobre do mar uma nuvem pequena com a mão de um homem'"

"Noé é uma *revolutio* de Adão, assim como Moisés é uma *revolutio* de Abel e Seth", diz a *Kabala*; vale dizer, uma repetição ou outra versão da mesma história. A grande prova disso é a distribuição dos caracteres na *Bíblia*. Por exemplo, a começar de Caim, o primeiro assassino, todo *quinto* homem em sua linha de descendência é um assassino. Assim, vieram Enoch, Irad, Mehujael, Mathusalém, e o *quinto é Lemech*, o segundo assassino, e ele é o pai de Noé. Desenhando-se a estrela de cinco pontas de Lúcifer (que tem seu ponto coronal voltado para baixo), e escrevendo o nome de Caim sob a ponta inferior, descobrir-se-á que todo quinto nome - que será desenhado sob o de Caim - é o de um assassino. No *Talmude*, essa genealogia é dada por inteiro, e treze assassinos se enfileiram na linha sob o nome de Caim, Isso *não* é uma coincidência. Siva é o Destruidor, mas é também o *Regenerador*. Caim é um assassino, mas é também o criador de nações, o inventor. Essa estrela de Lúcifer é a mesma que *João* vê cair na Terra em se *Apocalipse.*

Em Tebas, ou Theba, que significa arca - Sendo TH-ABA sinônimo de Kartha ou Tiro, Ástu ou Atenas, e Urbs ou Roma, e significando também "cidade"-, encontam-se as mesmas folheações descritas nas colunas do templo de Salomão. A folha de oliva bicolorida, a folha de figueira de três lobados, e a folha de louro lanceolada tinham todas sentido tanto esotérico, como populares ou vulgares, para os antigos.

As pesquisas dos egiptólogos apresentam outra corroboração da identidade entre as alegorias da *Bíblia* e as terras dos Faraós e dos caldeus. A cronologia dinástica dos egípcios, registrada por Heródoto, Manetho, Eratosthenes, Diodorus Siculus, e aceita por nosso arqueólogos, dividia os períodos da história egípcia sob quatro cabeçalhos gerais: O domínio dos deuses, dos semideuses, dos heróis e dos homens mortais. Combinando os semideuses e os heróis numa única classe, Bunsem reduz os períodos a três: Os deuses regentes, os semideuses ou heróis - filhos de deuses, mas nascidos de mães mortais - e os manes, que foram os ancestrais das tribos humanas. Essas subdivisões, como todos podem perceber, correspondem perfeitamente aos Elohim bíblicos, filhos de Deus, gigantes e homens noéticos mortais.

Diodorus de Sicília e Berosus dão-nos os nomes dos doze grandes deuses que governam os doze meses do ano e os doze significados do zodíaco. Esses nomes, que incluem Nuah, são por demais conhecidos para merecerem um repetição. O Jano de duas faces estava também à testa dos doze deuses, e nas figuras que o representam ele segura as chaves dos domínios celestes. Depois de todos esses terem servido como modelos para os patriarcas bíblicos, ainda prestaram um outro serviço - especialmente Jano - ao fornecerem uma cópia a São Pedro e aos seus doze apóstolos, o primeiro do qual também tinha duas faces em sua negação, e igualmente era representado segurando as chaves do Paraíso.

OS PATRIARCAS DA BÍBLIA. (L. 4. pág. 87).

A afirmação de que a história de Noé não passa de uma outra versão, em seu sentido oculto, da história de Adão e seus três filhos, pode ser comprovada em todas as páginas do livro *Gênese* Adão é o protótipo de Noé. Adão *cai* porque come o fruto proibido do conhecimento *celeste*; Noé porque experimenta o fruto *terrestre*, representando o suco da uva o abuso do conhecimento numa mente não equilibrada, Adão é privado de seu envoltório espiritual; Noé, de suas vestes terrestres; e a *nudez* de ambos os faz sentirem-se envergonhados. A iniqüidade de Caim é repetida por Cam. Mas os descendentes de ambos são mostrados como sendo os mais sábios das raças da Terra, e recebem por essa razão os nomes de "serpentes" e "filhos de serpente", o que significa *filhos da sabedoria*, e não de Satã, como alguns sacerdotes gostariam de entender a palavra. A inimizade entre a "serpente" e a "mulher" só foi estabelecida na medida em que este "mundo do homem" mortal e fenomênico "nasceu da mulher". Antes da queda carnal, a "serpente" era *Ophis*, a sabedoria divina, que não precisa de matéria para procriar os homens, sendo a Humanidade totalmente espiritual. Daí a guerra entre a serpente e a mulher, ou entre o espírito e a matéria. Se, em aspeto material, a "velha serpente" é matéria, e representa Ophiomorphos, em seu sentido espiritual ela se torna Ophis-Christos. Na magia dos antigos sírios-caldeus, ambos estão reunidos no signo zodiacal do andrógino de Virgo-Scorpio, e podem ser devididos ou separados sempre que necessário. Assim como a origem do "bem e do mal", o sentido dos S.S. e

Z.Z. sempre foi intercambiável, e se em algumas ocasiões os S.S. sobre os selos e os talismã sugerem a má influencia serpentina e denotam um desígnio de magia *negra* para com os outros, noutras ocasiões eles podem ser encontrados sobre as taças sacramentais da Igreja e indicam a presença do Espírito Santo ou da sabedoria pura.

Os madianitas eram tidos como homens *sábios*, ou filhos de serpentes, assim como os cananitas e os camitas, e tal era o seu renome que vemos Moisés, o *profeta, guiado e inspirado pelo "Senhor"*, curvando-se diante de Hobab, o filho de Raguel, o *madianita*, e implorando-lhe para ficar com o povo de Israel; "Não nos abandones, eu te peço, *pois conheces os lugares onde devemos acampar NO DESERTO, e tu serás os nossos olhos*". Além disso, quando Moisés envia espiões para explorar a terra de Canaã, eles trazem como uma prova da sabedoria (cabalisticamente falando) e da excelência da terra *um* ramo com um cacho de *uvas*, cujo peso tornou necessário que dois homens o transportassem pendente de um vara. Além disso, acreditam: "Lá, vimos os filhos de ANAC". Estes são os *gigantes*, os filhos de Anac, "*que são descendentes dos gigantes*, e tinham a impressão de sermos gafanhoto diante deles e assim também lhes parecíamos".

Anace é Henoc, o patriarca, que *não morre*, e que é o primeiro possuidor do "nome mirífico", segundo a *Cabala* e o ritual da franco-maçonaria.

Comparando os patriarcas bíblicos com os descendentes de Vaisvasvata, o Noé hindu, e as antigas tradições sânscristas sobre o dilúvio, no *Mahâbhârata* bramânico, descobrimo-los espelhados nos patriarcas védicos que são os tipos primitivos com base nos quais todos os outros foram modelados. Mas antes de fazer a comparação, é preciso compreender os mitos hindus em seu verdadeiro significado. Cada uma dessas personagens míticas tem, além de um significado astronômico, um sentido espiritual ou moral, e antropológico ou físico. Os patriarcas não são apenas deuses evemerizados - os pré-diluvianos correspondendo aos grandes *doze* deuses de Berosus, e aos *dez* Prajâpatis, e, os pós-diluvianos, aos sete deuses da famosa tábua da Biblioteca de Nínive, - mas representam também os eões gregos, as Sephiroth cabalísticas, e os signos zodiacais, enquanto tipos de raças humanas. Explicaremos agora essa variação do *dez* ao *doze*, provando-a com a própria autoridade da *Bíblia*. Eles não são os primeiros deuses descritos por Cícero, que pertencem à hierarquia dos poderes superiores, os Elohim - mas se enfileiram antes na segunda classe dos "doze deuses", os *Dii minores*, e que são os reflexos terrestres dos primeiros, entre os quais Heródoto coloca Hércules. Mas, por causa do grupo dos doze, Noé graças à sua posição no ponto de transição, pertence à Tríade babilônica superior, Nuah, o espírito das águas. Os demais são idênticos aos deuses inferiores da Assíria e da Babilônia, os quais representam a ordem inferior de emanações, que, sob a direção de Bel, o Demiurgo, o ajudavam em sua obra, tal como os patriarcas que assistiam a Jeová - o "Senhor Deus".

Além desses, muitos dos quais eram deuses *locais*, as divindades protetoras dos rios e das cidades, havia quatro classes de genii. Ezequiel, em sua visão, fá-los amparar o trono de Jeová. Esse fato, se identifica o "Senhor Deus" judeu com um dos deuses da trindade babilônica, relaciona, ao mesmo tempo, o atual Deus cristão com a mesma Tríade, visto que são esses quatro querubins, se o leitor estiver lembrado, que Irineu faz Jesus cavalgar, e que são mostrados como os companheiros dos evangelistas.

Percebe-se com grade clareza a influência cabalística hindu sobre o livro de *Ezequiel* e sobre o *Apocalipse* na descrição das quatro bestas, que simbolizam os quatro reinos elementares - terra, ar, fogo, e água. Como é sabido, elas são as esfinges assírias, mas essas figuras também estão gravadas nas paredes de quase todos os pagodes hindus.

O autor do *Apocalipse* copia fielmente em seu texto (ver cap. IV, vers. 7) o pentagrama de Pitágoras, do qual o admirável esboço de Éliphas Lévi é reproduzido adiante.

Adeusa Indu Ardhanârî (ou, como se poderia grafar com mais propriedade, Ardhonârî, visto que o segundo *a* é pronunciado quase como o inglês *o*) é representada tendo à sua volta as mesmas figuras. Elas se assemelha exatamente à "roda do Adonai" de Ezequiel, conhecida como "Os Querubins de Ezequiel", que indica, sem nenhuma dúvida, a fonte de onde o profeta hebreu tirou suas alegorias. Por conveniência da comparação, colocamos a figura no pentagrama. * (**ARDHA-NÂRÎ** (Sânc.) - Literalmente: "meio mulher". Shiva representado como andrógino, metade macho e metade fêmea; um tipo de energias masculinas e femininas combinada.)

Acima dessas feras estão os anjos ou espíritos, divididos em dois grupos: os Igili, ou seres celestiais, e os Am-anaki, ou espíritos terrestres, os gigantes, filhos de Anac, de quem se queixaram os espiões a Moisés.

A *Kabbala Denudata* dá aos cabalistas um relato muito claro - embora confuso aos profanos - das permutações ou substituições de uma pessoa a outra. Assim, por exemplo, diz que "as centelhas" (a centelha ou alma espiritual) de Abarão foram tomadas de Miguel, o chefe dos Eões e emanações superior da Divindade - tão superior de fato que, aos olhos dos gnósticos, Miguel é idêntico a Cristo. E no entanto Miguel e Henoc são a mesma pessoa. Ambos ocupam o ponto de junção da cruz do Zodíaco como "homem". A centelha de Issac era a de Gabriel, o chefe da hoste angélica, e a centelha de Jacó foi tomada de Uriel, o chamado "fogo de Deus", o espírito de penetração mais aguda em todo o Céu. Adão não é o Cadmo, mas Adão *Primus, o Microprosopos* (Palavra grega, significa a "Face Menor".). Num de seus aspectos, ele é Enoque, o patriarca terrestre e pai de Mathusalém. Ele que "caminha com Deus" e "não morreu", é o Henoc espiritual, que simboliza a Humanidade, eterna em espírito e eterna na carne, embora esta *morra*. Morte, mas apenas como um novo nascimento, pois o espírito é imortal; portanto, a Humanidade não pode morrer, já que o *Destruidor* se tornou o *Criador*, sendo Henoc o símbolo do homem dual, espiritual e terrestre. Daí seu lugar no centro da cruz astronômica.

Mas foram os hebreus o criadores dessa idéia? Acreditamos que não. Toda nação que possuía um sistema astronômico, e especialmente a Índia, tinha pela cruz a mais alta reverência, pois ela era a base geométrica do simbolismo religioso dos seus *avatâras*; da manifestação da Divindade, ou do Criador, em sua criatura, o HOMEM; de Deus na Humanidade e da Humanidade em Deus, como espíritos. Os monumentos mais antigos da Caldéia, da Pérsia e da Índia exibem a cruz dupla ou de oito pontos. Esse símbolo, que se encontra com facilidade, como todas as outras figuras geométricas da natureza, tanto nas plantas quanto nos flocos de neve, levou o Dr. Lundy, em seu misticismo supercristão, a chamar essas flores cruciformes que formam uma estrela de oito pontas pela junção das duas cruzes de - "*Estrela Profética da Encarnação*, que une céu e terra, Deus e homem". Tal frase está muito bem expressa; mas o velho axioma cabalístico, "Em cima, como embaixo", seria mais apropriado, pois revela o mesmo Deus para toda a Humanidade, e não apenas para um punhado de cristãos. Trata-se da cruz *Cósmica* do Céu, reproduzida na Terra pelas plantas e pelo homem dual: o homem físico que suplanta o "espiritual" no ponto de junção do qual está o mítico Libra-Hermes-Enoch. O gesto de uma mão que aponta para o Céu é contrabalançado pelo de outra que aponta para a terra; gerações incontáveis abaixo, regenerações incontáveis acima; o visível apenas como manifestação do invisível; o homem de pó abandonado ao pó, o homem de espírito renascido no espírito; tal é a humanidade finita que é o Filho do Deus Infinito. Abba, o Pai; Amona, a Mãe; o Filho, o Universo. Essa Tríada primitiva se repete em todas as teogonias. Adão-Cadmo, Hermes, Henoc, Osíris, Krishna, Ormasde ou Christos são todos uma mesma personalidade. Eles ficam como *Metatrons* entre o corpos e a alma - espíritos eternos que redimem a carne pela regeneração da carne *abaixo*, e da alma pela regeneração *acima*, em que a Humanidade caminha uma vez mais com Deus.

O símbolo da cruz ou do *Tao* egípcio **T** (Símbolo antigo da imortalidade e da vida), é muito anterior à época atribuída a Abarão, o pretenso antepassado dos israelitas, pois, do contrário, Moisés não poderia tê-lo aprendido dos sacerdotes. E que o Tao era tido como sagrado pelos judeus, assim como por outras nações "pagãs", prova-o um fato admitido tanto pelos sacerdotes cristãos como pelos arqueólogos infiéis. Moisés, em *Êxodos*, XII, 22, ordena a seu povo que marque as *ombreiras e os lintéis* das casas com sangue, para que o "Senhor Deus" não se engane e castigue alguns do povo eleito, no lugar dos condenados egípcios. E essa marca é um *Tao*! A mesma *cruz* manual egípcia, com a metade de cujo talismã Hórus desperta os mortos, tal como vê na ruína de uma escultura em Dendera. Quão gratuita é a idéia de que todas essas cruzes e símbolos foram proferidos inconsciente de Cristo, prova-o plenamente o caso dos judeus graças a cuja acusação Jesus foi condenado à morte. Assinala, por exemplo, o mesmo erudito autor em *Monumental Cheistianity* que "os próprios judeus conheciam esse signo de salvação antes de rejeitarem ao Cristo"; e em outro lugar afirma que "a vara de Moisés, utilizada em seus milagres diante do Faraó, era, sem dúvida, essa *crux ansata*, ou algo semelhante, *empregada também pelos sacerdotes egípcios"*. Portanto, cabe inferir logicamente que 1ª., se os judeus cultuavam os mesmos símbolos que os pagãos, não eram melhores do que estes; e 2ª., que, tão versados como eram no simbolismo oculto da cruz, em face de sua espera por séculos do Messias, eles no entanto rejeitaram tanto o Messias cristão, quanto a Cruz cristã, então deve ter havido algo de errado com ambos.

Aqueles que "rejeitam" a Jesus como "Filho de Deus" não eram pessoas que ignoravam os símbolos religiosos, nem os poucos saduceus ateístas que o condenaram à morte, mas sim, homens instruídos na sabedoria secreta, que conheciam tanto a origem quanto o sentido do símbolismo cruciforme, e que rejeitaram tanto o emblema cristão quanto o Salvador nele suspenso, porque não queriam ser partidários dessa blasfema imposição sobre o povo comum.

Quase todas as profecias sobre Cristo são creditadas aos patriarcas e aos profetas. Se uns poucos destes últimos podem ter existido como personagens reais, todos os primeiros não passam de mito. Tentaremos prova-lo por meio da interpretação oculta do Zodíaco, e da relação de seus signos com esses homens antediluvianos.

Se o leitor tiver em mente as idéias hindus sobre a cosmogonia, dadas no Capítulo IV (do Livro Ísis Sem Véu, volume III), melhor compreenderá a relação entre os patriarcas bíblicos antediluvianos e esse enigma dos comentadores - "a roda de Ezequiel". Assim, recorda-se: 1ª., que o universo não é uma criação espontânea, mas uma evolução da matéria preexistente; 2ª., que ele não é senão uma dentre as infinitas séries de universos; 3ª., que a eternidade é recortada em grandes ciclos, em cada um dos quais ocorrem doze transformações de nosso mundo, causadas alternadamente pelo fogo e pela água. De sorte que quando um novo período menor se inicia, a Terra se modifica de tal forma, mesmo geologicamente, que quase se transforma praticamente num novo mundo; 4ª., que no curso dessas doze transformações, a Terra se torna mais grosseira a cada passagem das seis primeiras, ficando tudo que há sobre ela - o homem inclusive - mais material, ao passo que nas seis últimas transformações ocorre o contrário, tornando-se tanto a Terra, como o homem, cada vez mais refinados e espirituais a cada mudança; 5ª., que quando o ápice do ciclo é atingido, ocorre uma dissolução gradual, e toda forma viva e objetiva é destruída. Mas quando esse ponto é alcançado, a Humanidade está apta a viver tanto subjetivamente, como objetivamente. E não só a Humanidade, mas também os animais, as plantas e os átomos. Após um período de descanso, dizem os budistas, por ocasião da autoformação de um novo mundo, as almas dos animais, e de todos os seres, exceto os que alcançaram o Nirvana supremo, retornarão à Terra novamente para concluir seus ciclos de transformação, e converter-se, por sua vez em homens.

Essa estupenda concepção, os antigos a sintetizaram para a instrução do povo comum, num simples plano pictórico - o Zodíaco, ou cinto celeste. Ao invés dos doze signos agora utilizados, havia originalmente apenas dez, conhecidos do público em geral, a saber: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem-Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Estes signos eram exotéricos. Mas além desses havia dois signos místicos, inseridos, o que só os iniciados sabiam, no meio ou no ponto de junção em que agora está *Libra*, e no signo agora chamado Escorpião, que segue a Virgem. Quando era necessário torná-los exotéricos, esses dois signos secretos eram acrescidos sob seus nomes atuais como véus para ocultar os verdadeiros nomes que davam a chave de todo o segredo da criação e divulgava a origem do "bem e do mal".

A verdadeira doutrina astrológica sabéia ensinava secretamente que nesse duplo signo estava a explicação da gradual transformação do mundo, de seu estado espiritual e subjetivo para o estado "bissexuado" e sublunar. Os doze signos eram dessa forma divididos em dois grupos. Os seis primeiros chamavam-se de linha ascendente, ou linha do macrocosmo (o grande mundo espiritual); os seis últimos, de linha descendente, ou linha do microcosmo (o pequeno mundo secundário) - mero reflexo do primeiro, por assim dizer. Essa divisão chamava-se de roda de Ezequiel, e era completa da seguinte maneira: Primeiro vinham os cinco signos ascendentes (evemerizados nos patriarcas), Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, e o grupo se fechava com Virgem-Escorpião. Vinha então o ponto crucial, *Libra*, após o que a primeira metade do signo Virgem-Escorpião era duplicada e transferida para liderar o grupo inferior ou descendente do microcosmo que termina em *Peixe*, ou Noé (dilúvio). Para torna-lo mais claro, o signo de Virgem-Escorpião, que aparecia originalmente como, tornou-se simplesmente *Virgem*, e a duplicação, M, ou Escorpião, foi colocada depois de Libra, o *sétimo* signo (que é Henoc, ou anjo de Metron, ou *Mediador* entre o espírito e a matéria, ou Deus e homem). Ela se tornou Escorpião (ou Caim), signo ou patriarca que levou a *Humanidade à destruição*, segundo a teologia exotérica; mas, de acordo com a verdadeira doutrina da religião da sabedoria, ele indicou *a degradação de todo o universo em seu curso de evolução descendente do subjetivo ao objetivo*.

A invenção do signo de Libra é acreditada aos gregos, mas não se diz geralmente que foram apenas os iniciados dentre eles que fizeram uma alteração nos nomes comunicando a idéia e o nome secreto àquele "que sabiam", e deixando as massas em sua habitual ignorância. Não obstante, foi essa uma bela idéia, a de Libra, ou balança, que expressa, na medida do possível, sem desvenda-lo, a verdade total e última. Eles pretendiam com esse signo indicar que, quando o curso da evolução havia levado os mundos ao ponto máximo de materialidade, em que as terras e os seus frutos era mais toscos, e seus habitantes mais brutos, o ponto crucial havia sido alcançado - as forças estavam em equilíbrio. No ponto mais baixo, a centelha divina ainda cintilante do espírito começa a transferir o impulso ascendente. Os pratos da balança simbolizam esse equilíbrio eterno necessário a um universo de harmonia, de justiça exata, de equilíbrio entre as forças centrípetas e centrífugas, entre trevas e luz, espírito e matéria.

AS LENDAS BÍBLICAS REFEREM-SE À HISTÓRIA UNIVERSAL. **(L. 4. pág. 93).**

Esses signos adicionais do Zodíaco corroboram a nossa afirmação de que o Livro Gênese *tal como agora o temos é muito posterior à invenção de Libra pelos gregos,* pois observamos que os capítulos das genealogias foram remodelados para se adaptarem ao novo Zodíaco, e não o contrário. E foi esse acréscimo e a necessidade de ocultar a verdadeira chave que levou os compiladores rabínicos a repetirem os nomes de Henoc e de Lamech por duas vezes, como podemos agora observar na tábua quenita. Dentre todos os livros da *Bíblia*, apenas *Gênese* remonta a uma imensa antigüidade. Os demais são adições posteriores, a mais antiga das quais surgiu com Hilkiah, evidentemente a planejou com o auxílio de Huldah, a profetiza.

Como há mais de um sentido vinculado às histórias da criação e do dilúvio, não é possível compreender o relato bíblico sem a referência à história babilônica correspondente, ao passo que nenhuma delas será totalmente clara sem a interpretação bramânica e esotérica do dilúvio, tal como se encontra no *Mahâbhârata* e no *Satapatha-Brâhmana*. Foram os babilônicos que aprenderam os "mistérios", a língua sacerdotal e a sua religião dos problemáticos acadianos, que, segundo Rawlinson, vieram da Armêmia - mas não foram os primeiros a migrar para a Índia. A evidência torna-se clara aqui. O Xisuthros babilônico, segundo mostra Movers, representava o "sol" no Zodíaco, no signo de Aquário, e Oannes, o homem-peixe, o semidemônio, é Vishnu em seu primeiro avatâra, o que dá assim a chave para a fonte dupla da revelação bíblica.

Oannes é o emblema da sabedoria esotérica e sacerdotal; ele vem do mar, visto que o "grande abismo", a água, simboliza, como há mostramos, a doutrina secreta. Foi por essa mesma razão que os egípcios deificaram o Nilo, à parte de o considerarem como o "Salvador" do país, devido às suas periódicas enchentes. Eles consideravam até mesmo os crocodilos como sagrados, por habitarem eles no "abismo". Os chamados "camitas" sempre preferiram ter as suas moradas perto dos rios e dos oceanos. A água foi o primeiro elemento a ser criado, de acordo com algumas antigas cosmogonias. O nome de Oannes era grandemente reverenciados nos relatos caldeus. Os sacerdotes caldeus trajavam chapéus semelhantes a cabeças de peixes, e capas de pele de savelha que representavam o corpo de um peixe.

"Tales", diz Cícero, "assegura-nos que a *água* é princípio de todas as coisas; e que Deus é essa Mente que formou e criou todas as coisas da água."

"No Início, o Espírito anima Céu e Terra,
Os campos aquáticos, e o brilhante globo de Luna, e
As estrelas de Titã. A mente instilada nos membros
Agita toda a massa, e se funde com a GRANDE MATÉRIA."

Assim, a água representa a dualidade do macrocosmo e do microcosmo, em conjunto com o ESPÍRITO vivificante, e a evolução a partir do cosmo universal do pequeno mundo. O dilúvio assinala, portanto, nesse sentido, a batalha final entre os elementos em conflito, que leva o primeiro grande ciclo de nosso planeta à sua conclusão. Essas períodos fundiram-se gradualmente uns nos outros, com a ordem provindo do caos, a desordem, e os tipos subseqüentes de organismo evoluindo apenas quando as condições físicas da natureza estavam preparadas para o seu aparecimento, pois a nossa atual raça não poderia ter respirado na terra durante esse período intermediário, não tendo ainda as alegóricas túnicas de pele. (O termo "túnicas de pele" torna-se mais sugestivo quando sabemos que a palavra hebraica "pele" utilizada no texto original significa pele humana).

Nos capítulos IV e V do *Gênese* encontramos as chamadas gerações de Caim e Seth. Observemo-las na ordem em que figuram:

Linhas de Gerações

De Seth	*De Cain*
Princípio do bem	Princípio do mal
1. Adão	1. Adão
2. Seth	2. Caim
3. Enós	3. Henoc
4. Cainã	4. Irad
5. Mahalalil	5. Mehujael
6. Jared	6. Mathusael

7. Henoc	7. Lamech
8. Mathuslém	8. Jubal
9. Lamech	9. Jabal
10. Noé	10. Tabalcain

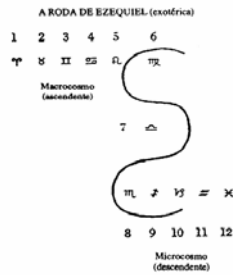
Tais são os dez patriarcas da *Bíblia*, idênticos aos parjâpatis hindus, e às Sephiroth da *Cabala*. Dizemos *dez* patriarcas, não *vinte,* pois a linhagem de Caim foi urgida apenas no propósito de 1ª., pôr em prática a idéia do dualismo, sobre a qual se funda a filosofia de todas as religiões, pois essas duas tabelas geneológicas representam simplesmente os poderes ou princípios opostos do bem e do mal; e 2ª., lançar um véu sobre as massas não iniciadas. Acreditamos tê-las restaurado à sua forma primitiva, afastando esses véus premeditados.

Se nos livrarmos, por conseguinte, dos nomes da linhagem de Caim que são apenas duplicações dos da linhagem de Seth, ou de qualquer outra, livramo-nos de Adão; de Henoc - que, numa genealogia, figura como pai de Irad, e, na outra, como filho de Jared; de Lemech, filho Metusael, ao passo que ele, Lamech, é filho de Mathusalém, na linhagem de Seth; de Irad (Jered), Jubal e Jabal, que, com Tibalcain, formam um trindade em um, e esse um, o duplo de Caim; de Mehujael (que não é senão outra grafia de Mahalalil), e Metusael (Mathusalém). Resta assim, na genealogia de Caim do capítulo IV, apenas um nome, o de Caim, que - como primeiro assassino e fratricida - permanece em sua linhagem como pai de Henoc, o mais virtuoso dos homens, que não morre e é levado com vida. Voltamos à tábua de Seth, e descobrimos que Enós, ou Henoc, é o *segundo* depois de Adão, e pai de Caim (Cainam). Isto não é um acidente. Há uma razão evidente para essa inversão de paternidade, um desígnio palpável - o de criar confusão e dificultar a investigação.

Dizemos, portanto, que os patriarcas são simplesmente os signos do Zodíaco, emblemas, em seus múltiplos aspectos, da evolução espiritual e física das raças humanas, das era e das divisões do tempo. Na astrologia, as primeiras quartas "Casas", nos diagramas das "Doze Casas do Céu" - a saber, a primeira, a décima, a sétima e a quarta, ou o segundo quadrante interno com seus ângulos superiores e inferiores, chamam-se *ângulos*, por estarem dotados de grande força. Eles correspondem a Adão, Noé, Cain-am, e Henoc, Alfa, Ômega, mal e bem, que governam o todo. Além disso, quando divididos (incluindo os dois nomes secretos) em quatro *trígonos* ou tríadas, a saber: a ígnea, a aérea, a terrestre e a aquática, encontramos que a última corresponde a Noé.

Enoch e Lamech são duplicados na tábua de Caim para perfazer o número dez nas duas "gerações" da *Bíblia*, sem o emprego do "Nome Secreto"; e para que os patriarcas correspondem às dez Sephîrôth cabalísticas, quadrando-se ao mesmo tempo com os dez, e posteriormente *doze*, signos do Zodíaco, de modo compreensível apenas aos cabalistas.

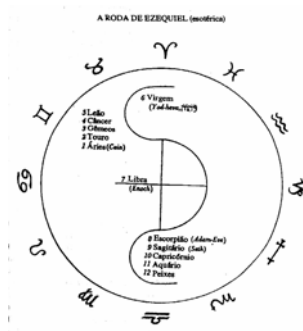
Tendo Abel desaparecido dessa linhagem, ele é substituído por Seth, que foi claramente uma idéia posterior sugerida pela necessidade de não fazer a raça humana descender inteiramente de um assassino. Esse dilema só foi percebido, ao que parece, quando a tabela de Caim estava completa, e assim se fez que Adão (depois do aparecimento de todas as gerações) gerasse esse filho, Seth. É sugestivo o fato de que, ao passo que o Adão bissexuado do capítulo V é feito à imagem e semelhança dos Elohim (ver *Gênese*, I, 27, e V, 1), Seth (V, 3) é gerado à "semelhança" de Adão, significando assim que havia homens de raças diferentes. É notável também que nenhum dado figure, na tabela de Caim, relativo à época ou a outros detalhes dos patriarcas, ao passo que o contrário é verdadeiro nas linhagens de Seth.

É claro que ninguém deveria descobrir, numa obra aberta ao público, os mistérios finais daquilo que foi preservado por incontáveis séculos como o maior segredo do santuário. Mas, sem divulgar a chave ao profano, ou sem ser tachado de indevida indiscrição, pode muito bem o autor erguer uma ponta do véu que oculta as majestosas doutrinas da Antigüidade. Descrevemos então os patriarcas tais como deveriam estar em sua relação com o Zodíaco, e observaremos a sua correspondência com os signos. O seguinte diagrama representa a Roda de Ezequiel, conforme é dada em muitas obras, entre outras em *The Rosicrucians,* de Hargrave Jenning:

A figura representa a Roda de Ezequiel (EXOTÉRICA).

Esses signos são (acompanhe os números):
1, Áires; 2, Touro; 3, Gêmeos, 4. Câncer; 5, Leão; 6, Virgem; ou linha *ascendente* do grande ciclo de criação. Vêm, em seguida, 7, *Libra* - o "homem", que, embora se ache exatamente no ponto de interseção, conduz aos números 8, Escorpião; 9, Sagitário; 10, Capricórnio; 11, Aquário; e 12, Peixes.

Ao discutir os signos duplos de Virgem-Escorpião, observa Hargrave Jennings:

"Tudo isso é incompreensível, exceto no estranho misticismo dos gnósticos e dos cabalistas; e toda a teoria requer uma chave de explicação que a torne inteligível , mas os ocultista negam absolutamente a existência de tal chave, visto que não lhes é permitido divulgá-la".

Essa dita chave deve ser girada *sete* vezes antes que todo o sistema possa ser divulgado. Dar-lhe-emos apenas *um* giro, e dessa forma permitiremos ao profano um relance no mistério. Feliz aquele que puder compreendê-lo todo!

A figura representa a Roda de Ezequiel (ESOTÉRICA).

Para explicar a presença de Yod-'heva, ou do que é geralmente chamado de Tetragrama, e de Adão e Eva, bastará remeter o leitor aos seguintes versos do *Gênese*, com o seu sentido correto inserido nos colchetes.

1. "E Deus [os Elohim] criou o homem à sua [deles] imagem (...) macho e fêmea os [o] criou" - (cap. I, 27).

2. "Macho e fêmea os [o] criou (...) e deu-lhes [lhe] o nome de ADÃO" - (V, 2).

Quando a Trindade é tomada no início do Tetragrama, ela expressa a criação divina *espiritual*, i. e., sem qualquer pecado carnal: tomada em seu termo oposto, ela expressa a esse último; é feminina. O nome de Eva compõe-se de três letras, o do Adão primitivo ou celestial é escrito com uma única letra, Jod ou Yode; por conseguinte, não se deve ler Jeová, mas Ieva, ou Eva. O Adão do primeiro capítulo é espiritual, portanto puro, andrógino, Adão-Cadmo. Quando a mulher sai da costela esquerda do segundo Adão (do pó), a *Virgem* pura se separa, e, caindo "na geração", ou no ciclo inferior, torna-se Escorpião, emblema do pecado e da matéria. Ao passo que o ciclo ascendente assinala as raças puramente espirituais, ou os dez patriarcas antediluvianos, os Prajâpatis e a
Sephîrôth são conduzidos pela própria Divindade criadora, que é Adão-Cadmo, ou Yod-'heva. [Espiritualmente], o inferior [Jeova] é o das raças terrestres, conduzidas por Enoque ou *Libra*, o *sétimo*, que, por ser metade divino, metade terrestre, teria sido tomado com vida por Deus. Enoque, Hermes e Libra são uma mesma coisa. Todos representam as escalas da harmonia universal; a justiça e o equilíbrio estão colocados no ponto central do *Zodíaco*. O grande círculo dos céus, de que tão bem fala Platão no *Timeu*, simboliza o desconhecido como uma unidade; e os círculos menores que formam a cruz, por sua divisão no plano do anel zodiacal, representam, no ponto de sua interseção, a vida. As forças centrípetas e centrífugas, como símbolos do Bem e do Mal, do Espírito e da Matéria, da Vida e da Morte, o são também do Criador e do Destruidor - Adão e Eva, ou Deus e o Demônio. Nos mundos subjetivos, assim como no objetivo, elas são as duas forças que através de seu eterno conflito mantêm o espírito e a matéria em harmonia. Elas forçam os planetas a buscar seus caminhos, e os mantêm em suas órbitas elípticas, traçando assim a cruz astronômica em sua revolução através do Zodíaco. Em seu conflito, a força centrípeta, se prevalecesse, dirigiria os planetas e as almas vivas ao sol, protótipo do Sol Espiritual invisível, o Paramâtman ou grande Alma universal, seu pai, ao passo que a força centrífuga enxotaria os planetas e as *almas* para o espaço árido, muito longe do luminar do universo objetivo, fora do reino espiritual da salvação e da vida eterna, e para o caos da destruição cósmica final, e da aniquilação individual. Ela regula a ação das duas combatentes, e o esforço de ambas faz os planetas e as "almas vivas" traçarem um dupla linha diagonal em sua revolução através do Zodíaco e da Vida; e assim, preservando a rigorosa harmonia, no céu e na Terra visíveis e invisíveis, a forçada unidade de ambas reconcilia o espírito e a matéria, e Henoc permanece como um "Metratron" diante de Deus. Desde Henoc até Noé e seus três filhos, cada um representa um novo "mundo" (i.e., nossa Terra, a sétima) que após cada período de transformação geológica dá nascimento á outra raça distinta de homens e seres.

Caim conduz a linha ascendente, ou Macrocosmo, pois ele é o Filho do "Senhor", não de Adão (*Gênese, VI, 1*). O "Senhor" é Adão-Cadmo, Caim, o Filho de mente pecadora, não a progênie de carne e sangue. Seth, por outro lado, é o guia das raças da Terra, pois ele é o Filho de Adão, e gerado "à sua imagem e

semelhança" (*Gênese*, V, 3). Caim é *Kenu*, assírio, palavra que significa "primôgenito", ao passo que a palavra em hebraico, indica "ferreiro", um "artífice".

Nossa ciência mostra que o globo passou por cinco fases geológicas distintas, cada qual caracterizada por um estado diferente, e estas são na ordem inversa, a começar do último: 1ª., o período Quaternário, em que o homem aparece como uma certeza; 2ª. o período Terciário, no qual o homem *pode* ter aparecido; 3ª., o período Secundário, o dos sáurios gigantes, os megalossauros, os ictiossauros e os plessiossauros - *sem nenhum vestígio do homem*; 4ª. o período Paleozóico, o dos crustáceos gigantes; 5ª. (ou primeiro): o período Azóico, durante o qual a vida orgânica ainda não havia aparecido.

E não há a possibilidade de ter havido um período (ou vários períodos) em que o homem *existia*, mas não como ser orgânico - não deixando por conseguinte nenhum vestígio para a ciência exata? O *espírito* não deixa esqueletos ou fosseis, e, no entanto, pouco são os homens na Terra que duvidam de que o homem possa viver tanto objetiva como subjetivamente. Para todos os efeitos, a teologia dos brâmanes, de venerável antigüidade, que divide os períodos formadores da terra em quatro eras e coloca, entre cada um deles, um lapso de 1.728.000 anos, harmoniza-se muito mais com a ciência oficial e as descobertas modernas do que as absurdas noções cronológicas promulgadas pelos Concílios de Nicéia (Ano de 325.) e Treto (Anos de 1545 a 1563.).

Os nomes dos patriarcas não eram hebraicos, embora eles possam ter sido hebraizados mais tarde; são evidentemente de origem assíria ou ária.

Assim, *Adão*, por exemplo, conforme explica a *Cabala*, é um termo conversível, e aplica-se a quase todo os outros patriarcas, assim como cada uma das Sephîrôth às demais, e *vice-versa*. Adão, Caim e Abel formam a primeira *Tríada* dos doze. Eles correspondem, na árvore sephirótica, à Coroa, à Sabedoria e à Inteligência ; e na astrologia, aos três trígonos - o ígneo, o terrestre e o aéreo, fato esse que, se dispuséssemos de mais espaço para elucidá-lo, mostraria talvez que a astrologia merece tanto o nome de ciência como qualquer outra. Adão (Cadmo) ou Áries (carneiro) é idêntico a Amun, o deus egípcio de cabeça de carneiro, que fabrica o homem na roda de oleiro. Sua duplicação, por conseguinte - ou o Adão de pó - é também Áries, Amon, quando permanece à testa de suas gerações, pois ele fabrica mortais também "à sua semelhança". Na astrologia, o planeta Júpter está relacionado com a "primeira casa" (Áries). A cor de Júpter, tal como se vê nos "estágios das sete esferas", na torre de Borsippa, ou Birs Numrud, era *vermelha*; e no hebraico Adão, significa "vermelho", assim como "homem". O deus hindu Agni, que governa o signo de Peixes, próximo do de Áries, em sua relação com os doze meses (fevereiro e março), é pintado com um intenso vermelho, com duas faces (masculina e feminina), *três* pernas, e *sete* braços, perfazendo o todo o número doze. Assim, Noé (Peixes), que aparece nas genealogias como o décimo segundo patriarca, incluindo Caim e Abel, é novamente Adão sob outro nome, pois ele é o ancestral de uma nova raça da Humanidade; e os seus três filhos, um mau, um bom e um que partilha de ambas as qualidades, constituem o reflexo terrestre do superterrestre Adão e de seus três filhos. Agni figura nas imagens montado num carneiro, com uma tiara encimada por uma cruz.

Caim, que governa o Touro do *Zodíaco*, é também muito sugestivo. Touro pertence ao trígono terrestre, e a propósito desse signo não será demais lembrar ao leitor uma alegoria do *Avesta* persa. Reza a história que Ormasde produziu um ser fonte e protótipo de todos os seres do universo - chamado VIDA, ou Touro no *Zend*. Ahriman (Caim) mata esse ser (Abel), da semente do qual (Seth) novos seres são produzidos. Abel, no assírio, significa *filho*, mas em hebraico, significa algo efêmero, *sem valor*, e também um "ídolo pagão", pois Caim significa uma *estátua de herma* (um pilar, o símbolo da geração). Assim também, Abel é a contraparte feminina de Caim (masculino), pois eles são gêmeos e provavelmente andróginos, correspondendo o último à Sabedoria e o primeiro à Inteligência.

Ocorre o mesmo com todos os outros patriarcas. Enosh, é *Homo* novamente - um homem, ou o mesmo Adão, e Enoque, no acordo; e *Kain-an*, é idêntico a Caim. Seth, é Teth, ou Thorth, ou Hermes; e essa é a razão, sem dúvida, por que Josefo afirma que Seth era tão proficiente em astrologia, geometria e outras ciências ocultas. Antevendo o dilúvio, diz ele, ele gravou os princípios fundamentais de sua arte em dois pilares de tijolo e pedra, o mais recente dos quais "ele próprio [Josefo] *viu na Síria em seu tempo*". Por isso, está Seth identificado também com Enoque, a quem os cabalistas e os maçons atribuem o mesmo feito, e ao mesmo tempo com Hermes, ou Cadmo, pois Enoque, é idêntico ao primeiro; He-NOCH, significa um mestre, um indicador, ou um iniciado; na mitologia grega, Inachus. Já vimos o papel que ele exerce no Zodíaco.

Mahalalel, se dividirmos a palavra e escrevermos *ma-ha-lah*, significa terno, misericordioso, e corresponde, por conseguinte, à quarta Sephirah, *Amor* ou *Misericórdia*, emanada da primeira tríada. *Irad*, ou *Iared*, é (menos as vogais) exatamente a mesma coisa. Se deriva do verso, significa *descida*; se de *arad*, significa prole, e corresponde assim perfeitamente às emanações cabalísticas.

Lamech, não é hebraico, mas grego. Lam-ach significa Lam - o pai -, e Olam-Ach é o pai da era; ou o pai daquele (Noé) que inaugura uma nova era ou período de criação após o *pralaya* do dilúvio, sendo Noé o símbolo de um novo mundo, o Reino (Malkhuth) das Sephiroth; é por isso que seu pai, que corresponde à nona Sephîrôth, é a Fundação. Além disso, o pai e seu filho correspondem a Aquário e Peixes no Zodíaco, pertencendo o primeiro ao trígono aéreo e o segundo, ao aquático, e fechando dessa forma a lista dos mitos bíblicos.

Mas se cada patriarca representa, como já vimos, num sentido, como cada um dos Prajâpatis, uma nova raça de seres humanos ante-diluvianos; e se, como se pode provar facilmente, eles são as cópias dos *Saros*, ou eras, babilônicos, sendo estes, por sua vez, cópias das dez dinastiashindus dos "Senhores dos Seres", como quer que os consederemos, eles figuram entre as alegorias mais profundas jamais concebidas pelos espíritos filosóficos.

No *Nychthêmeron*, a evolução do universo e os seus sucessivos períodos de formação, juntamente com o desenvolvimento gradual das raças humanas, são ilustrados com perfeição nas doze "horas" em que se divide a alegoria. Cada "hora" simboliza a evolução de um novo homem, e é por sua vez dividida em quatro quartos ou eras. Essa obra mostra quão profundamente imbuída estava a filosofia antiga das doutrinas dos primeiros âryas, que foram os primeiros a dividir a vida em nosso planeta em quatro eras. Se remontarmos essa doutrina de sua fonte na noite do período tradicional até o Profeta de Patmos, não precisaremos nos desviar entre os sistemas religiosos de outras nações. Descobriremos que os babilónicos ensinavam que em quatro diferentes períodos surgiram quatro Oannes (ou sóis); que os hindus propunham quatro Yugas; que os gregos, os romanos e outros acreditavam firmemente nas idades do ouro, da prata, do bronze e do ferro, sendo, cada uma das épocas anunciada pelo surgimento de um salvador. Os quatro Buddhas dos hindus e os três profetas dos zoroastristas - Oshedâr-Bâmî, Oshedâr-Mâh e Saoshyant - precedidos por Zaratustra, são os símbolos dessas idades.

Na *Bíblia*, o próprio livro inicial nos diz que *antes que os filhos de Deus vissem as filhas dos homens*, eles viviam de 365 a 969 anos. Mas quando o "Senhor Deus" viu as iniquidades da Humanidade, decidiu conceder-lhes no máximo 120 anos de vida (*Gênese*, VI, 3). Para se explicar tal violenta oscilação na tabela da mortalidade humana, é necessário remontar essa decisão do "Senhor Deus" à sua origem. Essas incongruências que encontramos a cada passo na *Bíblia* só podem ser atribuídas ao fato de que o livro *Gênese* e os outros livros de Moisés foram alterados e remodelados por mais de um autor; e de que em seu estado original eles eram, com exceção da forma externa das alegorias, cópias fieis dos livros sagrados hindus. Em *Manu*, Livro I, 81 et seq., lê-se o seguinte:

"Na primeira era, não havia doença ou sofrimento. Os homens viviam por quatro séculos".

Isto foi no Krita ou Satya-yuga.

"O Krita-yuga é o símbolo da justiça. O *touro* que se assenta firmemente sobre as patas é a sua imagem; o homem se mantém fiel à verdade, e o mal ainda não lhe dirige as ações." Mas em cada uma das eras seguintes a primeira vida humana perde um quarto da sua duração, vale dizer, no Tretâ-yuga o homem vive 300 anos, no Davâpara-yuga 200, e no Kali-yuga, a nossa era, apenas 100 anos, no máximo. Noé, filho de Lamech - Olam-*ach*, ou pai da era - é a cópia destorcida de Manu, filho de Savayambhû, e os seis manus ou rishis oriundos dos "primeiros homens" hindus são os originais de Terah, Abarão, Isaac, Jacó, José e Moisés, os sábios hebreus que, a começar de Terah, teriam sido todos astrólogos, alquimistas, profetas inspirados e adivinhos, ou em termos mais profanos, porém mais claros, mágicos.

Se consultarmos o *Mishnah* talmúdico, descobriremos que o primeiro par divino emanado, o Demiurgo andrógino *Hkhmah* (ou *Hokhma-Akhamôth*) e *Binah*, construiu uma casa com *sete* colunas. Eles são os arquitetos de Deus - Sabedoria e Inteligência - e Seu "compasso e esquadro". As sete colunas são os futuros *sete* mundos, ou os *sete* "dias" primordiais da criação.

"Hokhmah imola suas vítimas". Essas vítimas são as incontáveis forças da natureza que precisam "morrer" (consumir-se) *para que possam viver,* quando uma força morre, é apenas para dar nascimento a outra força, sua prole. Ela morre mas vive em sua criação, e ressuscita a cada *sétima* geração. Os servos de *Hokhmah*, ou sabedoria, são as almas de ha-Adão, pois nele estão todas as almas de Israel.

Há *doze* horas no dia, diz o *Mishnah*, e é durante essas horas que se realiza a criação do homem. Essa frase seria incompreensível se não tivéssemos Manu para nos ensinar que esse "dia" abrange as quatro eras do mundo e tem a duração de *doze* mil anos divinos dos Devas.

"Os Criadores (Elohim) moldaram na segunda" hora "o contorno de uma forma mais corpórea do homem. Eles o separaram em duas partes e deram formas distintas a cada um dos sexos. Foi assim que os Elohim procederam em relação a toda coisa criada." Todo peixe, ave, planta, animal e homem era andrógino nessa primeira hora."

CAPÍTULO X

MITO DO DEMÔNIO

A DOUTRINA DA CONDENAÇÃO ETERNA. (L. 4. pág. 113).

Os pregadores batistas reunidos em 09 de abril de 1877, na Capela dos Marinheiros, em Olver Street. Muitos missionários estrangeiros estavam presentes. O Rev. John W. Sarles, do Brooklin, leu um discurso, em que defendia a proposição de que *todo gentio adulto que morrer sem o conhecimento do Evangelho está condenado para toda a eternidade.* De outra maneira, argumentou o reverendo ensaísta, o Evangelho é uma maldição, em vez de uma bênção, os judeus que crucificaram Cristo obraram com justiça e toda a estrutura da religião revelada cai por terra.

"O Irmão Stoddart, um missionário da Índia, endossou as opiniões do pastor do Brooklin, dizendo que os hindus era grandes pecadores. Certa vez, depois de ter ele pregado num mercado público, um brâmane se acercou dele e lhe disse: `Nós, os hindus, podemos avantajar-nos o mundo em mentiras, mas este homem nos vence. Como pode ele dizer que Deus nos ama? Olhai para as serpentes venenosas, os tigres, os leões e todas as espécies de animais perigosos que nos rodeiam. Se Deus nos ama, por que Ele não os afugenta?'

"O Reve. Sr. Pixley, de Hamilton, N. Y., aderiu entusiasticamente à doutrina do ensaio do Irmão Sarles e solicitou 5.000 dólares para o ensino de jovens aspirantes ao sacerdócio."

E esses homens - não diremos que ensinam a doutrina de Jesus, pois isso seria insultar a sua memória, mas - são *pagos* para ensinar a sua doutrina! Podemos nos espantar com o fato de que pessoas inteligentes prefiram a aniquilação a um fé fundamentada numa doutrina tão monstruosa? Duvidamos que qualquer brâmane respeitável confessasse o vício da mentira - uma arte cultivada apenas naquelas regiões da Índia britânica onde se encontram os cristãos. Mas desafiamos qualquer homem honesto desse imenso mundo a dizer se ele acha que o brâmane estava longe da verdade ao afirmar, em relação ao missionário Stoddart, que "este homem nos vence" em mentiras. Que mais poderia ele dizer, se este pregava a eles a doutrina da *condenação eterna,* porque, na verdade, haviam passado suas vidas sem ler um livro judaico, de que nunca haviam ouvido falar, ou sem procurar a salvação num Cristo de cuja existência eles nunca haviam suspeitado! Mas o clero batista, que precisa de alguns milhares de dólares, há de recorrer a representações terroríficas para acender o coração de sua congregação.

A MORAL DO CRISTIANISMO MODERNO. (L. 4. pág. 114).

O novo credo, portanto, tão como possa parecer, incorpora a essência mesma da crença da Igreja, tal como inculcada por seus missionários. Consideram-se menos ímpio, menos infiel, duvidar da existência pessoal do Espírito Santo, ou da Divindade de Jesus, do que questionar a personalidade do Diabo. Mas, está quase esquecido um resumo do *Koheleth*.* Quem cita as palavras de ouro do profeta Miquéias, ou parece preocupar-se com a exposição da Lei, tal como foi ouvida do próprio Jesus? Toda a moral do Cristianismo moderno se resume no mandamento de "temer o Diabo". (* *Eclesiástico,* XII, 13: ver Lang, *Commentary on the Olt Testament,* ed. por Tayler Lewis, Edimburgo, 1870, p. 199:

> "A grande conclusão ouvi: Temei a Deus
> E seus mandamentos guardai,
> Pois tudo isto é do homem.")

O clero católico e alguns dos paladinos da Igreja romana brigam ainda mais pela existência de Satã e de seus diabretes. Se des Mousseaux afirma a realidade objetiva dos fenômenos espiritistas com um ardor tão inflexível é porque, em sua opinião, esses fenômenos são a prova mais evidente do Diabo em função. Ele é mais católico do que o Papa, e sua lógica e suas deduções de premissas infundadas e não estabelecidas são singulares e provam um vez mais que o credo oferecido por nós expressa com grande eloqüência a crença católica.

"Se a Magia", diz ele, "fosse apenas uma quimera, teríamos que dar uma adeus eterno a todos os anjos rebeldes, que agora perturbam o mundo; pois, assim, *não haveria demônios aqui*. E, se *perdemos nossos demônios*, PERDEREMOS também O NOSSO SALVADOR. Pois de que nos redimiria o Redentor? Por conseguinte, não existiria o Cristianismo!"

O Diabo é o gênio protetor do Cristianismo teológico. Tão "santo e reverenciado é seu nome" na concepção moderna, que ele não pode, exceto ocasionalmente no púlpito, ser pronunciado para não ferir os

ouvidos dos fieis. Da mesma maneira, antigamente, não era lícito pronunciar os nomes sagrados ou repetir o jargão dos mistérios, exceto no claustro sagrado. Mas conhecemos os nomes dos deuses samotrácios e não podemos precisar o número dos Kabiri. Os egípcios consideravam blasfemo pronunciar o epíteto dos deuses de seus ritos secretos. E mesmo agora, o brâmane só pronuncia a sílaba *Om* em pensamento silencioso, como os rabinos, o Inefável Nome. Por essa razão, nós que não exercemos tal veneração, fomos levados à cincada da adulteração dos nomes de HISIR e YAVA, nos abusivos Osíris e Jeová. Uma fascinação similar promete muito mais, como se pode perceber, para reunir as designações da personagem obscura de que tratamos; e, no uso familiar, é bastante provável que choquemos as sensibilidades peculiares de muitas pessoas que consideram uma blasfêmia a simples menção dos nomes de Diabo - o pecado dos pecados, que "nunca terá perdão" (Marcos, III, 29: "Aquele que blasfemar contra o Espírito Santo nunca jamais terá perdão, mas estará em perigo de condenação eterna")

Faz alguns anos um amigo nosso escreveu um artigo de jornal para demonstrar que o *diabolos* ou Satã do *Novo Testamento* denota a personificação de uma idéia abstrata e não um ser pessoal. Foi contestado por um clérigo, que concluiu sua réplica com uma expressão deprecatória: "Temo que ele tenha negado seu Salvador". Na sua tréplica, nosso amigo afirmou: "Oh, não! só negamos o Diabo". Mas o clérigo não conseguiu perceber a diferença. Em sua concepção do assunto, a negação da existência objetiva pessoal do Diabo era "o pecado contra o Espírito Santo.

É tarde para esperar que o clero cristão refaça e emende sua obra. Há muita coisa em jogo. Se a Igreja cristã abandonasse ou mesmo modificasse o dogma de um diabo antropomórfico, isso equivaleria a empurrar a carta da base de um castelo de cartas. Toda a estrutura ruiria. Os clérigos a que aludimos percebem que, após a abdicação de Satã como um diabo pessoal, o dogma de Jesus Cristo como a segunda divindade de sua Trindade sofreria a mesma catástrofe. Por incrível, ou mesmo horrendo, que pareça, a Igreja romana baseia sua doutrina da divindade de Cristo inteiramente no satanismo do arcanjo caído. Temos o testemunho do Padre Ventura, que proclama a importância vital desse dogma dos católicos.

Muitas almas zelosas e ardorosas revoltaram-se contra o monstruoso dogma de João Calvino, o papinha de Genebra, para quem *o pecado é a causa necessária do maior bem*. Essa afirmação foi apoiada, no entanto, por uma lógica como a de des Mousseaux e ilustrada pelos mesmos dogmas. A execução de Jesus, o homem-deus, na cruz, foi o crime mais horrendo do universo e foi necessário para que a Humanidade - esses seres predestinados à vida eterna - pudesse ser salva. D'Aubigné cita o que Martinho Lutero extraiu do cânone e o faz exclamar, em enlevo extático: "*O beata culpa, qui talem meruisti redemptorem!"* "Ó pecado abençoado, que mereceste esse Redentor". Percebemos agora que o dogma que parecia tão monstruoso é, afinal, a doutrina do Papa, de Calvino e de Lutero - os três são apenas um.

Maomé e seus discípulos, que tinham Jesus em grande respeito com um profeta, observa Éliphas Lévi, costumavam pronunciar, quando falavam dos cristãos, as seguintes palavras: "Jesus de Nazaré era verdadeiramente um profeta de Alá e um grande homem -, mas eis que todos os seus discípulos um dia enlouqueceram e fizeram dele um deus".

Max Müller acrescentou benevolentemente: "Foi um erro dos padres antigos tratar os deuses gentios como demônios do mal e devemos ter cuidado de não cometer o mesmo erro em relação aos deuses hindus".

Mas Satã nos é apresentado como o arrimo e o esteio do sacerdotalismo - um Atlas, que sustenta em seus ombros o céu e o cosmo cristão. Se ele cair, então, em sua concepção, tudo estará perdido e voltará ao caos.

O DOGMA DO DIABO E DA REDENÇÃO. (L. 4. pág. 117).

Esse dogma do Diabo e da redenção parece ter sido baseado em duas passagens do *Novo Testamento*: "Para destruir as obras do Diabo é que o Filho de Deus veio ao mundo". "E então houve no céu uma guerra; Miguel e os seus anjos pelejavam contra o Dragão e o Dragão com os seus anjos pelejavam e não prevaleceram; nem o seu lugar se achou mais no céu. E foi banido o grande Dragão, aquela velha serpente, chamada Diabo e Satã, que seduz a todo o mundo". Que nos seja permitido, então, explorar as teogonias antigas, a fim de verificar o que significavam essas expressões notáveis.

A primeira indagação refere-se ao fato de saber se o termo *Diabo*, tal como usado aqui, representa atualmente a maligna Divindade dos cristãos, ou uma força antagônica, cega - o lado escuro da Natureza. Com esta última expressão não queremos dizer que a manifestação de qualquer princípio do mal é *malum in se*, mas apenas a sombra da Luz, por assim dizer. As teorias dos cabalistas tratam dela como uma força que é antagônica, mas ao mesmo tempo essencial para a vitalidade, a evolução e o vigor do princípio do bem. As plantas poderiam perecer em seu primeiro estágio de existência se fossem exposta a um luz solar constante; a noite que alterna com o dia é essencial ao seu crescimento saudável e ao seu desenvolvimento. O bem, da

mesma maneira, deixaria rapidamente de sê-lo se não alternasse com seu oposto. Na natureza humana, o mal denota o antagonismo da matéria com o que é espiritual, e assim eles se purificam mutuamente. No cosmos, o equilíbrio deve ser preservado; a operação dos dois contrários produz a harmonia, tais como as forças centrípeta e centrífuga, e uma é necessária à outra. Se um delas cessar, a ação da outra se tornará destrutiva imediatamente.

A personificação denominada *Satã*, deve ser contemplada de três planos diferentes: o *Velho Testamento*, os padres cristãos e a antiga atitude gentia., Supõe-se que ele fosse representado pela Serpente do Jardim do Éden; não obstante, o epíteto de Satã não se aplica, em nenhum dos escritos sagrados hebraicos, nem a essa, nem a qualquer outra variedade de ofídios. A Serpente de Bronze foi adorada pelos israelitas como um deus, porque era o símbolo de Esmun-Asklepius, o Iao fenício. Na verdade, o caráter do próprio Satã é apresentado no Primeiro Livro de *Crônicas*, instigando Davi a contar o povo israelita, um ato depois declarado como tendo sido ordenado pelo próprio Jeová a inferência inevitável é a de que os dois, Satã e Jeová, eram tidos como idênticos.

Nas profecias de *Zacarias* encontra-se outra menção a Satã. Esse livro foi escrito num período posterior à colonização da Palestina e, por essa razão, pode-se supor que os assideus devem ter trazido diretamente do Oriente essa personificação. É bastante conhecido o fato de que esse corpo de sectários estava profundamente imbuído das noções mazdeístas e que representava Ahriman ou Angra-Mainyur pelos deuses-nomes da Síria. Set ou Set-an, o deus dos hititas e dos hicsos, e Beeel-Zebub, o oráculo-deus, mais tarde o Apolo grego. O profeta iniciou os seus trabalhos na Judéia, no segundo ano de Darius Hystaspes, o restaurador da adoração mazdeísta. Eis como ele descreve o encontro com Satã: "Depois mostrou-me o Senhor o sumo-sacerdote Jesus, que estava diante do anjo do Senhor, e Satã estava à sua direita para ser seu adversário. E o Senhor disse a Satã "O Senhor te reprima, ó Satã; e reprima o Senhor, que elegeu a Jerusalém! Acaso não é este um tição que foi tirado ao fogo?"

Percebemos que essa passagem, que citamos, é simbólica. Há duas alusões no *Novo Testamento* que indicam que assim deve ser. A *Espístola Católica de Judas* refere-se a isso com os seguintes termos: "Quando o arcanjo Miguel, disputando com o Diabo, altercava sobre o corpo de Moisés, não se atreveu a fulminar-lhe a sentença de blasfemo, mas disse 'O Senhor te reprima'". Vemos aqui o arcanjo Miguel mencionado como idêntico ao Senhor, ou anjo do Senhor, da citação anterior, e demostra-se assim que o Jeová hebraico tem um caráter duplo, o secreto e o manifestado como o anjo do Senhor, ou o arcanjo Miguel. Uma comparação entre essas duas passagens deixa claro que "o corpo de Moisés" sobre o qual alternavam era a Palestina, que, como "a terra dos hitias", era o domínio peculiar de Seth, seu deus tutelar. Miguel, o paladino da adoração de Jeová, lutou com o Diabo ou Adversário, mas deixou o julgamento ao seu superior.

Belial, não deve ser considerado, nem como deus, nem como diabo. O termo BELIAL, é definido nos léxicos hebraicos como destruição, assolamento, esterilidade; a frase AISH-BELIAL ou homem-Belial significa um homem destruidor, daninho. Se Belial deve ser personificado para agradar nossos amigos religiosos, seríamos obrigados a fazê-lo distinto de Satã e a considera-lo como uma espécie de *Diakka* espiritual. Os demonógrafos, todavia, que enumeram nove ordens distintas de *daimonia,* fazem-no chefe da terceira classe - um conjunto de duendes, nocivos e imprestáveis.

Asmodeu tem origem puramente presa, não é nenhum espírito judaico. Bréal, autor de *Hercule et Cacus*, mostra que ele é o Eshem-daêva, o espírito maligno da concupiscência, de quem Max Müller nos diz ser "mencionado muitas vezes no *Avesta* como um dos *devas*", originalmente deuses, que se tornaram espíritos do mal.

Samuel é Satã; mas Bryant e outras autoridades demonstram ser ele o nome de *Simoom* - o verbo do deserto, e o *Simmom* é chamado Atabul-os ou Diabolos.

Plutarco observa que por Typhon se deve entender alguma coisa violenta, ingovernável e desregrada. O transbordamento do Nilo era chamado pelos egípcios de Typhon. O Baixo Egito é muito plano e quaisquer morretes erguidos ao longo do rio para evitar as inundações freqüentes eram chamados Typhonian ou *Taphos*; aí, a origem de Typhon. Plutarco, que era um grego rígido, ortodoxo, e que nunca foi conhecido como alguém que olhasse egípcios com muita simpatia, testemunha em seu *Ísis e Osíris* que, longe de adorarem o diabo (de que os cristãos os acusam), os egípcios mais desprezavam do que temiam Typhon. No seu símbolo de poder oposto e obstinado da natureza, acreditavam fosse ele uma divindade pobre, batida, semimorta. Assim, mesmo naquela remotíssima era, já havia *pessoas ilustradas o bastante para não acreditarem num diabo pessoal*. Como Typhon era representado em um de seus símbolos sob a figura de um asno, no festival dos sacrifícios em honra do sol, os sacerdotes egípcios exortavam os adoradores fiéis a não vestirem ornamentos de ouro sobre seus corpos para não alimentar com eles o *asno*!

PLATÃO EXPRESSA SUA OPINIÃO A RESPEITO DO MAL. **(L. 4. pág. 119).**

Três séculos e meio antes de Cristo, Platão expressou sua opinião a respeito do mal dizendo que "existe na matéria uma força cega, refratária, que resiste à vontade do Grande Artífice". Essa força cega, sob o influxo cristão, tornou-se fidedigna: foi transformada em Satã!

Sua identidade com Thyphon não pode ser posta em dúvida se lê o relato de *Jó* a respeito de sua semelhança com os filhos de Deus, diante do Senhor. Ele acusa Jó de ser capaz de maldizer o Senhor, após suficiente provocação. Assim também Typhon, no *Livros dos Mortos egípcio*, figura como acusador. A semelhança estende-se até os nomes, pois uma das designações de Typhon era *Seth*, ou *Set*; como *Shatan*, em hebraico, significa adversário. Em árabe, a palavra é *Shâtana* - ser adverso - perseguir - e Manetho diz que assassinou traiçoeiramente Osíris, em cumplicidade com os semitas (os israelitas). Este fato pode ter dado origem à fábula narrada por Plutarco, segundo a qual, na luta entre Hórus e Typhon, Typhon, com medo da maldade que cometera, fugiu por sete dias em um asno e, escapando, gerou os meninos Hierosolymus e Judaeus (Jerusalém e Judéia).

O Professor Reuvens refere-se a uma invocação a Typhon-Seth, e Epifânio diz que os egípcios adoravam Typhon sob a forma de um asno, ao passo que, de acordo com Busen, Seth "surgia gradualmente entre os semitas como pano de fundo de sua consciência religiosa". O nome de asno em copta, AO, é uma variante fonética de IAÔ, e assim o animal tornou-se um trocadilho-símbolo. Assim, Satã é uma criação posterior, nascida da fantasia ardente dos padres da Igreja. Por um revés da sorte, a que os deuses estão tão sujeitos quanto os mortais, Typhon-Seth caiu das alturas eminentes de filho deificado de Adão-Cadmo para a posição degradante de um espírito subalterno, um demônio mítico - um asno. Os cismas religiosos são tão poucos isentos de mesquinhez frágil e dos sentimentos vingativos da Humanidade quanto às querelas sectárias dos leigos. Prova desse fato nos é oferecida pela reforma zoroastriana, quando o Magismo se separou da velha crença dos brâmanes. Os brilhantes *devas* do *Veda* tornou-se, sob a reforma religiosa de Zoroastro, *devas*, ou espíritos do mal do *Avesta*. Até mesmo Indra, o deus luminoso, foi enviado às trevas para ser substituído, com uma luz mais brilhante, por Ahura-Mazda, a Divindade Sábia e Suprema.

A VENERAÇÃO DA SERPENTE. **(L. 4. pág. 119).**

A estranha veneração que os ofitas dedicavam à serpente que representava Cristos se tornará menos perplexa se os estudiosos lembrarem de que em todas as épocas a serpente foi o símbolo da sabedoria divina que mata para fazer ressurgir, destrói para melhor reconstruir. Moisés era descendente de Levi, uma tribo-serpente. Gautama Buddha pertence a uma linhagem-serpente, através da dinastia Nâga (serpente) e reis que reinou no Magadha. Hermes, ou o deus Taautos (Thoth), em seu símbolo-serpente, é Têt; e, de acordo com as lendasofitas, Jesus ou Cristos nasceu de uma serpente (sabedoria divina, ou Espírito Santo), isto é, tornou-se um filho de Deus por meio de sua iniciação na "Ciência da Serpente". Vishnu, idêntico ao egípcio Kneph, repousa sobre a serpente celestial de *sete* cabeças.

O dragão vermelho ou ígneo dos tempos antigos era a insígnia dos assírios. Ciro adotou-a deles, quando a Pérsia se apoderou do seu país. Os romanos e os bizantinos foram os próximos a assumi-la; e então o "grande dragão vermelho", além de ser o símbolo da Babilônia e de Nínive, tornou-se o de Roma.

A tentação, ou provocação, de Jesus é, todavia, a ocasião mais dramática em que surge Satã. Como que para provar a designação de Apolo-Esculápio e Baco, [como] *Diabolos*, ou filho de Zeus, ele também é chamado de *Diabolos*, ou acusador. A cena da provação foi o ermo. O deserto entre o Jordão e o Mar Morto era a morada dos "filhos dos profetas" e dos essênios. Estes ascetas costumavam sujeitar seus neófitos a provocações, análogas às *torturas* dos ritos mitricos, e a tentação de Jesus foi evidentemente uma cena dessa índole. Por essa razão, afirma-se no *Evangelho segundo São Lucas* [IV, 13, 14] que "o Diabolos, tendo completado a provação, deixou-o por tempo específico; e voltou Jesus em virtude do Espírito para a Galiléia. Mas o Diabo, neste exemplo, não é evidentemente nenhum princípio maligno, senão o princípio que exerce a disciplina. Os termos Diabo e Satã são empregados repetidas vezes neste sentido. (Ver 1 Coríntios, V, 2; 2 Coríntios, XI, 14; 1 Timóteo, I, 20). Assim, quando Paulo estava propenso a um júbilo excessivo em virtude da abundância de revelações ou descobertas epópticas, foi-lhe dado "na carne, um estímulo, o anjo de Satanás", para o esbofetear. (2 Coríntios, XII, 7. Números, XXII, 22, o anjo do Senhor é descrito como desempenhando o papel de um Satã a Balaam).

A HISTÓRIA DE SATÃ NO LIVRO DE JÓ. **(L. 4. pág. 120).**

A história de Satã, no *Livro de Jó*, tem um caráter familiar. Ele é introduzido como um dos "Filhos de Deus", que se apresentam diante do Senhor como numa iniciação mística.

Em todas estas cenas não se manifesta nenhum diabolismo que se supõe caracterizar o "adversário das almas".

É opinião de alguns escritores de mérito e erudição que o Satã do livro de *Jó* é um mito judaico, que contém a doutrina mazdeísta do Princípio do Mal. O Dr. Haug observa que "a religião zoroastriana apresenta uma afinidade muito estreita ou antes uma identidade, com muitas doutrinas importantes da religião mosaica e o cristianismo, tais como a personalidade e os atributos do diabo e a ressurreição dos mortos". A batalha do *Apocalipse* entre Miguel e o Dragão pode ser remontada, com igual facilidade, aos mitos mais antigos dos arianos. No *Avesta,* lemos sobre a luta entre *Thraêtaoma e Azhi-Dahâka*, a serpente destruidora. Burnouf esforçou-se por demostrar que o mito védico de Ahi, ou a serpente, que lutou contra os deuses, foi gradualmente evemerizado, na "batalha de um homem peidoso contra o poder do mal", na religião mazdeísta. Segundo essas interpretações, Satã seria idêntico a Zohâk ou Azhi-Dahâka, que é uma serpente de três cabeças, uma das quais é humana.

De acordo com Josefo, os hicsos foram os ancestrais dos israelitas. Esse fato é, sem duvida, substancialmente verdadeiro. As *Escrituras* hebraicas, que contam uma história um pouco diferente, foram escritas num período posterior e sofreram várias revisões antes que fossem promulgadas com qualquer grau de publicidade. Typhon tornou-se odioso no Egito e os pastores, "uma abominação". "No curso da vigésima dinastia foi tratado repentinamente como um demônio do mal, além de suas efígies e nome terem sido obliterados em todos os monumentos e em todas as inscrições onde haviam sido gravados".

A PROPENSÃO DE EVEMERIZAR OS DEUSES EM HOMENS. (L .4. pág. 121).

Em todas as épocas, existiu a propensão de se evemerizar os deuses em homens. Mencionam-se túmulos de Zeus, Apolo, Hércules e Baco para demonstrar que eles foram originalmente apenas seres mortais. Sem, Cam, e Jafé são as personificações respectivas das divindades Shamas, da Assíria, Kham, do Egito, e Iapetes, o Titã. Seth era deus dos hicsos, Enoch, ou Inaco, dos argivos; e Abarão, Isaac e Judá têm sido comparados a Brahmâ, Ikshvaku e Yadu, do panteão hindu. Typhon caiu da divindade para a diabolicidade, tanto no seu caráter próprio de irmão de Osíris quando no Seth, o Satã da Ásia. Apolo, o deus do dia, tornou-se, na sua roupagem fenícia mais antiga, não mais Baal-Zebul, o Oráculo-deus, mas o príncipe dos demônios e finalmente o senhor do mundo subterrâneo. A separação do mazdeísmo, do vedismo, transformou os *devas*, ou deuses, em potências do mal. Indra, também, subordina-se a Ahriman na *Vendîdâd*, criado por ele com material extraído das trevas, junto com Shiva (Sûrya) e os dois Aswins. Até mesmo Jahi é o demônio da Luxuriam - provavelmente idêntico a Indra.

As muitas tribos e nações tinham seus deuses tutelares e avaliavam os dos povos inimigos. A transformação de Typhon, Satã e Belzebus tem esse caráter. De fato, Tertuliano fala de Mithra, o deus dos Mistérios, como um diabo.

No capítulo doze [9,11] do *Apocalipse*, Miguel e seus anjos venceram o Dragão e seus anjos: “e o Grande Dragão foi precipitado na Terra, aquela Serpente Antiga, chamada Diabolos e Satã, que seduz a todo o mundo”. E em seguida: “E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro”. O Cordeiro, ou Cristo, tinha de descer ao inferno, o mundo dos mortos, e permanecer ali durante três dias antes de subjugar o inimigo, sendo o mito.

Miguel foi denominado pelos cabalistas e pelos gnósticos de “o Salvador”, o anjo do Sol e o anjo da Luz. Ele era o primeiro dos Aeons (Espíritos Estelares) e bastante conhecidos dos antiquários como o “anjo desconhecido” representado nos amuletos gnósticos

O autor do *Apocalipse*, se não era um cabalista, deve ter sido um gnóstico. Miguel não foi uma personagem original de sua revelação (*epopteia*), mas o Salvador e Matador-do-dragão. As investigações arqueológicas o têm indicado como idêntico a Anubis, cuja efígie foi descoberta recentemente num monumento egípcio, com uma couraça e uma lança, no ato de matar o dragão que possui a cabeça e a cauda de uma serpente.

O estudioso de Lepsius, Champollion e outros egiptólogos reconhecerão imediatamente que Ísis é a "mulher com a criança", "vestida de Sol e com a Lua a seus pés", que o "grande Dragão feroz" perseguiu e a quem "foram dadas duas asas da Grande Águia de modo que pudesse fugir para o deserto". Typhon tinha a pele vermelha.

Os Dois Irmãos, os Príncipes do Bem e do Mal, aparecem nos mitos da *Bíblia*, bem como nos dos gentios, e assim temos Caim e Abel, Typhon e Osíris, Esaú e Jacó, Apolo e Píton, etc. Esaú ou Osu é representado, quando nascido, como "todo vermelho como uma veste felpuda". Ele é o Typhon ou Satã, que se opõe aos seu irmão.

Desde a mais remota antigüidade, a serpente foi venerada por todos os povos como a incorporação da sabedoria divina e como o símbolo do espírito e sabemos por Sanchoniathon que foi Hermes Thoth o primeiro

a considerar a serpente como "o mais espiritual de todos os répteis"; e a serpente gnóstica como as sete vogais sobre a cabeça não é senão uma cópia de Ananta, a serpente de sete cabeças sobre a qual repousa Vishnu.

A LENDA DO DRAGÃO SOB VÁRIOS ASPECTOS. **(L. 4. pág. 123).**

Na mitologia hindu, Vasuki, o Grande Dragão, cospe contra *Durgâ* um fluído venenoso que se estende por sobre a terra, mas, seu consorte, Shiva, faz a terra abrir sua boca para suga-lo.

Assim, o drama místico da virgem celestial perseguida pelo dragão que quer devorar seu filho não foi visualizado nas constelações do céu, como já foi mencionado, mas também foi representado na adoração secreta dos templos. Era o mistério do deus Sol e foi inscrito numa imagem negre de Ísis.

O menino Divino foi caçado pelo cruel Typhon. Na lenda egípcia, o Dragão persegue Thuêris (Ísis), enquanto esta tenta proteger seu filho. Ovídio descreve Dione (a consorte de Zeus pedágio original, e mãe de Vênus) a fugir de Typhon para o Eufrates, identificando assim o mito como pertencente a todos os países em que os mistérios eram celebrados. Virgílio canta a vitória:

> "Salve, querido filho dos deuses, grande filho de Jove!
> Recebi a suma honra; os tempos se avizinham;
> A serpente morrerá!"

Alexandre Magno, alquimista e estudioso de ciências ocultas, bem como bispo da Igreja Católica Romana, declarou, entusiasmado pela astrologia, que o signo zodiacal da virgem celestial eleva-se acima do horizonte no vigésimo quinto dia do mês de dezembro, no momento assinalado pela Igreja para o nascimento do Salvador.

O signo e o mito da mãe e do filho eram conhecidos milhares de anos antes da era cristã. O drama dos Mistérios de Dmeter representa Perséfone, sua filha, raptada por Plutão ou Hades para o mundo dos mortos; e quanto a mãe finalmente a descobre lá, foi instalada como rainha do reino das Trevas. Esse mito foi transcrito pela Igreja na lenda de Sant'Anna indo em busca de sua filha Maria, que fora levada por José para o Egito. Perséfone é descrita com duas espigas de trigo na mão; assim também Maria, nas imagens antigas; assim também a Virgem Celestial da constelação. Albumazar, o árabe, indica a identidade de muitos mitos da seguinte maneira:

"No primeiro decano da Virgem nasce uma donzela, chamada em árabe Aderenosa [Ardhhanâri?], isto é, virgem pura imaculada, a graça em pessoa, encantadora na postura, modesta no hábito, cabeleira flutuante, segurando em suas mãos duas espigas de trigo, sentada sobre um trono bordado, amamentando um menino eu alimentando-o justamente num lugar chamado Hebréia; um menino, quero dizer, chamado Iessus por determinadas nações, que significa Issa, a quem chamam também de Cristo em grego".

Por essa época, as idéias gregas, asiáticas e egípcias haviam sofrido uma transformação notável. Os Mistérios de Diônisio-Sabazius haviam sido substituídos pelo rito de Mithra, cujas "cavernas" sucederam as criptas do deus antigo da Babilônia à Bretanha. Serapis, ou Sri-Apa, do Ponto, usurpara o lugar a Osíris. O rei do Indostão Oriental, Asoka, abraçara a religião de Siddhârtha e enviara missionários à Grécia, à Ásia, à Síria e ao Egito para promulgar o evangelho da sabedoria. Os essênios da Judéia e da Arábia, os terapeutas do Egito e os pitagóricos da Grécia e da Magna Grécia eram evidentemente adeptos do novo credo. As lendas de Gautama sucederam os mitos de Hórus, Anubis, Adónis, Atys e Baco. Foram incorporados aos mistérios e aos Evangelhos e a eles devemos a literatura conhecida como os *Evangelhos e o Novo Testamento Apócrifo*. Foram guardados pelos ebionitas, nazarenos e outras seitas como livros sagrados, que podiam "mostrar apenas aos sábios"; e foram preservados até que a influência ofuscante da política eclesiástica romana os arrebatasse.

Quando o sumo sacerdote Hilkiah encontrou o *Livro da lei, os Purânas* (Escrituras) hindus eram conhecidos dos assírios. Os assírios haviam dominado durante muito tempo a região compreendida entre o Helesponto e o Indo e talvez tenham empurrado os arianos da Bactriana para o Puñhab. O *Livro da lei* parece ter sido um *purâna*. "Os brâmanes cultos", diz William Jones, "pretendem que as seguintes cinco condições devam constituir um *purâna* verdadeiro:

"1ª. Tratar da criação da matéria em geral.

"2ª. Tratar da *criação ou produção de material secundário e dos seres espirituais.*

"3ª. Fornecer um resumo cronológico dos grandes períodos de tempo.

"4ª. Fornecer um resumo genealógico das famílias principais que reinaram sobre o país.

"5ª. Finalmente, fornecer a história de algum grande homem em particular."

É indubitável que quem quer que tenha escrito o *Pentateuco* se sujeitou a essas condições, bem como aqueles que escreveram o *Novo Testamento* estavam muito bem familiarizados com a adoração ritualista

budista, com as lendas e as doutrinas por meio dos missionários budistas que se contavam em grande número, naquela época, na Palestina e na Grécia.

Mas "nem Diabo, nem Cristo". Este é o dogma básico da Igreja. Devemos perseguir os dois ao mesmo tempo. Há uma conexão misteriosa entre os dois, mais estreita do que talvez se supunha, que leva à identidade. Se aproximarmos os filhos míticos de Deus, todos aqueles que eram considerados como os "primogênitos", eles se harmonizarão e se fundirão nesse caráter dual. Adão-Cadmo desdobra-se da sabedoria conceptiva espiritual em criativa, que desenvolve a *matéria*. O Adão feito de barro é o filho de Deus e Satã; e Satã também é um filho de Deus, de acordo com Jó.

AS ALEGORIAS DO LIVRO DE JÓ. **(L. 4. pág. 125).**

A alegoria de Jó, que já foi citada, se corretamente entendida, nos dá a chave para todo esse assunto do Diabo, sua natureza e seu ofício, e substancia nossas declarações. Que nenhum indivíduo piedoso se alarme com essa designação de alegoria. O mito era o método favorito e universal de ensinar nos tempos arcaicos. Paulo, escrevendo aos Coríntios, declara que toda a história de Moisés e dos israelitas era típica; e na sua *Epístola dos Gálatas* afirma que toda a história de Abraão, suas duas esposas e seus filhos era uma alegoria. De fato, segundo toda probabilidade, que raia à certeza, os livros históricos do *Velho Testamento* tinham o mesmo caráter. Não tomamos liberdade extraordinária com o *Livro de Jó*, quando damos a ele a mesma designação que Paulo dá às histórias de Abraão e Moisés.

Mas devemos, talvez, explicar o uso antigo da alegoria e da simbologia. A veracidade da primeira devia ser deduzida; o símbolo expressava alguma qualidade abstrata da Divindade, que os leigos podiam apreender facilmente. Seu sentido superior terminava aí e era empregado pela multidão, portanto, como uma imagem a ser utilizada em ritos idólatras. Mas a alegoria foi reservada para o santuário interior, onde só os eleitos eram admitidos. Donde a resposta de Jesus, quando os seus discípulos o interrogaram em virtude de ele ter falado à multidão por meio de parábolas. "A vós outros", disse ele, "vos é dado saber os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não lhes é concedido. Porque ao que tem, se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado". Nos mistérios menores, lavava-se uma porca para exemplificar a purificação de neófito; a sua volta à lama indicava a natureza superficial da obra que fora realizada.

"O Mito é o pensamento não-manifestado da alma. O traço característico do mito é converter a reflexão em história (uma forma histórica). Como na epopéia, também no mito predomina o elemento histórico. Os fatos (os eventos externos) constituem freqüentemente a base do mito e neles se entretecem as idéias religiosas."

Toda a alegoria de Jó é um livro aberto para quem compreende a linguagem pictórica do Egito, tal como ela está registrada no *Livro dos mortos*. Na Cena do Julgamento, Osíris aparece sentado em seu trono, segurando em uma das mãos o símbolo da vida, "o garfo da atração", e, na outra, o leque báquico místico. Diante dele estão os filhos de Deus, os quarenta e dois assessores dos mortos. Um altar está imediatamente diante do trono, coberto de oferendas e rematado pela flor do lótus sagrado, sobre a qual se podem ver quatro espírito. Na porta de entrada, permanece a alma que está prestes a ser julgada, a quem Thmei, o gênio da Verdade, está recebendo a conclusão da provação. Thoth, segurando um junco, registra os procedimentos no Livro da Vida. Hórus e Anubis, diante da balança, inspecionam o peso que determina se o coração do morto equilibra ou não o símbolo da verdade. Num pedestal está um prostituta - o símbolo do Acusador.

A figura, mostra a Câmara de julgamentos de Asar (Osíris) - "A passagem do coração".

A iniciação nos mistérios, como todas as pessoas inteligentes sabem, era uma representação dramática das cenas do mundo subterrâneo. Assim se desenvolve a alegoria de Jó.

Vários críticos têm atribuído a autoria desse livro a Moisés. Mas ele é mais antigo do que o *Pentateuco*. Jeová não é mencionado no poema; e, se o nome ocorre no prólogo, esse fato deve ser atribuído ou a um erro dos tradutores, ou à premeditação exigida pela necessidade posterior de transformar o politeísmo numa religião monoteísta. Adotou-se o plano muito simples de atribuir os mitos nomes de Elohim (deuses) a um único deus. Assim, em um dos mais antigos dos textos hebraicos de Jó (no cap. XII, 9), ocorre o nome de Jeová, ao passo que todos os outros manuscritos apresentam "Adonai". Mas Jeová está ausente do poema original. Em lugar desse nome encontramos *Al, Aleim, Ale, Shaddai, Adonai,* etc. Portanto, devemos concluir que ou o prólogo e o epílogo foram acrescentado num período posterior, o que é inadmissível por muitas razões, ou o texto foi adulterado, como o restante dos manuscritos. Assim, não encontramos nesse poema arcaico nenhuma menção à Instituição

Sabática; mas um grande número de referência ao número sagrado sete, do qual falaremos adiante, e uma discussão aberta o sabaísmo, a adoração dos corpos celestes que prevalecia, naquela época, na Arábia. Satã é chamado no texto de um "Filho de Deus", membro do conselho que se apresenta diante de Deus, a quem induz a tentar a fidelidade de Jó. Nesse poema, mais claramente do que em qualquer outro lugar, vemos corroborado o significado da denominação Satã. É um termo para o ofício ou o caráter de *acusador público*. Satã é o Typhon dos egípcios, que grita suas acusações no Amenti; um ofício tão respeitável quanto o do promotor público em nossa época; e se, apesar da ignorância dos primeiros cristãos, ele se tornou posteriormente idêntico ao Diabo, isso não se faz com a sua conivência.

Na figura mostra a Cena Final na Câmara de Julgamentos - Hórus levando Ani até Osíris.

O *Livro de Jó* é uma representação completa da iniciação antiga e das provas que geralmente precedeu tão agusta cerimônia. O neófito se vê privado de tudo a que dava valor e afligido por uma doença abominável. Sua esposa o exorta a amaldiçoar Deus e a morrer; não há mais esperança para ele. Três amigos aparecem em cena para visitá-lo; Elifaz, o temanita culto, pleno do conhecimento "que os sábios receberam dos seus pais (...) as únicas pessoas a quem a terra foi dada"; Baldad, o conservador, que toma as coisas como elas vêem e que opina que a aflição de Jó é conseqüência de suas culpas; o Sofar, inteligente e habilidoso em "generalidades", mas de sabedoria superficial. Jó responde corajosamente: "Se eu errei, meu erro ficará comigo. Vós vos engrandeceis e me argüis com as minhas calamidades; mas foi Deus quem me aniquilou. (...) Por que me perseguis e não estais satisfeitos com minha carne destruída? Mas eu sei que meu Paladino vive e que num dia futuro ficará no meu lugar; e embora minha pele e tudo que a rodeia sejam destruídos, mesmo sem minha carne eu verei Deus. (...) Vós direis: `Por que o molestamos?', pois a raiz da matéria está em mim!"

Essa passagem, como todas as outras em que se poderia encontrar alusões mais tênues a um "Paladino", "Libertador" ou "Vindicador", foi interpretada como uma referência direta ao Messias; além disso, esse versículo está traduzido da seguinte maneira nos *Septuaginta:*

"Pois eu sei que é eterno
Aquele que há de me libertar na Terra
Para restaurar esta minha pele que sofre estes males" etc.

Na versão do rei James, como foi traduzida, ela não guarda semelhança alguma com o original. Tradutores artificiosos deram "Eu sei que *meu Redentor viverá*", etc. E os *Septuaginta*, a *Vulgata* e o original hebraixo devem ser considerados como a inspirada Palavra de Deus. Jó refere-se a seu próprio espírito *imortal* que é eterno e que, quando viu a morte, o libertará desse pútrido corpo terreno e o vestirá com um novo revestimento espiritual. Nos *Mistérios báquicos e eleusinos, no Livro dos mortos* egípcios e em todas as outras que tratam de assuntos ligados à iniciação, esse "ser eterno" tem um nome. Para os neoplatônicos era o *Nous*, o *Augoeides*; para os budistas é *Agra*; e, para os persas, *Feroher*. Todos eles são chamados de "Libertadores", "Paladinos", "Metatrons", etc. Nas esculturas mítricas da Pérsia, o *feroher* é representado por uma figura alada que volteia no ar sobre seu "objeto" ou corpo. É o Eu luminoso - o Âtman dos hindus, nosso espírito imortal, o único que pode redimir nossa alma, e o fará, se o seguirmos em vez de sermos arrastados pelo nosso corpo. Portanto, nos textos caldaicos, lê-se "Meu *libertador, meu restaurador*", isto é, o Espírito que restaurará o corpo decaído do homem e o transformará numa vestimenta de éter. E é esse *nous, augoeides, Feroher, Agra,* Espírito dele mesmo, que o triunfante Jó verá sem sua carne - isto é, quando tiver escapado da sua prisão corporal -, e ao qual os tradutores chamam "Deus".

Não só existe a mínima alusão no poema de Jó a Cristo, como também se provou que todas as versões feitas por tradutores diferentes, que concordam com a do rei James, foram escritas com base em Jerônimo, que tomou estranhas liberdades em sua *Vulgata*. Ele foi o primeiro a enxertar no texto esse versículo de sua própria criação:

"Eu sei que meu Remidor vive,
E que no último dia eu me erguerei da terra,
E serei novamente recoberto de minha pele,
E em minha carne verei meu Deus".

Tudo o que lhe deve ter parecido uma boa razão para crer que *ele o sabia*, mas que outros *não* sabiam, e que, além disso, encontravam no texto uma idéia bastante diferente - isso só prova que Jerônimo decidira, com mais uma interpolação, reforçar o dogma de uma ressurreição "no último dia", e com a mesma pele e os mesmos ossos que possuía na terra. Trata-se na verdade de uma agradável perspectiva de "restauração". Por que não ressuscitar também com as mesmas roupas com que o corpo morre?

E como poderia o autor do *Livro de Jó* saber algo do *Novo Testamento* quando ignorava o *Velho*? Há uma ausência total de alusões a qualquer um dos patriarcas; foi sem dúvida obra de um *Iniciado*, pois que uma das três filhas de Jó recebeu um nome mitológico decididamente "pagão". O nome *Keren happuch* é traduzido de varas maneiras. Na *Vulgata* tem "chifres de antimônio"; e em LXX tem "chifre de Amalthea", a preceptora de Júpiter e uma das constelações, emblema de "chifre da plenitude". A presença no *Septuaginta* dessa heroína de fábula pagã mostra a ignorância dos transcritores em relação ao seu significado, bem como da origem esotérica do *Livro de Jó*.

Em vez de oferecer consolo, os três amigos do sofrido Jó tentam fazê-lo acreditar que merece sua desventura como uma punição por algumas transgressões extraordinárias que praticou. Respondendo veementemente a todas essas imputações, Jó jura que, enquanto tiver alento, manterá a sua causa.

Os três haviam tentado confundir Jó com alegações e argumentos gerais e ele lhes solicitou uma consideração dos seus atos específicos. Então surgiu o quarto: Eliú, o filho de Baraquel, o buzita, da estirpe de Ram.

Eliú é o filho do hierofante; começa com uma repreensão e os sofisma de Jó se desvanecem com a areia que o vento do oeste leva.

"E Eliú filho de Baraquel, disse: \`Os grandes homens nem sempre são sábios (...) *há* um espírito no homem; *o espírito que está em mim* me constrange. (...) Deus fala uma vez, uma segunda, *embora o homem* não perceba. Num sonho; numa visão noturna, quando o sono profundo cai sobre o homem, em cochilos na cama; então ele abre os olhos dos homens e lhes dá suas instruções. Ó Jó, ouve-me; cala-te e eu te ensinarei a SABEDORIA."

E Jó diante das falácias dogmáticas de seus três amigos, no amargor do deserto, exclama: "Não há dúvida de que vós sóis *o* povo e a sabedoria morrerá convosco. (...) Todos vós sóis uns cosoladores miseráveis. (...) Certamente falarei ao Todo-poderoso e com Deus desejo conversar. Mas *vós* sóis os que forjam as mentiras, *vós* sóis médicos de nenhum valor!" O devorado pelas chagas, o Jó que recebera as visitas e que para o clero oficial - que não oferecia outra esperança senão a condenação eterna - havia em seu desespero vacilado em sua fé paciente, respondeu: "Isso que *vós* sabeis, também eu sei *a mesma coisa*; não sou inferior a vós. (...) O homem que como flor cai e é pisado foge como a sombra e *jamais permanece num mesmo estado*. (...) Quando o homem morrer, despojado que seja e consumido, *onde estará ele*? (...) Se um homem morrer, ele *viverá* novamente? (...) Quando se passarem alguns anos, então seguirei um caminho *de onde* não poderei retornar. (...) Oxalá se fizera o juízo entre Deus e o homem, como se faz o de um filho do homem com o seu vizinho'." Jó encontra alguém que responde ao seu grito de agonia. Ouve a SABEDORIA de Eliú, o hierofante, o mestre perfeito, o filósofo inspirado. De seus lábios rígidos brota a representação justa da impiedade de ter censurado o Ser SUPREMO pelos males da Humanidade. "Deus", diz Eliú, "é excelente em poder e em julgamento e em plenitude de justiça. ELE *não condenará*".

Enquanto o neófito se satisfazia com sua própria sabedoria mundana e irreverente compreensão da Divindade e Seus desígnios e enquanto dava ouvidos às sofisticarias perniciosas dos seus conselheiros, o hierofante se mantinha calado. Mas, quando essa mente ansiosa estava pronta para os conselhos e as instruções, sua voz se fez ouvir e ele fala com a autoridade do Espírito de Deus que o "constrange":
"Certamente Deus não ouvirá *em vão*, nem o Todo-poderoso verá as causas de cada um. (...) Ele não respeitará aqueles que se dão por sábios".

Magnífica lição para o pregador da moda, que "miltiplica palavras sem conhecimento"! Esta magnífica sátira *profética* deve ter sido escrita para prefigurar o espírito que prevalece em todas as denominações dos cristãos.

Jó escuta as palavras de sabedoria e então o "Senhor" responde a Jó "fora do redemoinho" da Natureza, a primeira manifestação visível de Deus: "Pára, Jó, pára! e considera as maravilhosas obras de Deus; *só por meio delas* podes conhecer Deus. \`Com efeito, Deus é grande, e *não o conhecemos*', Ele que \`faz pequenas as gotas d'água; *mas elas* vertem *segundo o vapor*"; não segundo o capricho divino, mas segundo leis estabelecidas e imutáveis; lei que "transferiu os montes e não é conhecida por eles; que move a terra; que ordena ao Sol *e o Sol não nasce*; e que selou as estrelas; (...) que faz coisas grandes e incompreensíveis, e maravilhosas, que não têm número. (...) Se ele vier a mim, eu não o verei; e se for, eu não o perceberei!"

Então, "Quem é este que obscurece os conselhos com palavras desprovidas de conhecimento?", diz a voz de Deus por meio de Seu porta-voz -, a Natureza. "Onde estava tu quando eu lançava os fundamentos da terra? dize-mo, se é que tens compreensão. Quem deu as medidas para ela, *se é que o sabes*? Quando os astros da manhã contavam todos juntos, e quando todos os filhos de Deus estavam transportados de júbilo? (...) Estavas presente quando eu disse aos mares: `Até aqui podes vir, mas além daqui; até aqui tuas orgulhosas ondas poderão rolar'? (...) Sabes quem obriga a chuva a cair sobre a terra, *onde não havia homem algum*; no deserto, *onde não havia homem algum*? (...) Acaso poderás reunir as doces influências das Plêiades ou impedir a evolução de Orion? (...) Poderás *enviar os raios,* que possam ir e vos dizer `Aqui estamos'?"

"Então Jó respondeu ao Senhor." Ele compreendeu quais são os seus caminhos e os seus olhos estão abertos pela primeira vez. A Sabedoria Suprema desceu sobre ele; e, se o leitor ficar confuso diante deste PETROMA final da iniciação, pelo menos Jó, ou o homem "afligido" em sua cegueira, entendeu então a impossibilidade de caçar "Leviatã cravando-lhe um arpão no nariz". O Leviatã é a CIÊNCIA OCULTA, em que se pode pôr a mão, *"não mais do que isso"*, e cujo poder e cuja "proporção conveniente" Deus não quer esconder.

"Quem pode descobrir a superfície de sua vestimenta? e quem entrará no meio da sua boca? Quem pode abrir as portas do seu rosto? Em roda dos seus dentes está o seu orgulho, e eles estão selados. O seu espirro é resplendor do fogo e os seus olhos como as pestanas da aurora". Que "faz brilhar *uma luz* atrás de si", para que se aproxime dele os que não têm medo. E então eles também verão "todas as coisas *altas*, pois ele é rei apenas sobre todo os filhos da soberba".

Jó, agora à guisa de retratação, responde:

"Eu sei que podes todas as coisas,
E que nenhum pensamento se te esconde.
Quem é este que fez uma exibição de sabedoria arcana
Sem nada saber dela?
Por isso falei sobre o que não compreendia
Coisas que estavam acima de mim, as quais não conhecia.
Ouve! suplico-te e eu falarei;
Perguntar-te-ei, e me responderás:
Eu te ouvi com meus ouvidos,
E agora te verei com meus olhos,
Por isso me repreendo a mim mesmo,
E me penitencio no pó e na cinza?"

Ele reconheceu seu "paladino" e se converteu de que havia chegado a hora da sua vindicação. Imediatamente o Senhor ("os sacerdotes e os juizes", *Deuteronômio,* XIX, 17) disse aos seus amigos: "Minha ira se voltou contra ti e contra teus dois amigos, porque não me haveis falado retamente diante de mim, como meu servo Jó . Então "o Senhor voltou-se para a penitência de Jó" e "lhe deu em dobro tudo quanto ele havia tido".

Assim, no julgamento [egípcio], o morto invoca quatro espíritos que residem no Lago de Fogo e é purificado por eles. Ele então é conduzido à sua morada celestial e é recebido por Athar e por Ísis e permanece diante de *Atum* (Âtman a Centelha Divina que habita o Homem), o Deus essencial. Ele agora é *Turu*, o homem essencial, um espírito puro, e em conseqüência On-ait, o olho de fogo, e um companheiro dos deuses.

Esse grandioso poema de Jó era muito bem compreendido também pelos cabalistas. Enquanto muitos dos hermetistas medievais eram homens profundamente religiosos, eles eram, no fundo de seus corações - como os cabalistas de todas as épocas -, os inimigos mais mortais do clero. Como parecem verdadeiras as palavras de Paracelso quando exclamou, afligido por uma perseguição feroz e por calúnias, e incompreendido por seus amigos e por seus inimigos, maltratado pelo clero e pelos leigos:

"Ó vós de Paris, Pádua, Montpellier, Salermo, Viena e Leipzig! Não sóis mestres de verdade, mas confessores de mentiras. Vossa filosofia é uma mentira. Se quereis saber *o que realmente é a* MAGIA, procurai-a no *Apocalipse* de São João. (...) Posto que não podeis aprovar que vossos ensinamentos derivam da *Bíblia* e do *Apocalipse*, acabai com vossas farsas. A *Bíblia é a verdadeira chave e o verdadeiro intérprete*. João, não menos do que Moisés. Elias, Enoch, Davi, Salomão, Daniel, Jeremias e os outros profetas, eram um *mago*, cabalista, um adivinhador. Se todos eles, ou pelo menos um dos que nomeei, vivessem agora, eu não duvidaria que faríeis deles um exemplo em vosso matadouro miserável e os aniquilaríeis e, se fosse possível, o Criador de todas as coisas também!"

Paracelso demostrou na prática que aprendeu algumas coisas misteriosas e úteis do *Apocalipse* e de outros livros da *Bíblia*, bem como da *Cabala*; e tanto o fez, que é chamado por muitos de o "pai da magia e fundador da física oculta da *Cabala* e do Magnetismo".

O DIABO SEGUNDO O VELHO TESTAMENTO, E SEU CONCEITO MODERNO. (L. 4. pág. 131).

Essa extensa ilustração pode mostrar que o Satã do *Velho Testamento*, o Diabolos ou Diabo dos *Evangelhos e das Epístolas* são personificações do princípio antagônico da matéria, necessariamente inerente a ele, e não mau no sentido moral do termo. Os judeus, vindo do país persa, trouxeram consigo a doutrina de *dois princípio.* Não puderam trazer o *Avesta*, pois ele não estava escrito. Mas eles - queremos dizer os *assideus* [chasîdîm] e *parsis* - investiram Ormuzd com o nome secreto de Ahriman, com o nome dos deuses do lugar, Satã dos hititas e *Diabolos,* ou antes *Diobolos,* dos gregos. A Igreja primitiva, pelo menos sua parte paulina, a dos gnósticos e seus sucessores refinaram posteriormente as suas idéias e a Igreja católica as adotou, enquanto passava pelo fio da espada os seus promulgadores.

A Igreja protestante é uma reação contra a Igreja Católica Romana. Não é necessariamente coerente em suas partes, mas uma multidão de fragmentos que se chocam ao redor de um centro comum, atraindo-se e repelindo-se. Algumas partes se dirigem centripetamente para Roma, ou para o sistema que fez a velha Roma existir; outras ainda são empurradas pelo impulso centrífugo para longe da ampla região etérea de Roma, ou mesmo da influência cristã.

O Diabo moderno é o legado principal da Cibele romana, "Babilônia, a Grande Mãe das religiões idólatras e abomináveis da terra".

Mas talvez se pudesse argumentar que a teologia hindu, tanto bramânica quanto budista, está tão impregnada da crença em diabos objetivos quanto a própria cristandade. Há uma pequena diferença. A *sutiliza* mesma da mente hindu é uma garantia suficiente de que as pessoas educadas, a porção mais culta pelo menos dos teólogos bramânicos e budistas, consideram o diabo segundo uma outra luz. Para elas o Diabo é uma abstração metafísica, uma alegoria do *mal* necessário; ao passo que *para os cristãos o mito se tornou uma entidade histórica, a pedra fundamental sobre a qual se erigiu a Cristandade, com seu dogma de redenção.* Ele é tão necessário - como o mostrou des Mousseaux - para a Igreja, quanto a vesta do capítulo dezessete do *Apocalipse* para seu leitor. Os protestantes de fala inglesa, não considerando a Bíblia suficientemente explicativa, adotaram a *Diabologia* do celebrado poema de Milton, *Paradise Lost*, embelezando-a aqui e ali com trechos extraídos do celebrado poema de *Fausto,* de Goethe. John Milton, primeiramente um puritano e depois quietista e unitário, sempre considerou sua grande produção como uma obra de ficção, ainda que ajustada às linhas gerais de diferentes partes da Escritura. O Ialdavaôth dos ofitas foi transformado num anjo de luz e na estrela da manhã e feito o Diabo, no primeiro ato do *Diabolic Drama*. Assim, o capítulo doze do *Apocalipse* foi traduzido para o segundo ato. O grande Dragão vermelho foi identificado com a mesma ilustre personagem de *Lúcifer*, e a última cena é a sua queda, como a de Vulcano-Hefaistos, do Céu, para a ilha de Lemnos; as hostes fugitivas e seu líder "caem no abismo tenebroso" do Pandemonium. O terceiro ato é o Jardim do Éden. Satã preside um concílio num salão erigido por ele para seu novo império e determina empreender uma expedição exploradora à procura do novo mundo. O ato seguinte refere-se à queda do homem, sua passagem pela Terra, o advento do Logos, ou Filho de Deus, e sua redenção da Humanidade, ou sua porção eleita, como se deu.

A MAGIA NOS TEMPOS. (L. 4. pág. 132).

Talvez devamos dar uma breve notícia do Diabo europeu. Ele é o gênio que intervém na bruxaria, na feitiçaria e em outros malefícios. Os padres, tomando a idéia dos fariseus, transformaram em diabos os deuses pagãos, Mithra, Serapis e outros. A Igreja Católica Romana denunciou a adoração antiga como comércio com os poderes da escuridão. Os *malefici* e as feiticeiras da Idade Média eram nada menos do que adeptos da adoração proscrita. A Magia nos tempos antigos fora considerada como ciência divina, sabedoria e conhecimento de Deus. A arte de curar nos templos de Esculápio e nos santuários do Egito e do Oriente sempre foi magia. Até mesmo Darius Hystaspes, que exterminou os magos medos e expulsou, da Babilônia para a Ásia Menor, os teurgos caldaicos, fora instruído pelos brâmanes da Ásia Superior e, finalmente, estabelecia o culto de Ormusde, foi ele próprio denominado de instituidor do magismo. Tudo agora está mudado. A ignorância foi entronizada como a mãe da devoção. A erudição foi condenada e os sábios prosseguiram em sua obra científica como o perigo de suas vidas. Foram obrigados a expor suas idéias em uma linguagem enigmática compreendida apenas pelos seus adeptos e a aceitar o opróbio, a calúnia e a pobreza.

Os fieis da adoração antiga foram perseguidos e condenados à morte por feiticeiros. Os albigenses, descendentes dos gnósticos, e os waldenses, precursores dos protestantes, foram caçados e exterminados sob acusação semelhante. O próprio Martinho Lutero foi acusado de conivência com Satã em pessoa. Todo o mundo protestante ainda está sob o peso da mesma imputação. Não há distinção nos julgamentos da Igreja entre dissensão, heresia e feitiçaria. E, exceto onde a autoridade civil lança sua proteção, eles representam ofensas capitais. A liberdade religiosa é vista pela Igreja como intolerância.

OS PRIMEIROS SÉCULOS CRISTÃOS E OS PRIMEIROS EVANGELHOS. (L. 4. pág. 133).

Relatada a biografia do Diabo desde seu primeiro acidente na Índia e na Pérsia, seu progresso entre os judeus e na *teologia* cristã antiga e recente até as últimas fases da sua manifestação, examinemos agora algumas opiniões dominantes nos primeiros séculos cristãos.

Avatares ou encarnações eram comuns às velhas religiões. Na Índia, os Avatares chegaram a constituir um sistema. Os persas esperavam Saoshyant e os escritores judaicos aguardavam um libertador. Tácito e Suetônio relatam que o Oriente, na época de Agusto, ardia de expectativa por uma Grande Personagem. "Assim, doutrinas tão óbvias para os cristãos eram os *arcanos supremos* do Paganismo". O Maneros de Plutarco era um menino de Palaestinus; seu mediador Mithras, o Salvador Osíris, é o Messias. Nas nossas *"Escrituras canónicas"* atuais descobrem-se os vestígios das adorações antigas; e nos ritos e nas cerimônias da Igreja Católica Romana encontramos as formas da adoração budista, suas cerimônias e sua hierarquia. Os primeiros *Evangelhos,* que já foram tão canónicos quanto os quatro atuais, contêm páginas tomadas quase integralmente das narrativas budistas, como podemos mostrar. Após as provas fornecidas por Burnouf, Cosma de Körös, Beal, Hardy, Schmidt e as traduções do *Tripitaka*, é impossível duvidar que todo o esquema cristão não emanasse de um outro. Os milagres da "Concepção Milagrosa" e outros incidentes se deixam ver claramente no *A Manual of Buddhism,* de Hardy [p. 141 e seguintes]. Compreendemos prontamente por que a Igreja Católica Romana está ansiosa para manter o vulgo na ignorância mais completa da *Bíblia* hebraica e da literatura grega. A Filosofia e Teologia comparada são seus inimigos mais mortais. As falsidades deliberadas de Irineu, Epifânio, Eusébio e Tertuliano tornaram-se uma necessidade.

Naquele tempo, parece que os *Livros sibilinos* gozavam de muita consideração. Pode-se perceber facilmente que eles foram inspirados na mesma fonte de onde brotaram as obras gentias.

Eis uma página de Gallaeus:

> "Uma Nova Luz surgiu
> Que, descendo do Céu, assumiu forma mortal.
> Primeiro Gabriel apresentou sua poderosa pessoa sagrada,
> Depois, dando a mensagem, dirigiu-se com palavras à Virgem:
> Virgem, recebe Deus em teu peito puro. (...)
> E a coragem voltou a ela e a PALAVRA entrou em seu útero.
> Tornando-se encarnado e animado por seu corpo,
> Formou-se uma imagem mortal e um MENINO foi criado
> Por um parto da Virgem. (...)
> A nova estrela enviada por Deus foi adorada pelos Magos.
> A criança envolta em panos foi mostrada numa manjedoura ao obediente a Deus
> E Belém foi chamada `terra divina' da Palavra".

À primeira vista, essa passagem parece uma profecia do nascimento de Jesus. Mas não poderia ela referir-se a algum outro Deus criador? Temos expressões análogas relativas a Baco e a Mithras.

"Eu, filho de Zeus, vim ao país dos tebanos. Sou Baco, a quem partiu Semelê [a virgem], filha de Cadmo [o homem do Oriente], e, engendrado pela chama portadora do raio, assumi forma em vez de divina."

As *Dionisíacas*, escritas no século V, são úteis para tornar essa matéria mais clara e até mesmo para pôr em relevo sua conexão estreita com a lenda cristã do nascimento de Jesus:

> "Perséfone-Vrigem, não escapaste do casamento
> E foste esposada nos epitalâmios do Dragão
> Quando Zeus, todo enrolado e de aparência modificada,
> Um Dragão-noivo transbordante de amor,
> Deslizou para teu leito virginal
> Agitando a barbas ásperas. (...) Pelos esponsais dracontianos etéreos,
> O útero de Perséfone foi agitado por um jovem frutuoso.
> E nasceu Zagreus, o Menino coroado de chifres."

Temos aqui o segredo da adoração ofita e a origem da fábula cristã posteriormente *revisada* da concepção imaculada. Os gnósticos foram os primeiros cristãos a possuir algo como um sistema teológico regular e é bastante evidente que Jesus é que foi adaptado para Cristos em sua teologia, e não foi a sua teologia que se desenvolveu a partir dos seus ditos e das suas ações. Seus ancestrais afirmam, antes da era cristã, que a Grande Serpente - Júpiter, o Dragão da Vida, o Pai e a "Divindade do Bem" - deslizara para o leito de Semelê e os gnósticos pré-cristãos, com uma modificação muito insignificante, aplicaram a mesma fábula ao homem Jesus e afirmaram que a mesma "Divindade do Bem", Saturno (Ialdabaôth), na forma do Dragão da Vida, deslizou por sobre o leito da menina Maria. A seus olhos, a Serpente era o Logos - Cristos, a encarnação da Sabedoria Divina, por meio de seu Pai Ennoia e sua Mãe Sophia.

"Agora minha mãe o Espírito Santo me tomou", diz Jesus no *Evangelho dos Hebreus*, assumindo seu papel de Cristos - o Filho de Sophia, o Espírito Santo.

"O Espírito Santo descerá sobre ti e o PODER do Supremo te cobrirá da sua sombra; e por isso mesmo a coisa *santa* que há de nascer de ti será chamada de Filho de Deus", diz o anjo (Lucas, I, 35).

"Deus (...) nos falou nestes dias por seu Filho, ao qual apontou como herdeiro de todas as coisas, e por quem fez os Aeons. (Emanações)."

Todas essas expressões são variações cristãs do versículo de Nonnus "(...) por meio do dracônteo etéreo", pois Éter é o Espírito Santo ou a terceira pessoa da Trindade - a Serpente com cabeça de falcão, o Kneph egípcio, emblema da Mente Divina, e a alma universal de Platão.

"Eu (Sabedoria) saí da boca do Altíssimo e *cobri com nuvem toda a terra*."

Poimandres, o Logos, surge da Escuridão Infinita e cobre a terra com nuvens que, em forma de serpente, se espalham por sobre toda a Terra. O Logos é a *mais velha* imagem de Deus e é o Logos *ativo*, diz Filo. O Pai é o *Pensamento Latente.*

Sendo esta idéia universal, encontramos uma fraseologia idêntica para expressa-la entre os pagãos, os judeus e os cristãos primitivos. O *Logos* caldaico - persa é o Primogênito do Pai na cosmogonia babilônica de Eudemus. O "Hino a Eli, filho de Deus", inicia um hino homérico ao Sol. Sôl-Mithra é uma "imagem do Pai", com o cabalístico Zeir-Anpîn.

Parece impossível, e todavia esta é a triste realidade, que, entre todas as várias nações da Antigüidade, não houve uma só que acreditasse num diabo pessoal mais do que os cristãos liberais do século XIX. Nem os egípcios, que Porfírio chama de "a mais erudita nação do mundo, nem os gregos, seus fiéis imitadores, caíram em absurdo tão grande. Podemos acrescentar que nenhum deles, nem mesmo ou judeus antigos, acreditou no inferno ou numa condenação eterna mais do que no Diabo, embora nossas igrejas cristãs atribuam ao demônio tudo quanto se relacione com os gentios. Em todo lugar em que a palavra "inferno" ocorre nas traduções dos textos sagrados hebraicos, ela está distorcida. Os hebreus ignoravam essa idéia, mas os Evangelhos contêm exemplos freqüentes de compressões erradas. Assim, quando Jesus diz (*Mateus*, XVI, *18*) "(...) e as portas do Hades não prevalecerão contra ela", o texto original apresenta "as portas da *morte*". Em nenhum lugar aparece a palavra "inferno" - aplicada com o significado de *condenação*, seja temporária ou eterna - utilizada no *Velho Testamento* com o sentido que lhe deram os forjadores desse dogma. "Tophet", ou "o Vale do Hinnom" não tem esse significado. O termo grego "Gehenna" tem um sentido bastante diferente e equivalente, na opinião de escritores competentes, ao Tártaro homérico.

O próprio Pedro nos dá prova desse fato. Em sua segunda *Epístola* (II, 4), o Apóstolo, no texto original, diz sobre os anjos pecadores, que Deus "os lançou ao Tártaro". Essa expressão, que lembra muito inconvenientemente a guerra entre Júpiter e os Titãs, foi alterada e agora, na versão do rei James, apresenta "os lançou no *inferno*".

No *Velho Testamento* as expressões "portas da morte" e "câmaras da morte" aludem simplesmente às "portas do túmulo", mencionadas especificamente nos *Salmos* e nos *Provérbios*. O inferno e seu soberano são ambos invenções do Cristianismo, contemporâneos do seu poder e do recurso à tirania. São alucinações nascidas dos pesadelos dos Antônios do deserto. Antes da nossa era, os sábios antigos conheciam o "Pai do Mal" e não o tratavam senão como asno, o símbolo escolhido de Typhon, "o Diabo". Triste degeneração de cérebros humanos!

Assim como Typhon era a sombra escura de seu irmão Osíris, Python é o lado mau de Apolo, o brilhante deus das visões, o vidente e adivinho. É o morto por Python, mas mata-o por sua vez, redimindo a Humanidade do pecado. Foi em memória dessa façanha que as sacerdotisas do deus-Sol se vestiam com peles de serpente, típicas do fabuloso monstro. Sob sua poderosa influência - a pele da serpente era considerada magnética -, as sacerdotisas caiam em transes magnéticos e "recebiam de Apolo as suas vozes", tornavam-se proféticas e proferiam oráculos.

Além disso, Apolo e Python são apenas um, e moralmente andróginos. As idéias do deus-Sol são todas duais, sem exceção. O Calor benéfico do Sol traz o germe à existência, mas o calor excessivo mata a planta. Quando toca a lira planetária de sete cordas, Apolo produz a harmonia; mas, como outros deuses-sóis, sob seu aspecto sombrio ele se torna o destruidor, Python.

Sabe-se que São João viajou pela Ásia, uma região governada pelos magos e imbuída de idéias zoroastrinas e, naqueles dias, repleta de missionários budistas. Se ele não tivesse visitado esses lugares e entrando em contato com os budistas, seria duvidoso acreditar que o *Apocalipse* pudesse ter sido escrito. Além das suas idéias do dragão, dá narrativas proféticas inteiramente desconhecidas dos outros apóstolos e que, relativas ao segundo advento, fazem de Cristo uma cópia fiel de Vishnu.

Assim, Ophios e Ophiomorphos, Apolo e Pyton, Osíris e Typhon e Cristos e a Serpente são termos equivalentes. Todos eles são Logos e um é ininteligível sem o outro, como não se poderia saber o que é dia, se não se conhecesse a noite. Todos são regeneradores e salvadores, um num sentido espiritual, o outro num sentido físico. Um assegura a imortalidade para o Espírito Divino; o outro a concede através da regeneração da semente. O Salvador da Humanidade tem de morrer, porque ele oculta à Humanidade o grande segredo do ego imortal; a serpente do *Gênese* é amaldiçoada porque disse à *matéria* "não morrerás". [III, 4]. No mundo do Paganismo, a contrapartida da "serpente" é o segundo Hermes, a reencarnação de Hermes Trismegistro.

Hermes é o companheiro constante e o instrutor de Osíris e Ísis. É a sabedoria personificada; como Caim, o filho do "senhor". Ambos construíram cidades, civilizaram e instruíram a Humanidade nas artes.

A ORIGEM DO MITO DO DRAGÃO. (L. 4. pág. 137).

A origem do mito do "Dragão", que ocupa um lugar importante no *Apocalipse* e na *Lenda dourada*, e da fábula sobre Simão Estilita convertendo o Dragão e inegavelmente budista e até mesmo pré-budista. Foram as doutrinas puras de Gautama que atraíram para o budismo os cachemirianos cuja adoração primitiva era a ofita, ou a adoração da Serpente. O olíbano e as flores substituíram os sacrifícios humanos e a crença em demônios pessoais. O Cristianismo herdou a degradante superstição de diabos investidos de poderes pestilentos e assassinos. O *Mahâvansa*, o mais antigo dos livros cingaleses, relata a história do rei Covercapal (cobra-de-capelo), o deus-serpente, que foi convertido para o budismo por um santo Rahat *; e desta lenda derivou seguramente a de Simão Estilita e seu Dragão, que faz parte da *Lenda Dourada*. * (Deixamos aos arqueólogos e aos filósofos a tarefa de decidir como a adoração de *Nâga* ou da Serpente pôde viajar da Cachemira para o México e se transformar na adoração do Nagal, que é também uma adoração da Serpente, e numa doutrina de licantropia.)

O Logos triunfa uma vez mais sobre o Dragão; Miguel, o arcanjo luminoso, chefe dos Aeons, vence Satã. * (Miguel, o chefe dos Aeons, também é "Gabriel, o mensageiro da Vida" dos nazarenos e o Indra hindu, o chefe dos Espíritos do bem, que venceram Vâsuki, o Demônio que se revoltou contra Brahmâ.)

É digno de menção o fato de que, enquanto o iniciado mantiver em segredo "o que sabe", ele estará perfeitamente seguro. Isso acontecia nos tempos antigos e acontece agora. Tão logo o Deus dos cristãos, emanado do *Silêncio*, se manifestava como a *Palavra* ou Logos, este último se tornava a causa de sua morte. A serpente é o símbolo da sabedoria e da eloqüência, mas é também o símbolo da destruição. Ousar, conhecer, querer e *calar*" são os axiomas caldeais dos cabalistas. Como Apolo e outros deuses, Jesus é morto por seu Logos *; ele se ergue novamente, mata-o por sua vez e se torna seu senhor. * (Ver o amuleto gnóstico chamado "Serpente Chnuphis", no ato de erguer sua cabeça coroada como as *sete vogais*, que são o símbolo cabalístico que significa "dom da fala para o homem", ou Logos.),

E agora que mostramos essa identidade entre Miguel e Satã e os Salvadores e Dragão de outros povos, o que pode ser mais claro do que todas essas fábulas filosóficas originadas na Índia, esse viveiro universal do misticismo metafísico? "O mundo", diz Ramatsariar em seus comentários sobre os *Vedas*, "começou com uma luta entre o Espírito de Deus e o Espírito do Mal, e em luta há de acabar. Após a destruição da matéria, o mal não mais existirá, deverá voltar ao nada".

Na sua *Apologia*, Tertuliano falsifica evidentemente toda doutrina e toda crença dos pagãos relativas aos oráculos e aos deuses. Chama-os, indiferentemente, de demônios e de diabos, acusando estes últimos de possuírem até mesmo as aves do ar! Que cristão ousaria duvidar de tal autoridade? Não afirmou o salmista que "Todos os deuses das nações são *ídolos*" e não explicou o Anjo das Escolas, Tomás de Aquino, com sua autoridade *cabalística*, a palavra *ídolos* por *diabos*? "Eles vêem até os homens", diz ele, "e os incitam a adora-los, valendo-se de certas obras que parecem milagrosas".

Max Müller diz que a serpente do Paraíso é uma concepção que deve ter brotado entre os judeus e "dificilmente parece convidar a uma comparação com as concepções mais grandiosas do poder terrível de Vritra e de Ahriman no *Veda* e no *Avesta*". Para os cabalistas, o Diabo foi sempre um mito - o aspecto invertido de Deus ou do bem. O Mago moderno, Éliphas Lévi, chama o Diabo de *l'ivresse astrale*. É uma

força cega com a eletricidade, diz ele: e, falando alegoricamente, como sempre fez, Jesus observou que ele "considerava Satã como se fosse um raio caído do Céu".

Muito embora o catecismo cristão nos ensine que Satã *in própria persona* tentou nossa primeira mãe, Eva, num paraíso real, e na forma de uma serpente, que de todos os animais era o mais insinuante e o mais fascinante! Deus ordena a ela, como castigo, arrastar-se eternamente sobre seu ventre, e comer a poeira do chão. "Uma sentença", observa Lévi, "que em nada se parece às tradicionais chamas do inferno". Não levaram em consideração os autores dessa alegoria que a serpente zoológica real, criada antes de Adão e Eva, arrastava-se sobre seu ventre e comia a poeira do chão, antes que existisse qualquer pecado original.

Por outro lado, não foi Ophion, o Daimôn ou Diabo, como Deus, chamado *Dominus*? A palavra *Deus* (deidade) deriva da palavra sânscrita *Deva*, e Diabo provêm do persa *deva* palavra substancialmente semelhante. Hércules, filho de Jove e de Alcmena, um dos deuses-sóis mais elevados e também o Logos manifesto, e, não obstante, representado numa dupla, como todos os outros.

O Agathodaimôn, o daemon beneficente, o mesmo que encontramos posteriormente entre os ofitas com a denominação de Logos, ou sabedoria divina, era representado por uma serpente que se mantinha ereta sobre uma *vara*, nos mistérios das Bacanais. A serpente com cabeça de falcão está entre os emblemas egípcios mais antigos e representa a mente divina, diz Deane.

No *Velho Testamento*, Jeová exibe todos os atributos do velho Saturno, apesar de suas metamorfoses de Adonais em Elói e em Deus dos Deuses, Senhor dos Senhores.

A TENTAÇÃO DE JESUS, E A DE BUDDHA. (L. 4. pág. 140).

Jesus é tentado na montanha pelo Diabo, que lhe promete reinos e glórias se prostasse e o adorasse (Mateus IV, 8, 9). Buddha é tentado pelo Demônio Wasawartti-Mâra, que lhe diz, no momento em que deixava o palácio de seu pai: "Fica, que possuíras as honras que estiverem ao teu alcance; não vás!" E com a recusa de Gautama em aceitar suas ofertas, rangeu seus dentes com raiva e prometeu vingar-se. Como Cristo, Buddha triunfa sobre o Diabao.

Nos mistérios báquicos, um *cálice consagrado*, chamado cálice de Agathodaimôn, passava de mão em mão entre os fieis após o jantar. O rito ofita de mesma descrição foi evidentemente tomado desse mistério. A comunhão, que consistia de pão e vinho, foi usada na adoração de quase todas as divindades importantes.

DIVINDADES PAGÃ QUE DESCERAM AO INFERNO. (L. 4. pág. 140).

Em relação com muitas divindades pagãs que, após a morte, e antes de sua ressurreição, desceram ao Inferno, seria útil comparar as narrativas pré-cristãs com as pós-cristãs. Orfeu fez a sua viagem, e Cristo foi o último desses viajantes subterrâneos. No *Credo* dos Apóstolos, que está dividido em doze frases ou *artigos*, que foram inseridos cada um por um apóstolo em paticular, segundo Santo Agostinho, a frase "Desceu ao inferno, no terceiro dia ressurgiu dos mortos" é atribuída a Tomé, talvez como uma expiação da sua incredulidade. Seja como for, diz-se que a frase é uma falsificação e não há evidência "de que esse Credo tenha sido modelado pelos apóstolos, ou pelo menos que existisse como credo em sua época".

Trata-se da adição mais importante que foi efetuada no Credo dos Apóstolos e data do ano 600. Esse artigo não era conhecido na época de Eusébio. O Bispo J. Pearson diz que ele não fazia parte dos credos antigos ou das regras de fé. Irineu, Orígens e Tertuliano não parecem conhecê-lo. Não é mencionado em nenhum dos Concílios realizados antes do século VII. Theodoret, Epifânio e Sócrates silenciam-se a seu respeito. Difere do *credo* de Santo Agostinho. Rufino afirma que, em sua época, ele não constava nem dos credos romanos nem dos orientais. Mas o problema se resolve quando lemos que séculos atrás Hermes falou da seguinte maneira a Prometeu, acorrentado no rochedo árido do Cáucaso:

"Teu tormento não cessará ATÉ QUE DEUS O SUBSTITUA EM TUA AFLIÇÃO E DESÇA AO LÚGUBRE HADES E ÀS PROFUNDEZAS SOMBRIAS DO TÁRTARO!"

Esse deus era Hércules, o "Unigênito", e o Salvador. E é ele que foi escolhido como modelo pelos padres engenhosos. Hércules - chamado Alexikakos porque converteu os malvados à virtude; *Soter*, ou Salvador, também chamado Neulos Eumêlos - o *Bom Pastor*, Astrochitôn, o vestido de estrelas, e o Senhor do Fogo. "Ele não sujeitou as nações pela força, mas pela *sabedoria divina* e pela persuasão", diz Luciano. "Hérules disseminou cultura e uma religião suave e destruiu a *doutrina da punição eterna* expulsando Cérbero (o Diabo pagão) do mundo inferior." E, como vemos, foi também Hércules quem libertou Prometeu (o Adão dos pagãos), pondo um fim à tortura infligida a ele por transgressões, descendo ao Hades e ao Tártaro. Como Cristo, ele apareceu como um *substituto para as aflições da Humanidade,* oferecendo-se em sacrifício numa pira funerária. "Sua imolação voluntária", diz Bart, "augurou o novo nascimento etéreo dos homens. (...) Com a libertação de Prometeu, e a ereção de altares, vemos nele um mediador entre os credos

antigos e os novos. (...) Ele aboliu o sacrifício humano onde quer que fosse praticado. Desceu ao reino sombrio de Plutão, como uma sombra (...) *ascendeu como espírito a seu pai, Zeus, no Olimpo*".

A Antigüidade estava tão marcada pela lenda de Hércules, que até mesmo os judeus *monoteístas* (?) daquela época, para não serem ultrapassados pelos seus contemporâneos, utilizaram-na na manufatura das fábulas originais. Hércules é acusado, em sua mitobiografia, de uma tentativa de roubo do oráculo de Delfos. No *Sepher Toledoth Yeshu*, os Rabinos acusam Jesus de roubar do seu Santuário o Nome Inefável!

A ADORAÇÃO DE BAAL PELOS ISRAELITAS. **(L. 4. pág. 146).**

Já se provou que os israelitas adoravam Baal, o Baco sírio, ofereciam incenso à serpente sabaziana ou esculápia e realizavam os mistérios dionisíacos. Mas, como poderia ser de outra maneira, se Typhon era chamado Typhon Sete, e Seth, o filho de Adão, é idêntico a Satã ou Sat-an, e se Seth era adorado pelos hititas? Menos de dois séculos a. C., os judeus reverenciavam ou simplesmente adoravam a "cabeça dourada de um asno" em seu templo; de acordo com Apion, Antíoco Epifanes levou-o consigo. E Zacarias ficou mudo quando da aparição da divindade sob a forma de um asno no templo!.

Pleyte declara que El, o Deus-Sol dos sírios, dos egípcios e dos semitas, não é outro senão Set ou Seth, e que El é o Saturno primordial - Israel. Shiva é um Deus etiópio, da mesma forma que o Baal caldaico - Bel; portanto, ele também é Saturno. Saturno, El, Seth e Khîyûn, ou o Chiun bíblico de Amos, são uma única e mesma divindade e podem ser vistos no seu aspeto pior como Typhon, o Destruidor. Quando o panteão religioso assumiu uma expressão mais definida, Typhon foi separado do seu andrógino - a divindade *boa* - e caiu em degradação como um poder *intelectual* brutal.

Essas reações nos sentimentos religiosos de uma nação eram freqüentes. Os judeus adoraram Baal ou Maloch, o Deus-Sol Hércules, nos seus tempos primitivos - se é que tiveram tempos mais primitivos do que os persas e os macabeus - e então fizeram os seus profetas denuncia-los. Por outro lado, as características do Jeová mosaico exibiam mais da disposição moral de Shiva, do que um Deus benevolente e "que sofreu muito". Além disso, ser idêntico a Shiva não é pequena cortesia, pois ele é o Deus da sabedoria. Wilkinson descreve-o como o mais intelectual dos deuses hindus. Ele tem *três olhos* e, como Jeová, é terrível em sua vingança e sua cólera, às quais não se pode resistir. E, embora seja o Destruidor, é o "recriador de todas as coisas com perfeita sabedoria". É o tipo do Deus de Santo Agostinho que "prepara o *inferno* para os que espreitam os seus mistérios" e põe à prova a razão humana forçando-a a considerar, na mesma medida, suas boas e más ações.

Apesar das provas numerosas de que os israelitas adoravam um variedade de deuses e ofereciam sacrifícios humanos até um período posterior aos sacrifícios realizados pelos seus vizinhos pagãos, eles conseguiram esconder tais verdades à Humanidade. Sacrificaram vidas humanas até 169 a.C., e a *Bíblia* registra um grande número dessas ocorrências. Numa época em que os pagãos haviam abandonado essa prática abominável e haviam substituído o homem sacrificial por um animal, surge Jefté sacrificando sua própria filha em holocausto ao "Senhor".

A pluralidade dos deuses de Israel, está manifesta nessas denúncias. Seus profetas *nunca aprovaram a adoração sacrifial.* Samuel negou que o Senhor se agradasse com holocaustos e vítimas (I Samuel, XV, 22). Jeremmiasd afirmou, inequivocamente, que o Senhor, Yava Tsabaôth Elohe Israel, nunca exigiu nada desse tipo, mas exatamente o contrário (VII, 21-4).

Mas esses profetas que se opuseram aos sacrifícios humanos eram todos eles *nazar* e iniciados. Esses profetas comandavam um oposição nacional aos sacerdotes, como mais tarde os gnósticos combateram os padres cristãos. É por essa razão que, quando a monarquia foi dividida, encontramos os sacerdotes em Jerusalém e os profetas no país de Israel. Até mesmo Acab e seus filhos, que introduziram a adoração tíria de Baal-Hércules e das deusas sírias em Israel, foram auxiliados e encorajados por Elias e Eliseu. Poucos profetas apareceram na Judéia antes de Isaías, depois de derrubada a monarquia setentrional. Eliseu ungiu Jeú, com o propósito de que ele exterminasse as famílias reais de ambos os países e, assim, unisse os povos sob uma única coroa. Quanto ao Templo de Salomão, desconsagrado pelos sacerdotes, nenhum profeta ou iniciado hebraico moveu uma palha sequer. Elias nunca foi lá, nem Eliseu, Jonas, Naum, Amos ou qualquer outro israelita. Enquanto os iniciados aderiam à "doutrina secreta" de Moisés, o povo, levado pelos seus sacerdotes, embebia-se de idolatria, exatamente como os pagãos. Foram as opiniões e interpretações populares de Jeová que os cristãos adotaram.

OS CRISTÃOS PRIMITIVOS. **(L.4.pg.148).**

Pois bem, pode-se perguntar então: "Considerando-se as muitas evidências de que a teologia cristã é apenas uma *miscelânea* de mitologia pagãs, como relaciona-la à religião de Moisés?" Os cristãos primitivos,

Paulo e seus discípulos, os gnósticos e geralmente os seus sucessoras, distinguiram essencialmente Cristianismo e Judaísmo. Este último, na sua opinião, era um sistema antagonístico, e de origem mais baixa. "Vós recebestes a lei", diz Estevão, "por ministério dos anjos", ou Aeons, e não do Altíssimo. Os gnósticos, como vimos, ensinaram que Jeová, a Divindade dos judeus, era Ialdabaôth, o filho do antigo *Bohu*, ou Caos, o adversário da Sabedoria Divina.

A pergunta pode ser respondida muito facilmente. A *lei de Moisés, e o dito monoteísmo dos judeus, dificilmente poderá ser colocada para além de dois ou três séculos antes do advento do Cristianismo.* O próprio *Pentateuco*, podemos demonstrar, foi escrito e revisto depois dessa "nova partida", num período posterior à colonização da Judéia sob a autoridade dos reis da Pérsia. Os padres cristãos, em sua ânsia de harmonizar seu novo sistema com o Judaísmo e assim esvaziar o Paganismo, fugiram inconscientemente de Scylla e foram apanhados pelo remoinho de Charrybdis. Sob o estuco monoteísta do Judaísmo descobriu-se a mesma mitologia familiar do paganismo. Mas não devemos ver os israelitas com mais desaprovação por terem tido um Moloch ou por serem como os nativos. Nem devemos obrigar os judeus a fazer penitência por causa de seus pais. Eles tiveram seus profetas e suas leis e estavam satisfeitos com ambos. O presente testemunha um povo antes glorioso que leal e que nobremente se manteve unido graças à sua fé ancestral por ocasião das perseguições mais diabólicas. O mundo cristão tem estado num estado de convulsão desde o primeiro século até o atual; dividiu-se numa infinidade de seitas; mas os judeus continuam substancialmente unidos. Mesmo as divergências de opinião não destroem sua unidade.

As virtudes cristãs inculcadas por Jesus, no Sermão da Montanha, não são exemplificadas como deveriam ser no mundo cristão. Os ascetas budistas e os faquires indianos parecem ser os únicos que as inculcam e as praticam. Ao passo que os vícios achados, por caluniadores viperinos, ao paganismo são correntes entre os padres cristãos e as Igrejas cristãs.

O grande abismo entre o Cristianismo e o Judaísmo, apoiado na autoridade de Paulo, existe apenas na imaginação do devoto. Somo nada mais, nada menos, do que os herdeiros dos israelitas intolerantes dos tempos antigos; não dos hebreus da época de Herodes e do domínio romano, que, com todas as suas falhas, se mantinham estritamente ortodoxos e monoteístas, mas dos judeus que, sob o nome de Jeová-Nissi, adoravam Baco-Osíris, Dio-Nyssos, o multiforme Jove de Nysa, o Sinai de Moisés. Os demônios cabalísticos - alegorias do significado mais profundo - foram adotados como entidades objetivas e constituíram uma hierarquia satânica cuidadosamente elaborada pelos demonólogos ortodoxos.

A INTERPRETAÇÃO DE "INRI". O MITO DE BACO. **(L. 4. pág. 149).**

O mote rosicruciano *Igne natura renovatur integra* [INRI], que os alquimistas interpretam como natureza renovada pelo fogo, ou matéria pelo espírito, tem sido imposto até hoje como *Iesus Nazarenus rex Iudeorum*. A sátira sarcástica de Pilatos é aceita literalmente e os judeus a tomaram inadvertidamente como reconhecimento da realeza de Cristo; no entanto, se essa inscrição não for uma falsificação feita no período constantiniano, ela será uma ação dirigida a Pilatos, contra quem os judeus foram os primeiros a protestar violentamente. Interpreta-se I. H. S. como *Iesus Hominum Salvator e In hoc signo*, ao passo que **IHΣ** e um dos nomes mais antigos de Baco. E mais do que nunca começamos a descobrir, à luz brilhante da Teologia comparada, que o grande propósito de Jesus, o iniciado do santuário interior, era abrir os olhos da multidão fanática para a diferença entre a Divindade suprema - o misterioso e nunca pronunciado IAÔ dos iniciados caldaicos antigos e dos neoplatônicos posteriores - e o Yahuh hebraico, ou Yaho (Jeová). Os Rosa-cruzes modernos, tão violentamente censurados pelos católicos, agora têm atirado contra eles, como a maior das suas responsabilidades, o fato de acusarem Cristo de ter destruído a adoração de Jeová. Melhor fora se ele o tivesse feito, pois o mundo não estaria tão irremediavelmente confuso após dezenove séculos de massacres mútuos, com trezentas seitas brigando entre si e com um Diabo pessoal reinando sobre uma cristandade aterrorizada.

Apoiado na exclamação de Davi, parafraseada na *Versão do Rei James* como "todos os deuses das nações são ídolos", isto é, diabos, Baco ou o "primogênito" da teogonia órfica - o Monogenes, ou o "unigênito" do Pai Zeus e Lorê - foi transformado, com o restante dos mitos antigos, num diabo. Por meio dessa degradação, os padres, cujo zelo piedoso só poderia ser ultrapassado por suas ignorâncias, forneceram inadvertidamente as provas contra si mesmo.

É o mito de Baco que manteve escondida durante longos e tenebrosos séculos a vindicação futura dos vilipendiados "deuses das nações" e a última chave do enigma de Jeová. A estranha dualidade de caraterísticas divinas e mortais, tão conspícua na Divindade Sinaítica, começa a entregar seu mistério diante da pesquisa incansável de nossa época. Uma das contribuições mais recentes pode ser encontrada num artigo pequeno, mas altamente importante, publicado em *The Evolution*, um periódico de Nova Yorque, cujo

parágrafo final lança um raio de luz sobre Baco, o Jove de Nysa, que foi adorado pelos israelitas como Jeová do Sinai.

"Assim era o Jove de Nysa para os seus adoradores", conclui o autor. "Representava para eles o mundo da natureza do pensamento. Era o `Sol da retidão, que trazia a saúde em suas asas', e não trazia apenas a alegria para os mortais, mas descortinava para eles a esperança que está além da mortalidade da vida imortal. Nascido de uma mãe humana, elevou-a do mundo da morte para o ar superno, para que fosse reverenciada e adorada. Sendo o senhor de todos os mundos, era em todos eles o Salvador.

"Assim era Baco, o Deus-Profeta. Uma mudança de culto, decretada pelo Assassino Imperador Teodósio, por ordem do Padre Espectral Ambrósio de Milão, modificou seu título para Padre das Mentiras. Sua adoração, antes universal, foi denominada pagã ou *local*, e seus ritos foram estigmatizados como feiticeiros. Suas orgias receberam o nome de *Sabbath das Bruxas* e sua forma simbólica favorita, o pé bovino, tornou-se a forma representativa moderna do Diabo, com o casco rachado. O pai da família, que antes fora chamado de Beel-zebub, passou a ser acusado de manter relações com os poderes das trevas. Levantaram-se cruzadas, povos inteiros foram massacrados. A sabedoria e a erudição foram condenados como a magia e feitiçaria. A ignorância tornou-se a mãe da devoção hipócrita. Galileu penou durante longuíssimos anos na prisão por ensinar que o Sol era o centro do universo solar. Bruno foi queimado vivo em Roma em 1600 por restaurar a filosofia antiga; mas, apesar de tudo, a Liberlia converteu-se em festa da Igreja. Baco é um santo do calendário repetido quatro vezes e representado em muitos santuários nos braços de sua mãe deificada. Os nomes mudaram, mas as idéias perduraram inalteradas".

BACO - *Exotéricamente* e superficialmente, é o deus do vinho e da vindima, bem como da devassidão e do alvoroso. Porém, o significado ***Esotérico*** desta personificação é mais abstruso e filosófico. É o Osíris do Egito e tanto sua vida quanto sua significação pertencem ao mesmo grupo dos demais deuses solares, todos eles "carregando com a culpa", mortos e ressuscitados, como por exemplo Dionísio ou Atys de Frígia (Adónis ou o Tammuz sírio), como Ausonius, Baldur etc. Todos eles foram condenados à morte, pranteados e restituídos à vida. As festas em honra de Atys ocorriam nas *Hilarias,* celebradas na Páscoa "pagã"- o dia 15 de março. Ausonius, uma forma de Baco, era morto no equinócio de primavera (21 de março) e ressuscitava três dias depois. Tammuz, o duplo de Adónis e Atys, era pranteado pelas mulheres num "bosquezinho" que levava seu nome, "além de Beyhlehem, onde chorava o menino Jesus"- diz São Jerônimo. Baco é assassinado e sua mãe recolhe os pedaços de seu corpo dilacerado, como o fez Ísis com os de Osíris e assim sucessivamente. Dionysos Iacchus, destroçado pelos titãs, Osíris, Krishna e todos os demais desceram ao Hades e retornaram. Astronomicamente todos eles representam o Sol; psiquicamente, são emblemas da "Alma" (o *Ego* em sua reencarnação), que sempre ressuscita; espiritualmente, todas as vítimas propiciatórias inocentes que expiam os pecados dos mortais, seus próprios invólucros terrenos e, na realidade, imagem poetizada do Homem Divino, a forma de barro animada por seus Deus. G. Teosófico E. Grond.)

***
****

CAPÍTULO XI

RESULTADOS COMPARADOS DO BUDISMO E DO CRISTIANISMO

CRENÇAS FILOSÓFICAS DO MUNDO PRÉ-CRISTÃO. (L. 4. pág. 160).

***Não** havia ateus na Antigüidade, nem descrentes ou materialistas, no moderno sentido da palavra, e tampouco detratores fanáticos.* Aquele que julga as filosofias antigas por sua fraseologia externa, e cita sentenças *aparentemente* ateísta dos escritos antigos, não merece o crédito como crítico, pois é incapaz de penetrar o sentido interno de sua metafísica. As concepções de Pirro, cujo racionalíssimo se tornou proverbial, só podem ser interpretadas à luz da mais antiga filosofia hindu. Desde Manu (*) até o último Svâbhâvika, (**) a sua característica metafísica principal sempre consistiu em proclamar a realidade e a supremacia do espírito, com uma veemência proporcional à negação da existência objetiva de nosso mundo material - fantasma passageiro de formas e seres temporários. As numerosas escolas fundadas por Kapila refletem sua filosofia de modo tão claro quanto as doutrinas deixadas, como um legado aos pensadores, por Timon, o "Profeta" de Pirro, como o chama Sexto Empírico. Suas concepções sobre o repouso divino da alma, sua orgulhosa indiferença pela opinião de seus colegas, sua recusa à sofisticaria, refletem em igual grau os raios perdidos da autocontemplação dos ginosofistas e dos *Vaibhâshikas* budista. Não obstante a pecha de "céticos" que se atribui tanto a ele como a seus seguidores, por causa de seu estado de constante dúvida e apenas porque levaram seus julgamentos finais a dilemas, com os quais os nossos modernos filósofos preferem tratar, como Alexandre, cortando o nó górdio, declarando o dilema uma superstição, homens como Pirro não podem ser chamados de ateus. Não mais do que Kapila, ou Giordano Bruno, ou ainda Spinoza, que também foram considerados ateus, ou então o grande poeta, filósofo e dialético hindu Veda-Vyâsa, o princípio de que tudo é uma ilusão - exceto o Grande Desconhecido e a Sua essência direta - foi adotado plenamente por Pirro. (* Manu o primeiro legislador um Ser Divino.). (** A mais antiga escola de Budismo existente.).

Essas crenças filosóficas se estendiam como uma rede sobre todo o mundo pré-cristão; e a perseguição e as falsificações supervenientes formam a pedra angular de toda religião atualmente existente além do Cristianismo.

A teologia comparada é uma faca de dois gumes, e assim se tem revelado. Mas os advogados cristãos, inabaláveis diante das provas, forçam a comparação do modo mais sereno; as lendas e os dogmas cristãos, dizem eles, assemelham-se um tanto aos pagãos, é verdade; mas vede, ao passo que um credo nos ensina a existência de um Pai-Deus Todo-poderoso, dotado de plena sabedoria, o Bramanismo nos dá uma multidão de deuses menores, e o Budismo, nenhum; um é fetichismo e politeísmo, o outro pobre ateísmo. Jeová é o único Deus verdadeiro, e o Papa e Martinho Lutero são Seus profetas! Este é um dos gumes da faca, e este é o outro: a despeito das missões, a despeito dos exércitos, a despeito dos impingidos intercâmbios comerciais, os "pagãos" nada descobrem nos ensinamentos de Jesus - por mais sublimes que sejam - que Krishna e Gautama não tenham ensinado antes. E assim, para conquistar novos convertidos, e manter os poucos já vencidos por séculos velharias, os cristãos tacham os dogmas "pagãos" de mais absurdos do que os nossos, e os castigam adotando o hábito de seus sacerdotes nativos e praticando a "idolatria e o fetichismo" que eles tanto menosprezam nos "pagãos". A teologia comparada atua em ambos os caminhos.

QUATRO ESCOLAS DE TEOLOGIA BUDISTAS. (L.4.pg.164).

Há quatro escolas de Teologia budista. No Ceilão, no Tibete, e na Índia. Uma é mais panteísta do que ateísta, mas as três outras são puramente *teístas*.

As especulações de nossos filósofos baseiam-se na primeira. Quanto à segunda, à terceira e à quarta, seus ensinamentos variam apenas no modo externo de expressão.

Quanto às concepções práticas, e não teóricas, sobre o Nirvana, eis o que diz um cético racionalista: "Interroguei várias centenas de budistas nas próprias portas de seus templos, e não encontrei um só que não se esforçasse, jejuasse e se entregasse a toda sorte de austeridade para se aperfeiçoar e adquirir imortalidade, não para atingir a aniquilação final.

"Há mais de 300.000.000 de budistas que jejuam, rezam e trabalham. (...) Por que tachar esses 300.000.000 de homens de idiotas e tolos, por macerarem seus corpos e se imporem as mais terríveis privações de toda natureza, a fim de atingir a aniquilação fatal que os deve levar para parte alguma?"

Assim como esse autor, também nós interrogamos budistas e bramanistas, e lhes estudamos a filosofia. *Apavarga* significa algo muito diferente da aniquilação. Trata-se apenas de procurar tornar-se mais e

mais semelhante a Ele, de quem o devoto é apenas uma das refulgentes centelhas, tal é a aspiração de todo filósofo hindu, e a esperança do mais ignorante *nunca consiste em perder a sua individualidade*. "De outro modo", como outrora observou um estimado correspondente da autora, "a existência mundana e individual se assemelharia à comédia de Deus e à nossa tragédia; aprazaria a Ele que trabalhássemos e sofrêssemos, e morte para nós por sofrê-lo".

Ocorre o mesmo com a doutrina da metempsicose, tão distorcida pelos eruditos europeus. Mas quando o trabalho de tradução e análise fizer maiores processos, belezas religiosas serão descobertas nas antigas fés.

Prof. Whitney sublinhou em suas tradução dos *Vedas* a grande importância que essa obra concede aos cadáveres de seus fiéis, segundo se pode ler nas seguintes passagens, citadas da obra do Sr. Whitney, a propósito dos ritos funerários:

> "Levanta-te e anda! Reúne todos os membros de teu corpo,
> e não os deixes em abandono; teu espírito partiu, segue-o agora;
> onde quer que ele te agrade, vai para lá".
> (...)
> "Reúne teus membros, e com ajuda dos ritos eu os modelarei para ti.
> (...)
> "Se Agni esqueceu algum membro ao enviar-te para o mundo
> de teus pais, eu to darei de novo, para que com todos os teus
> membros te regozijes no céu entre teus pais.

O "corpo" aqui referido não é o corpo físico, mas o *astral* - o que é uma grande distinção, como se pode ver.

Além disso, a crença na existência individual do espírito imortal do homem figura nos seguintes versos do cerimonial hindu de cremação e enterro.

> "Aqueles que na esfera da terra permanecem estacionados;
> os que moram nos reinos da felicidade;
> os pais que por mansão têm a terra, a atmosfera e os céus.
> Ante-céu se chama o terceiro céu
> onde está o sólio de teus pais". - (Rig-Veda, X, 14.)

Visto o alto conceito que esses povos têm de Deus e da imortalidade do espírito do homem, não é de surpreender que uma comparação entre os hinos védicos e os estreitos e nada espirituais livros mosaicos resulte em vantagem para os primeiros na mente de todo erudito sem preconceitos. Mesmo o código de *Manu* é incomparavelmente superior ao do *Pentateuco* de Moisés, no sentido literal do qual todos os eruditos não iniciados dos dois mundos não conseguem encontrar uma única prova de que os antigos judeus acreditavam numa vida futura ou num espírito imortal no homem, ou de que o próprio Moisés ensinava tal coisa. No entanto, alguns eminentes orientalistas têm começado a suspeitar que a "letra morta" oculta algo não aparente à primeira vista. Assim, conta-nos o Prof. Whitney que "quando observamos mais profundamente as formas do moderno cerimonial hindu não descobrimos a mesma discordância entre credos e preceitos; um não é explicado pelo outro", diz esse grande erudito americano. E acrescenta : "Somos forçados a concluir, ou que a Índia derivou seu sistema de ritos de alguma fonte estrangeira, e os praticou cegamente, sem cuidar de sua verdadeira importância, *ou que esses ritos são o produto de outra doutrina de data mais antiga,* tendo sido mantidos no uso popular depois da decadência do credo de que eles eram a expressão original".

Esse credo não decaiu, e sua filosofia oculta, tal como a entendem agora os hindus iniciados, é exatamente a mesma de há 10.000 anos. Mas podem nossos eruditos esperar seriamente que aqueles a revelem ao primeiro pedido; ou esperam ainda eles penetrar os mistérios da Religião Universal por seus ritos populares exotéricos?

Nenhum brâmane ou budista ortodoxo negaria o mistério da encarnação cristã; mas eles a compreendem à sua própria maneira, e como poderiam negá-lo? A pedra fundamental de seu sistema religioso são as encarnações da Divindade. Sempre que a Humanidade está prestes a cair no materialismo e na degradação moral, um Espírito Superior se encarna na criatura selecionada para o propósito. O "Mensageiro do Superior" liga-se à dualidade da matéria e da alma, e, completando-se assim a Tríada por meio da união de sua Coroa, nasce um Salvador, que ajuda a Humanidade a retornar ao caminho da verdade e da virtude. A Igreja cristã primitiva, imbuída de filosofia asiática, partilhava evidentemente da mesma crença - do contrário jamais teria erigido em artigo de fé o segundo advento, nem inventado a fábula do anti-Cristo como uma precaução contra as possíveis encarnações futuras. Nem teria imaginado que Melquisedeque foi um avatâra de

Cristo. Eles só precisariam folhear a *Bhagavad-Gitâ* para descobrir Krishna ou Bahgavat dizendo a Arjuna: "Aquele que me segue está salvo pela sabedoria e também pelas obras. (... Assim que a virtude declina no mundo, *eu me torno manifesto para salva-lo"*.

Na verdade, é muito difícil não partilhar essa doutrina das encarnações periódicas. Não tem o mundo testemunhado, em raros intervalos, o advento de personagens tão grandiosos como Krishna, Sakyamuni e Jesus? Como estes dois últimos caracteres de Krishna parece ter sido um ser real, deificado por sua escola em algum tempo no alvorecer da história, e inserido no quadro do venerando programa religioso. Comparai os dois Redentores, o hindu e o cristão, separados no tempo por um espaço de alguns milhares de anos; colocai entre eles Siddhârtha Buddha, que reflete Krishna e projeta na noite do futuro a sua própria sombra luminosa, com sujos raios foram esboçadas as linhas gerais do mítico Jesus, e de cujos ensinamentos os do Cristo histórico, e descobrireis que sob uma mesma capa idêntica de lenda poética viveram e respiraram três figuras humanas reais. O mérito individual de cada um delas ressalta do mesmo colorido mítico, pois nenhum caráter indigno poderia ter sido selecionado para a deificação pelo instinto popular, tão infalível e justo quanto desimpedido. O brocardo *Vox populi, vox Dei* foi outrora verdadeiro, embora falso quando aplicado à atual massa dominada pelo clero.

Kapila, Orfeu, Pitágoras, Platão, Basilides, Marcion, Amônio e Plotino fundaram escolas e semearam os germes de muitos e nobres pensamentos, e, ao desaparecerem, deixaram atrás de si o brilho de semideuses. Mas as três personalidades de Krishna, Gautama e Jesus surgiram como deuses verdadeiros, cada qual em sua época, e legaram à Humanidade três religiões edificadas na imperecível rocha dos séculos. O fato de que as três, especialmente a fé cristã, tenham sido adulteradas com o tempo, e de que a última seja quase irreconhecível, não se deve a nenhuma falha dos nobres reformadores. São os clérigo que se intitulam de cultivadores da "vinha do Senhor" que devem prestar contas à posteridade. Purificai os três sistemas da escória dos dogmas humanos, e a pura essência permanecerá a mesma. Mesmo Paulo, o grande, o honesto apóstolo, no ardor de seu entusiasmo, perverteu involuntariamente as doutrinas de Jesus, ou então seus escritos foram desfigurados depois de reconhecidos. O *Talmude,* o registro de um povo que, não obstante a sua apostasia do Judaísmo, sentiu-se compelido a reconhecer a grandeza de Paulo como filósofo e teólogo, diz a propósito de Aher (Paulo), no *Yerushalmi*, que "ele corrompeu a obra daquele homem"- ou seja Jesus.

Entretanto, antes que essa fusão seja realizada pela ciência honesta e pelas gerações futuras, lancemos uma vista d'olhos ao quadro atual das três legendárias religiões.

AS LENDAS DOS TRÊS SALVADORES

KRISHNA	**GAUTAMA BUDDHA**	**JESUS DE NARARÉ**
Época: Incerta. A ciência européia teme comprometer-se. Mas os cálculos bramânicos a fixaram por volta de há 5.000 anos.	*Época:* Segundo a ciência européia e os cálculos cingaleses, há 2.540 anos.	***Época***: Supõe-se que tenha sido há 1877 anos. Seu nascimento e sua ascendência real foram ocultados de Herodes, o tirano.
Krishna descendente de uma família real, mas é educado por pastores; é chamado de *Deus Pastor*. Seu nascimento e sua ascendência divina são mantidos em segredo de Kansa.	*Gautama* é o filho de um rei. Seus primeiros discípulos são pastores e mendigos.	*Jesus*. Descende da família real de Davi. É adorado por pastores em seu nascimento, e é chamado de "Bom Pastor". (Ver *Evangelho segundo São João.)*
Encarnação de Vishnu, a segunda pessoa da Trimûrti (Trindade). Krishna foi adorado em Maturâ, no rio Jumnâ.	Segundo alguns, uma encarnação de Vishnu; segundo outros, uma encarnação de um dos Buddhas, e mesmo de Âdi-Buddha, a Sabedoria Suprema.	Uma encarnação do Espírito Santo, portanto a segunda pessoa da Trindade, agora a terceira. Mas a Trindade só foi inventada 325 anos depois de seu nascimento. Foi a Matarea, Egito, e aí produziu os seus primeiros milagres.
Krishna é perseguido por Kansa, Tirano de Madura, mas escapa miraculosamente. Na esperança de destruir a criança, o rei mata milhares de varões inocentes.	As lendas budistas estão livres deste plágio, mas a lenda católica que o transforma em São Josafá mostra que seu pai, rei de Kapilavastu, matou inocentes jovens *cristãos* (!!).	Jesus é perseguido por Herodes, Rei da Judéia, mas escapa para o Egito guiado por um anjo. Para se assegurar de sua morte, Herodes ordena uma massacre de inocentes, e 40.000 crianças são mortas.
A mãe de Krishna foi Devakî, uma virgem imaculada (porém que havia dado à luz oito filhos antes de Krishna).	A mãe de Buddha foi Mâyâ ou Mâyâdevî; não obstante o seu casamento, manteve-se virgem imaculada.	A mãe de Jesus foi Mariam, ou Miriam; casou-se com o marido, mas manteve-se virgem imaculada, embora tenha tido várias crianças além de Jesus. (Ver *Mateus, XIII, 55, 56.*)
Krishna é dotado de beleza, onisciência e onipotência desde o nascimento. Produz milagres, cura os aleijados e cegos, e expulsa demônios. Lava os pés dos	*Buddha* é dotado dos mesmos poderes e qualidades, e realiza prodígios semelhantes. Passa sua vida com mendigos. Pretende-se que Gautama era	*Jesus* tem os mesmos dons. (Ver os *Evangelhos e o Testamento Apócrifo.*) Passa sua vida com pecadores e publicanos. Expulsa igualmente os

Brâmanes, e, descendo às regiões inferiores (inferno), liberta os mortos, e retorna a Vaikuntha - o paraíso de Vishnu. Krishna era o próprio Deus Vishnu em forma humana.	diferente de todos os outros Avatâras, tendo todo o espírito de Buddha em si, ao passo que os demais tinham apenas uma parte (*ansa*) da divindade.	demônios. A única diferença notável entre os três é que Jesus é acusado de expulsar os demônios pelo poder de Belzebu, ao passo que os outros não. Jesus lava os pés de seus discípulos, morre, desce ao inferno, e sobe ao céu, depois de libertar os mortos.
Krishna cria meninos de carneiros, e *vice-versa.* Esmaga a cabeça da Serpente.	*Gautama* esmaga a cabeça da Serpente, e. i., abole o culto de Nâga por fetichismo; mas, como Jesus, faz da Serpente o emblema da sabedoria divina.	Conta-se que *Jesus* esmagou a cabeça da Serpente, de acordo com a revelação original do *Gênese*. Também transforma meninos em cabritos e cabritos em meninos.
Krishna é Unitário. Persegue o clero, acusa-o de ambição e hipocrisia, divulga os grandes Segredos do Santuário - a Unidade de Deus e a imortalidade de nosso espírito. A tradição diz que ele caiu vítima de sua vingança. Seu discípulo favorito, Arjuna, nunca o abandona. Há tradições fidedignas segundo as quais ele morreu perto de uma árvore (ou cruz), sendo atingido no pé por uma flecha. Os eruditos mais sérios concordam em que a Cruz irlandesa, em Tuam, erigida muito antes da era cristã, e asiática.	*Buddha* abole a idolatria; divulga os mistérios da Unidade de Deus e o Nirvana, cujo verdadeiro significado era conhecido apenas pelos sacerdotes. Perseguido e expulso do país, escapa da morte reunindo ao seu redor algumas centenas de milhares de crentes em seu Budado. Finalmente morre, cercado por uma hoste de discípulos, com Ânanda, seu primo e amado discípulo, o líder de todos eles. O'Brien acredita que a Cruz irlandesa em Tuam diz respeito a Buddha, mas Gautama jamais foi crucificado. Em muitos templos ele é representado sentado sob uma árvore cruciforme, que é a "Árvore da Vida". Em outra imagem, ele está sentado sobre Nâga, o Râjâ das Serpentes com uma cruz em seu peito.	*Jesus* rebela-se contra a antiga lei judaica; denuncia os Escribas e Fariseus, e a sinagoga por hipocrisia e intolerância dogmática. Quebra o Sabbath, e desafia a Lei. É acusado pelos judeus de divulgar os segredos do Santuário. É condenado a morrer numa cruz (uma árvore). Dos poucos discípulos que havia convertido, um o trai, um o nega, e os outros desertam por fim, exceto João, o discípulo que *ele amava*. Jesus, Krishna e Buddha, os três salvadores, morrem sobre ou sob *árvores*, e estão relacionados com cruzes que simbolizam os tríplices poderes da criação.

RESULTADO

Em meados do século XVIII, contavam essas três religiões com os seguintes números de seguidores:

DE KRISHNA	**DE BUDDHA**	**DE JESUS**
1º. Bramamistas: 60.000.000	Budistas: 450.000.000	Cristãos: 260.000.000 (Seg. Max Miller)

Tal é o estado atual dessa três grandes religiões. Cada uma das quais se reflete por sua vez em sua sucessora. Tivéssemos os dogmatizadores cristãos parado aqui, os resultados não teriam sido tão desastrosos, pois teria sido difícil, de fato, fazer um mau credo dos sublimes ensinamentos de Gautama, ou de Krishna, como *Bhagavat*. Mas eles foram adiante, e acrescentaram ao puro Cristianismo primitivo as fábulas de Hércules, Orfeu e Baco. Assim como os muçulmanos não admitem que seu *Corão* se baseia no substrato da *Bíblia* judaica, não confessam os cristãos que devem quase tudo às religiões hindus. Mas os hindus têm a cronologia para prová-lo. Vemos os melhores e mais eruditos de nossos lutando inutilmente por mostrar que as extraordinárias semelhanças - no que se refere à identidade - entre Krishna e Cristo se devem aos espúrios Evangelhos da *Infância* e do de *Santo Tomás*, que teriam "provavelmente circulado na costa do Malabar, e dado cor à história de Krishna". Por que não aceitar a verdade, e, invertendo o problema, admitir que Santo Tomás, fiel à política de proselitismo que caracterizou os cristãos primitivos, ao encontrar no Malabar o original do Cristo mítico em Krishna, tentou reunir os dois; e, adotando em seu evangelho (do qual todos os demais foram copiados) os detalhes mais importantes da história do Avatâra hindu, enxertou a heresia cristã na religião primitiva de Krishna. Para quem estiver familiarizado com o espírito do Bramanismo, a idéia de os brâmanes aceitarem qualquer coisa de um estrangeiro é simplesmente ridícula. Que eles, o povo mais fanático no que respeita aos assuntos religiosos, que, durante séculos, não pôde ser compelido a adotar o mais simples dos costumes europeus, sejam suspeitos de ter introduzido em seus livros sagrados lendas não averiguadas sobre um Deus estrangeiro, eis algo tão absurdamente ilógico que é realmente uma perda de tempo tentar contraditar a idéia!

O NOVO TESTAMENTO CONTEM CITAÇÕES DO LIVRO DOS MORTOS. (L. 4. pág. 174).

O próprio *Novo Testamento* formiga de citações e repetições do *Livro dos mortos,* e Jesus, se tudo o que seus quatro biógrafos lhe atribuem for verdadeiro - deve ter tido conhecimento dos Hinos Funerários egípcios. No *Evangelho Segundo São Mateus* descobrimos sentenças inteiras extraídas do *Ritual* antigo e sagrado que precedem a nossa era por mais de 4.000 anos.

Na parábola do *Reino dos Céus (Mateus,* XXV, 34-6), o *Filho do Homem* (Osíris é também chamado de Filho) senta-se no trono de sua glória, julgando as nações e diz aos justos: "Vinde, benditos de meu Pai, [*o* Deus], herdeiros do reino (...) Pois *tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber (...) estive nu e me vestistes".* E para completar à semelhança (*Mateus*, III, 12): João descreve Cristo como Osíris, "cuja *pá* (*vannus*) está em sua mão", e que "vai limpar sua eira e recolher seu trigo no celeiro".

Ocorre o mesmo em relação às lendas budistas. Em *Mateus*, IV, 19, diz Jesus: "Segui-me e eu vos farei *pescadores* de homens", referindo-se a passagem a um diálogo entre ele e Simão Pedro e André, seu irmão.

Em *Der Weise und der Thor*, de Schmidt, uma obra cheia de anedotas sobre Buddha e seus discípulos, extraídas todas dos textos originais, fala-se de um novo convertido à fé, que "havia sido apanhado pelo anzol da doutrina, como um peixe, que se pesca com a linha e a rede". Nos templos do Sião, a imagem do esperado Buddha, o Messias Maitreya, é representada com a rede de um pescador nas mãos, ao passo que no Tibete ele segura uma espécie de armadilha. A explicação para isso é a seguinte: "Ele [Buddha] esparge sobre o Oceano do nascimento e da morte a flor de Lótus da excelente lei como *uma isca*; com o laço da devoção, nunca arremessado em vão, ele pesca os seres vivos como peixes, e os leva ao outro lado do rio, onde está o verdadeiro saber".

REFERÊNCIAS SOBRE O SANTO SUDÁRIO. (L. 4. pág. 175).

Se entre os muitos feitos do Bispo de Cesaréia devemos incluir o conhecimento do cingalês, do pehlevi, do tibetano e de outros idiomas, não o sabemos; mas ele certamente transcreveu as cartas de Jesus e Abgarus, e a história do miraculoso retrato de Cristo impresso numa peça de roupa pelo suor de sua face, do Cânone budista. Na verdade, o bispo declarou que descobriu a carta escrita em siríaco, preservada entre os registros da cidade de Edssa, onde Abgarus reinou. Lembramos as palavras de Babrias: "O mito, ó filho do Rei Alexandre, é uma antiga invenção humana dos sírios, que viviam nos tempos antigos sob Ninus e Belus". Edessa era uma das antigas "cidades sagradas". Os árabes a veneram até hoje; e nela se fala o mais puro árabe. Eles a chamam ainda por seu antigo nome, Orfa, outrora a cidade *Arpha-Kasda* (Arphaxard), a sede de um Colégio de caldeus e magos, cujos missionários, chamados de Orpheus, daí trouxeram os Mistérios báquicos à Trácia. Muito naturalmente, Eusébio aí encontrou os contos que ele transformou na história de Abgarus, e a imagem sagrada impressa num tecido; pois a de Bhagavat, ou o abençoado Tathâgata (Buddha) foi obtida pelo Rei Bimbisâra. Comparada pelo Rei, Bhagavat projetou sua sombra nela. Esse pedaço de "miraculoso tecido", com sua sombra, ainda está preservado, dizem os budistas; "só a sombra é raramente vista".

A LENDA DE AMANDA, E O EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO. (L. 4. pág. 176).

De igual maneira, o autor gnóstico do *Evangelho segundo, São João,* copiou e metamorfoseou a lenda de Ânanda que pediu de beber a uma mulher Mâtamgî - o anti-tipo da mulher encontrada por Jesus no poço -, e a quem disse ela que, por pertencer a uma casta inferior, nada podia fazer por um santo monge. "Eu não te perguntei, minha irmã", responde Ânanda à mulher, "qual a tua casta ou tua família, eu apenas te peço água, se puderes me dar alguma." Essa mulher Mâtamgî, encantada e comovida até as lágrimas, arrepende-se, ingressa na Ordem monástica de Gautama, e torna-se uma santa, resgatada de uma vida de lascívia por Sâkya-muni. Muitas de suas ações posteriores foram utilizadas pelos forjadores cristãos para caracterizar Maria Madalena e outras santas e mártires.

"E quem der, nem que seja um copo de água fria a um destes pequeninos, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que não perderá sua recompensa", diz o Evangelho (*Mateus, X, 42*). "Quem, com um puro coração, oferecer mesmo que seja um pouco de água, ou ofertar tanto à assembléia espiritual, ou der de beber ao pobre e ao necessitado, ou a um animal do campo, essa ação meritória não se perderá por muitos séculos", diz o *Cânone* budista.

Na hora do nascimento de Gautama Buddha, realizaram-se 32 prodígios. As nuvens ficaram imóveis no céu, as águas dos rios pararam de correr, as flores cessaram de germinar, os pássaros ficaram silentes e cheios de maravilha; toda a natureza ficou suspensa em seu curso, e plena de expectativa. "Uma luz sobrenatural se difundiu por todo o mundo; os animais pararam de comer; os cegos passaram a enxergar; os coxos e os mudos foram curados", etc.

Citemos agora o *Protevangelion*:

"Na hora da Natividade, quando José olhou para o ar, Eu vi [diz ele] as nuvens espantadas, e as aves do ar parando em meio ao seu vôo (...) E vi as ovelhas dispersas, *mas todas em silêncio* (...) e vi o rio, e observei as novilhas *com suas bocas perto da água, e tocando-a, mas sem a beber.*

"Então, uma nuvem brilhante ofuscou a caverna (...) Mas, de súbito, a nuvem transformou-se numa *grande luz* na caverna, de modo que seus olhos não puderam suporta-la (...) A mão de Salomé, que estava murcha, foi imediatamente curada (...) Os cegos enxergaram; os coxos e os mudos foram curados."

Quando foi à escola, o jovem Gautama, sem jamais ter estudado, superou completamente todos os seus competidores, não apenas na escrita, mas na Aritmética, na Matemática, na Metafísica, na luta, na arte do arco, na Astronomia, na Geometria, e finalmente venceu os seus próprios professores dando a definição das sessenta e quatro virtudes, que eram desconhecidas dos próprios mestres.

E eis o que diz novamente o *Evangelho da Infância*: "E quando ele [Jesus] tinha doze anos (...) um certo Rabino importante lhe perguntou, `Lestes livros?' (...) e um certo astrônomo (...) perguntou ao Senhor Jesus se havia estudado Astronomia. E o Senhor Jesus lhe explicou (...) sobre as esferas (...) sobre a Física e a Metafísica. E também sobre coisas que a razão do homem jamais havia descoberto (...) A constituição do corpo, como a alma operava sobre o corpo, etc. (...) E o mestre ficou tão surpreso que disse: Creio que esse rapaz nasceu antes de Noé (...) ele é mais sábio do que todos os mestres!"

Os preceitos de Hillel, que morreu quarenta anos antes do nascimento de Cristo, aparecem antes como citações, do que expressões originais, no Sermão da Montanha. Jesus nada ensinou ao mundo que não tivesse sido convenientemente ensinado antes por outros instrutores. Ele começa seu sermão com certos preceitos puramente budistas que haviam encontrado aceitação entre os essênios, e eram geralmente praticados pelos *Orphikoi* e pelos neoplatônicos. Havia os filelenos, que, como Apolônio, devotavam suas vidas à pureza moral e física, e que praticavam o ascetismo. Jesus tenta inculcar em sua audiência o desprezo pelas riquezas do mundo; uma indiferença de faquir pelo dia seguinte; amor pela Humanidade, pobreza e castidade. Abençoa o pobre de espírito, o humilde, os que têm fome e sede de justiça, o misericordioso e os mansos, e, como Buddha, deixa uma pobre esperança para as castas orgulhosas no que se refere a seu ingresso no reino do céu. Todas as palavras desse sermão ecoam os princípios essenciais do budismo monástico. Os dez mandamentos de Buddha, que se acham num apêndice ao *Pratimoksha-Sûtra* (texto-burmês), são elaborados em toda a sua extensão em *Mateus*. Se desejamos conhecer o Jesus histórico, temos de pôr o Cristo mítico inteiramente de lado, e aprender tudo o que pudermos sobre o homem no primeiro Evangelho. Suas doutrinas, suas concepções religiosas, e suas maiores aspirações se acham concentradas em seu sermão.

A FILOSOFIA DO BUDISMO IGNORA IMAGENS E FETICHES. **(L. 4. pág. 178).**

A *filosofia* do Budismo ignora imagens e fetiches. Sua enorme vitalidade repousa em suas concepções psicológicas do eu *interior* do homem. O Caminho para o estado supremo da felicidade, chamado de Passagem parta o Nirvana, abre suas trilhas através da vida espiritual, e não física, de uma pessoa, enquanto ela está nesta terra. A literatura budista sagrada aponta o caminho, estimulando o homem a seguir *praticamente* o exemplo de Gautama. Por conseguinte, os escritos budistas abrem uma corrente particular nos privilégios espirituais do homem, aconselhando-o a cultivar seus poderes para a produção de *meipo* (fenômeno) durante a vida, e para a obtenção do Nirvana no futuro.

Mas, voltando das narrativas históricas para as míticas, inventada igualmente sobre Krishna, Buddha e Cristo, encontramos o seguinte:

Apresentando um modelo para o avatâra cristão e para o arcanjo Gabriel, o luminoso Santushita (Bodhisattva) apareceu a Mahâ-mâyâ "como uma nuvens ao luar, oriundo do norte, e tendo em suas mãos um lótus branco". Ele lhe anunciou o nascimento de seu filho, volteando o leito da rainha por três vezes," (...) passou do deva-loka e foi concebido *no mundo dos homens*". A semelhança ficará ainda mais perfeita se examinarmos as ilustrações dos saltérios medievais, e os afrescos do século XVI (na Igreja de Jouy, por exemplo, na qual a Virgem é representada de joelhos, com as mãos erguidas para o Espírito Santo, e a criança por nascer miraculosamente através de seu corpo), pois descobriremos o mesmo tema tratado de modo idêntico nas esculturas de certos conventos no Tibete. Nos *Anis Páli-Budistas*, e em outros registros religiosos, afirma-se que Mâyâdevî e todas as suas servas eram constantemente gratificadas com a visão do Bodhisattva desenvolvendo-se quietamente no útero da mãe, e já esparguindo, de seu local de geração, sobre a Humanidade, "o resplandente luar de sua futura benevolência".

Ânanda, o primo e futuro discípulo de Sâkyamuni, é representado como se tivesse nascido ao mesmo tempo. Esse parece ter sido o original das antigas lendas sobre João Batista. Por exemplo, a narrativa páli relata que Maha-mâyâ, estando grávida do sábio, fez uma visita à mãe deste, como Maria o fez à mãe de Batista. Assim que ela entrou no aposento, o futuro Ânanda saudou o futuro Buddha-Siddhârtha, que respondeu à saudação; e de igual maneira o futuro João Batista pulou no útero de Isabel, assim que Maria entrou. E mais: Didron descreve uma cena de saudação, pintada nos postigos em Lyons, entre Isabel e Maria, na qual as duas crianças por nascer, ambas desenhadas fora das mães, se saúdam mutuamente.

Se retornarmos a Krishna e compararmos atentamente as profecias a ele relacionadas, recolhidas nas tradições ramatsariarianas do *Atharva*, dos *Vedângas* e dos *Vedântas*, com passagens da *Bíblia* e dos Evangelhos apócrifos, alguns dos quais pressagiam talvez a vinda de Cristo, descobriremos fatos muito curiosos. Eis alguns exemplos:

COMPARAÇÕES ENTRE LIVROS HINDUS E LIVROS CRISTÃOS. (L.4.pg.179).

DOS LIVROS HINDUS	DOS LIVROS CRISTÃOS
1. "Ele (o Redentor) virá *coroado de luzes* , saindo o puro fluido da grande alma (...) e dispersando as trevas" *(Atharva).*	1. "O Povo da Galiléia, que jazia nas trevas, viu uma grande luz"(*Mateus*, IV, 16, de *Isaías,* IX,1, 2).
2. "Na início do Kali-Yuga nascerá o filho da Virgem" (*Vedânta*).	2. "Eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho"(*Isaías*, VII, 14, citado em *Mateus*, I, 23).
3. "O Redentor virá, e os malditos *Râkshasas* procurarão refúgio no inferno mais profundo" *(Atharva).*	3. "E eis que Jesus de Nazaré, com o brilho de sua gloriosa divindade, expulsou os terríveis poderes das trevas e da morte" (*Nicodemos,* XVII, 3).
4. "Ele virá, e a vida desafiará a morte (...) e ele reviverá o sangue de todos os seres, regenerará todos os corpos e purificará as almas".	4. "Eu lhe dou a vida eterna e elas jamais perecerão" (*João, X, 28*).
5. "Ele virá, e todos os seres animados, todas as flores, plantas, homens, mulheres, crianças, escravos (...) entoarão juntos o canto de alegria, pois ele é o Senhor de todas as criaturas (...) ele é infinito, pois é poder, pois é sabedoria, pois é beleza, pois é tudo e está em tudo.	5. "Regozijai,. filha de Sião! grita de alegria, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti: ele é justo (...) Que riqueza! Que beleza a sua! O trigo fará crescer os jovens, e o mosto as virgens". (*Zacarias, IX, 9, 17*).
6. "Ele virá, mais doce do que o mel e a ambrosia, mais puro do que *o cordeiro* sem mácula" (*Ibid).*	6. "Eis o cordeiro de Deus" (*João, I 36*). "Como um cordeiro, é conduzido ao matadouro". (*Isaias, LIII, 7*).
7. "Feliz o ventre abençoado que o conceberá" (*Ibid*.).	7. "Bendita és tu dentre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre!" (*Lucas, I, 42*); "Feliz o ventre que te gerou"(XI. 27).
8. "Pois Deus manifestará Sua glória, e proclamará Seu poder, e Se reconciliará com Suas criaturas" (*Ibid.*).	8. Jesus "manifestou Sua glória" (*João, II, 11*). "Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo"(*2 Coríntios, V, 19*).
9. "É no ventre de uma mulher que o raio do esplendor divino receberá uma forma humana, e ela conceberá sendo virgem, pois nenhum contato a maculará" (*Vedângas*).	9. "Por ser caso sem paralelos, sem qualquer polução ou profanação, uma virgem que não conheceu a nenhum homem conceberá um filho, e uma donzela conceberá o Senhor" (*Evangelho do Nascimento de Maria, III,5*).

O ATHARVA-VEDA E SUA ANTIGÜIDADE. (L. 4. pág. 179).

Por muito que se exagere ou não a antigüidade do *Atharva-Veda* e dos outros livros, permanece o fato de que *essas profecias e a sua realização antecedem ao Cristianismo*, e que Krishna precede a Cristo. Isso é tudo que precisamos investigar.

Fica-se muito surpreendido ao se ler a obra *Monumental Crhistianity.* Seria difícil dizer se é mais forte a admiração pela erudição do autor, ou se o espanto em face de sua argumentação serena e inigualável. Ele reuniu um mundo de fatos que provam que as religiões, muito mais antigas do que o Cristianismo, de Krishna, Buddha e Osíris anteciparam até mesmo os símbolos mais insignificantes daqueles. Seus materiais provêm não de papiros forjados, nem de Evangelhos, interpolados, mas de esculturas nas paredes dos templos antigos, de monumentos, inscrições e outras relíquias arcaicas, apenas mutiladas pelos martelos dos iconoclatas, o cânone dos fanáticos, e os efeitos do tempo. Ele nos mostra Krishna e Apolo como bons pastores; Krishna segurando o *ânkh* cruciforme e o *chakra*, e Krishna "crucificado no espaço", segundo suas expressão. Sobre essa figura - emprestada pelo Sr. Lundy de *Hindoo Pantheon,* de Moor -, pode-se dizer que ela é capaz de petrificar uma cristão de espanto, pois que se trata do Cristo crucificado da arte romana no mais alto grau de semelhança. Não falta uma única característica; e afirma o autor: [essa] imagem, eu a creio anterior ao Cristianismo (...) Ela se assemelha a um crucifixo cristão em muitos respeitos (...) O desenho, a atitude, e as marcas dos cravos nas mãos e nos pés indicam uma origem cristã, ao passo que a coroa parta de sete pontas, a ausência do bastão e da inscrição usual, e os raios de glória acima, parecem indicar uma origem diferente da cristã. Seria talvez o Homem-Vítima, ou o Sacerdote e a Vítima reunidos numa única pessoa, na mitologia hindu, que se ofereceu a si mesmo como sacrifício antes da criação dos mundos? Seria talvez o segundo Deus de Platão que se imprimiu no universo na forma da cruz? Ou seria esse homem divino que foi açoitado, torturado, agrilhoado, que teve os olhos arrancados, e que por fim (...) *foi crucificado*?" É tudo isso e muito mais. A *Filosofia Religiosa Arcaica* era universal.

Seja como for, o Dr. Lundy contradiz a Moor, e afirma que essa figura é a de *Vithobâ*, um dos avatâras de Vishnu, portanto de Krishna, e *anterior ao Cristianismo*, o que não é um fato fácil de refutar. E embora acredite que tal imagem antecipe o Cristianismo, ele pensa que ela não tem qualquer relação com Cristo! Sua única razão é que "num crucifixo cristão a glória sempre vêm da cabeça sagrada; aqui ela vem de cima, e detrás (...) O *Vithobâ* dos pânditas, dado a Moor, parece ser o Krishna crucificado, o deus pastor de Mathurâ (...) *um Salvador - o Senhor da aliança, assim como Senhor do céu e da Terra - puro e impuro, luz e*

treva, bom e mau, pacífico e belicoso, amistoso e colérico, manso e turbulento, misericordioso e vingativo, Deus e uma estranha mistura de homem, mas não o Cristo dos Evangelhos".

Ora, todas essas qualidades pertencem tanto a Jesus como a Krishna. O próprio fato de que Jesus foi um homem pelo lado da mãe - embora fosse um Deus - é igualmente corroborativo. Sua atitude para com a figueira e as suas contradições, em *Mateus,* onde por um lado promete paz na Terra e por outro a espada, etc., são provas a esse respeito. Sem dúvida alguma, essa imagem jamais pretendeu representar Jesus de Nazaré. Ela era a de Vithobâ, como informaram a Moor, e como, além disso, afirmam as *Escrituras Sagradas* hindus, Brahmâ, o sacrificador que é "ao mesmo tempo sacrificador e vítima"; ele é Brahmâ, vítima em Seu Filho Krishna, que veio para morrer na terra por nossa salvação, que realiza Ele mesmo o sacrifício solene [do Sarvamedha]." No entanto, é tanto o homem Jesus como o homem Krishna, pois ambos estavam unidos aos seus *Cristos*.

Temos assim que, o admitir as "encarnações" periódicas, ou deixar passar o Cristianismo como a maior impostura e o maior plágio de todos os séculos!

Quanto às *Escrituras* judaicas, apenas homens como o jesuíta de Carrière, um conveniente representante da maioria do clero católico, pode ainda ordenar a seus seguidores que aceitam apenas a cronologia estabelecida pelo Espírito Santo. É com base na autoridade deste último que ficamos sabendo que Jacó foi, com uma família de setenta pessoas, no total, fixar-se no Egito no ano de 2.298, e que em 2.513 - apenas 215 anos depois - essas setenta pessoas haviam aumentado tanto, que deixaram o Egito 600.000 fortes homens, aptos à guerra, "sem contar as mulheres e as crianças", o que, de acordo com a ciência da estatística, representa uma população total de dois a três milhões!! A história natural não registra nenhum paralelo de tal fecundidade, exceto nos arenques vermelhos. Depois disso, que riam os missionários cristãos, se puderem, da cronologia e dos cálculos hindus.

"Felizes são as pessoas, embora não as invejamos", exclama Busen, "que não se vexam de fazer Moisés marchar com mais de dois milhões de pessoas ao término de uma conspiração popular, nos alegres dias da 18° Dinastia; que fazem os israelitas conquistar Canaã sob Josué, durante, ou antes, das mais formidáveis campanhas dos faraós conquistadores nesse mesmo país. Os anais egípcios e assírios, combinados com a crítica histórica da *Bíblia*, provam que o êxodo só poderia ter ocorrido sob o reinado de Menephthah, de modo que Josué não poderia ter cruzado o Jordão antes da Páscoa de 1.280, tendo ocorrido a última campanha de Ramsés III, na Palestina, em 1.281."

NARRATIVAS DE BUDDHA. **(L. 4. pág. 181).**

Retomemos, porém, o fio de nossa narrativa com Buddha.

Nem ele, nem Jesus jamais escreveram uma única palavra de suas doutrinas. Devemos tomar os ensinamentos dos mestres segundo o testemunho dos discípulos, e tomos portanto, o direito de julgar ambas as doutrinas de acordo como seu valor intrínseco. Onde mais repousa o peso da lógica constata-lo nos resultados dos freqüentes encontros entre os missionários cristãos e os teólogos budistas (*punghi*). Estes últimos sempre levaram a melhor sobre os seus oponentes. Por outro lado, o "Lama de Jeová" raramente consegue dominar seu temperamento, para grande deleite do Lama de Buddha, e demonstra praticamente sua religião de paciEncia, misericórdia e caridade insultando seus adversários com a linguagem menos canônica que se pode imaginar. Testemunhamo-lo repetidas vezes.

A despeito da notável semelhança entre os ensinamentos diretos de Gautama e Jesus, observamos que os seus respectivos seguidores partem de dois pontos de vista diametralmente opostos. O sacerdote budista, seguindo literalmente a doutrina ética de seu mestre, permanece assim fiel ao legado de Gautama, ao passo que o ministro cristão, destorcendo os preceitos registrados pelos quatro *Evangelhos*, ensina, não o que Jesus ensinou, mas as interpretações absurdas, e amiúde perniciosas, de homens falíveis - Papas, Luteros e Calvinos incluídos. Aqui estão dois exemplos selecionados de ambas as religiões. Deixamos ao leitor a tarefa de julgá-los:

"Não acrediteis em alguma coisa porque muitos falam dela", diz Buddha; "não penseis que isso é uma prova de sua verdade.

"Não acrediteis meramente porque a afirmação escrita de algum antigo sábio o disse; nunca estareis certos de que o escrito não foi revisado pelo dito sábio, ou de que se possa nele confiar. Não acredites em vossas fantasias, pensando que, *por ser extraordinária uma idéia, ela deve ter sido inculcada por um Deva, ou por algum ser maravilhoso.*

"Não acrediteis em conjecturas, isto é, escolhendo algo ao acaso como um ponto de partida, e dele tirando conclusões. Antes de contar o dois, o três, e o quarto, *tende bem fixo para vós o número um* (...)

"Não acrediteis meramente com base na autoridade de vossos mestres, nem acrediteis e pratiqueis simplesmente *porque eles acreditaram e praticaram.*

"Eu [Buddha] vos digo, deveis saber por vós mesmos que 'isto é mau, isto é punível, isto é censurado pelos sábios, a crença nisto não trará vantagens a ninguém, mas causará infelicidade'. E quando souberes isto, evitai-o."

O CULTO DAS PALAVRAS, E O CULTO DAS IMAGENS, SUAS RELAÇÕES E CONSEQÜÊNCIAS. (L. 4. pág. 182).

"O culto das palavras é mais pernicioso do que o culta das imagens", assinala Robert Dale Owen. "A gramatolatria é a pior espécie de idolatria. Chegamos a uma era em que o literalismo está destruindo a fé (...) A letra mata.

"Não há um dogma da Igreja ao qual essas palavras possam ser mais bem aplicadas do que à doutrina da *transubstanciação.* "Quem come a minha carne e bebê o meu sangue tem a vida eterna", diz Cristo. "Dura é essa palavra", repetiram seus consternados ouvintes. A resposta *foi a de um iniciado*. "Isto vos ofende? (...) É o Espírito que vivifica; a carne para nada serve. As palavras [*rêmata,* ou ditos arcanos] que vos disse são espírito e Vida."[*João, Vi, 54, 61, 63.*]

A REPRESENTAÇÃO DO VINHO NOS MISTÉRIOS DO DEUS BACO. (L. 4. pág. 182).

Durante os mistérios, o vinho representava Baco, e o pão, Ceres. O iniciador-hierofante apresentava simbolicamente, antes da *revelação* final, vinho e pão ao candidato que tinha de comer e beber de ambos, em sinal de que o espírito viria vivificar a matéria, i.e., a sabedoria divina iria entrar em seu corpo através do que lhe seria revelado. Jesus, em sua fraseologia oriental, assimilava-se constantemente ao verdadeiro vinho (*João*, XV, 1). Além disso, o hierofante, o revelador do Petroma, era chamado de "Pais". Quando Jesus diz, "Bebei (...) este é o meu sangue", tinha ele em mente apenas uma comparação metafórica de si mesmo com a vinha, que produz a uva, cujo suco é seu sangue - vinho. Era essa uma indicação de que, tendo ele sido iniciado pelo "Pai", desejava também iniciar os outros. Seu "Pai" era o agricultor, ele a vinha, seus discípulos os ramos. Seus seguidores, por ignorarem a terminologia dos Mistérios, ficaram surpresos; eles tornaram suas palavras como uma ofensa, o que é de surpreender, considerando a proibição mosaica do sangue.

Há vários indícios, nos quatro evangelhos, para indicar qual era a esperança secreta e mais ardente de Jesus, com a qual comeu a ensinar e com a qual morreu. Em seu imenso e desprendido amor pela Humanidade, ele considerou injusto priva-la dos resultados do conhecimento adquirido por uns poucos. Esse resultado, ele o prega coerentemente - a unidade de um Deus espiritual, cujo templo está dentro de cada um de nós, e em quem vivemos assim como Ele vive em nós - em espírito. Esse conhecimento estava nas mãos dos adeptos judeus da escola de Hillel e dos cabalistas. Mas os "escribas", ou legisladores, tendo mergulhado gradualmente no dogmatismo da letra morta, há muito haviam se separado dos Tannaim, os verdadeiros mestres espirituais; e os cabalistas práticos eram mais ou menos perseguidos pela Sinagoga. Eis por que Jesus exclama : "Ai de vós, legisladores, *pois tomastes as chaves do conhecimento* à Gnose: Vós mesmos não entrastes, e impedistes os que queriam entrar" (*Lucas*, XI,52). O sentido aqui é claro. Eles tomaram a chave, e não puderam tirar proveito dela, pois a *Masorah* (traição) se havia tornado um livro fechado, tanto para eles como para outros.

OS MISTÉRIOS DA RELIGIÃO BRAMÂNICA. (L. 4. pág. 183).

Os maiores mistérios da religião bramânica estão abarcados nesse magnífico poema, o *Bhagavad-Gîtâ*; e mesmo os budistas o reconhecem, explicando certas dificuldades dogmáticas à sua própria maneira. "Sê desprendido; subjuga teus sentidos e tuas paixões, que obscurecem a razão e conduzem à ilusão", diz Krishna a seu discípulo Arjuna, enunciando assim um princípio puramente budista. "Os pequenos homens seguem os exemplos, os grandes os dão (...) a alma deve libertar-se dos vínculos da ação, e agir absolutamente de acordo com a sua origem divina. *Só há um Deus,* e todas as outras *devatâs* são inferiores, e meras formas, poderes de Brahmâ ou de mim mesmo. A adoração por *feitos predomina sobre a da contemplação."*

Essa doutrina coincide perfeitamente com a de Jesus. Só a fé, que não é acompanhada de "obras", é reduzida a zero na *Bhagavad-Gîtâ.* Quanto ao *Atharva-Veda*, ele foi e ainda é preservado em tal segredo pelos brâmanes que constitui assunto de dúvida saber se os *orientalistas* têm uma cópia *completa* dele. Quem quer que tenha lido o que o Abade J. A Dubois diz sobre o assunto poderá duvidar do fato. "Das últimas espécies" - o *Atharva* - "há pouquíssimas", diz ele, ao escrever os *Vedas*, "e muitas pessoas supõem que ele não existe mais. Mas a verdade é que ainda existem, sim, mas ocultas com mais cuidados do que outros, por medo de serem tomados como iniciados nos mistérios mágicos e outros terríveis segredos que segundo se acredita esta obra ensina".

SEGREDOS MÁGICOS, CONTIDOS NOS VEDAS. - A TRANSFERÊNCIA VOLUNTÁRIA DE VIDA DO HIEROFANTE AO CANDIDATO. **(L. 4. pág. 184).**

Mesmo entre os *epoptai* superiores dos *mistérios* maiores havia aqueles que nada sabiam do último e terrível rito - a transferência voluntária de vida do hierofante ao candidato. Em *Ghost-Land*, essa operação mística da transferência do adepto de sua entidade espiritual, após a morte de seu corpo, no jovem que ele ama como todo amor ardente de um pai espiritual, é descrita soberjamente. Como no caso da reencarnação dos lamas do Tibete, um adepto da ordem superior pode viver indefinidamente. Sua casca mortal se desgasta, não obstante certos segredos alquímicos que prolongam o vigor juvenil muito além dos limites usuais, embora o corpo raramente possa manter-se vivo além de dez ou doze anos. O velhos envoltório é então esgotado, e o Ego espiritual forçado a deixa-lo, escolhe para sua morada um novo corpo, fresco e cheio do sadio princípio vital. Caso o leitor se sinta inclinado a ridicularizar essa afirmação, sobre o possível prolongamento da vida humana, poderemos remetê-lo às estatísticas de vários países. O autor de um excelente artigo na *Westminster Review* de outubro de 1850, é responsável pela asserção de que na Inglaterra há o exemplo autêntico de um certo Thomas Jenkins, que morreu com a idade de 169 anos, e o de "Old Parr", aos 152 anos (nascido em 1483 e morreu em 14 de novembro de 1635, *Dict. of National Biography* N. Org.); e na Rússia alguns camponeses são "conhecidos pelo fato de terem atingido 242 anos". Há também casos de centenários registrados entre os índios peruanos. Estamos ciente de que vários autores desacreditaram recentemente essas pretensões quanto a uma extrema longevidade, mas, no entanto afirmamos nossa crença em sua verdade.

Verdadeiras ou falsas, há "superstições" entre os povos orientais com que nunca sonharam Edgar Alan Poe ou Hoffmann. E essas crenças estão no próprio sangue das nações em que tiveram origem. Se cuidadosamente escoimadas dos exageros, descobriremos que elas encarnam uma crença universal nas almas astrais incansáveis e errantes chamadas de fantasmas e vampiros. Um Bispo armênio do século V, de nome Eznik, dá várias de tais narrativas numa obra manuscrita (Livro I, §20,30), preservada há cerca de trinta anos na biblioteca do Mosteiro de Etchmiadzin *. Entre outras, há uma tradição que data dos dias do paganismo, segundo a qual sempre que morre no campo de batalha um herói cuja vida ainda é necessária na terra, os aralezes, os deuses populares da antiga Armênia, fecham as feridas do cadáver e sopram nele até infundir-lhe nova e vigorosa vida física. Depois disso, o guerreiro se levanta, apaga todas os traços de suas feridas, e retoma seu lugar na luta. Mas seu espírito imortal parte; e para o resto de seus dias ele vive - como um templo deserto.

Uma vez iniciado o candidato no último e mais solene mistério da transferência de vida, o terrível *sétimo* rito da grande operação sacerdotal, que é a teurgia superior, não mais pertence ele a este mundo. Sua alma ficava então livre, e os *sete* pecados mortais que estavam à espera para devorar-lhe o coração, (pois a alma, liberada pela morte, estaria cruzando as *sete* câmaras e as *sete* escadas), não mais poderiam afligi-lo; ele havia passado pelos "catorze julgamento", os *doze* trabalhos da hora final. (*Livro dos mortos*. Os hindus têm sete céus superiores e sete inferiores.).

Só o Sumo Hierofante sabia como realizar essa solene operação infundindo sua própria vida e sua alma astral no adepto escolhido por ele como seu sucessor, e que assim se tornava dotado de um vida dupla.

EXPLICAÇÕES SOBRE A PARÁBOLA DE JESUS "NASCER DE NOVO". **(L. 4. pág. 185).**

"Em verdade, em verdade te digo, quem não nascer de novo não pode ver o reino de Deus" (João, III, 3). Disse Jesus a Nicodemos: "O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito".

Essa alusão, tão ininteligível em si mesma, é explicada no *Satapatha-Brâhmana.* Ele ensina que um homem que se esforça pela perfeição espiritual deve ter *três* nascimentos: 1°, o físico, de seus pais mortais; 2°, o *espiritual*, através do sacrifício religioso (iniciação). 3°, seu nascimento final no mundo do espírito - na morte. Embora possa parecer estranho que devamos ir à antiga terra do Punjâb e às margens do Ganges sagrado em busca de um intérprete para as palavras ditas em Jerusalém expostas às margens do Jordão, o fato é evidente. Esse segundo nascimento, ou regeneração do espírito, após o nascimento natural do que é nascido da carne, pode ter espantado o legislador judeu. Não obstante, ele foi ensinado 3.000 anos antes do aparecimento do grande profeta Galileu, não apenas na Índia antiga, mas a todos os *epoptai* da iniciação pagã, que foram instruídos nos grandes mistérios da VIDA e da MORTE. Esse segredo dos segredos, segundo o qual a *alma* não esta soldada à carne, foi praticamente demonstrado no exemplo dos iogues, os seguidores de Kapila. Tendo emancipado suas almas dos grilhões da *Prakriti*, ou *Mahat* (a percepção física dos sentidos e da mente - numa palavra, criação), eles estão desenvolveram suas forças de alma e sua força de *vontade*, habilitando-se, assim, enquanto na terra, a comunicar-se com os mundos supernos e a realizar o que é erroneamente chamado de "milagres". Homens cujos espíritos astrais atingiram na terra o *naihsreyasa*, ou a

mukti, são semideus; espíritos desencarnados, eles alcançam *Moksha* ou *Nirvana*, e esse é o seu *segundo* nascimento espiritual.

Buddha ensina a doutrina de um novo ensinamento de modo tão claro quanto Jesus. Desejamos romper com os mistérios antigos, a cujo acesso as massas ignorantes não tinham direito, o reformador hindu, embora mantivesse um silêncio geral sobre mais de um dogma secreto, afirma claramente seu pensamento em várias passagens. Assim, diz ele: "*Algumas pessoas nascem novamente;* os pecadores vão ao Inferno; as pessoas virtuosas vão ao Céu; aqueles que estão livres de todos os desejos mundanos penetram no Nirvana"(*Dhammapada, 126*. Noutro lugar, Buddha afirma que é melhor acreditar numa vida futura, na qual se pode examinar a felicidade ou a miséria; pois se o coração acreditar nela, "ele abandonará o pecado e agirá virtuosamente; e mesmo se não houver ressurreição, uma tal vida terá um bom nome, e o respeito dos homens. *Mas aqueles que acreditam na extinção após a morte não deixarão de cometer os pecados,* porquanto nada esperam no futuro.

A EPÍSTOLA DOS HEBREUS TRATA DO SACRIFÍCIO DO SANGUE. (L.4.pg.186).

A *Epístola dos Hebreus* trata do sacrifício do sangue. "Onde existe um testamento", diz o autor, "*é necessária a morte do testador* (...) Sem o derramamento *de sangue* não há remissão. E também: "Cristo não se atribui a glória de *tornar-se sumo sacerdote;* mas ele a recebeu daquele que lhe disse: Tu és o meu filho, HOJE EU TE GEREI (*Hebreus*, V, 5). Essa é uma clara inferência de que 1ª., Jesus era considerado apenas à luz de um sumo sacerdote, como Melquisedeque - outro *avatâra,* ou encarnação de Cristo, de acordo com os Padres; e 2ª., que o autor pensava que Jesus se havia tornado um "Filho de Deus" apenas no momento de sua iniciação pela água; portanto, que ele não havia nascido deus, nem havia sido fisicamente gerado por Ele. Todo iniciado da "última hora" se torna, pelo próprio fato de sua iniciação, um filho de Deus. Quando Máximo, o Efésio, iniciou o Imperador Juliano nos mistérios de Mithra, ele pronunciou, como fórmula usual do rito, o seguinte: "Por este sangue, eu te lavo de teus pecados. A Palavra do Supremo entrou em ti, e Seu Espírito doravante repousará sobre o RECÉM-NASCIDO do Deus Superior (...) Tu és o filho de Mithra". "Tu és o `*Filho de Deus'"*, repetiram os discípulos após o batismo de Cristo. Quando Paulo sacudiu a víbora no fogo sem sofrer nenhum mal, o povo de Melita disse: "que ele era *um deus*" (*Atos, XXVIII, 6*). "Ele é o filho de Deus, o Belo!", essa a fórmula utilizada pelos discípulos de Simão Mago, pois pensavam reconhecer nele o "grande pode de Deus"

O homem não pode ter nenhum deus que não esteja limitado por suas próprias concepções humanas. Quando mais amplo for o alcance de sua visão espiritual, mais poderosa será a sua divindade. Mas onde podemos encontrar uma melhor demonstração d'Ele do que no próprio homem; nos poderes espirituais e divinos que jazem adormecidos em todo ser humano? "A própria capacidade de imaginar a possibilidade de poderes taumatúrgicos é uma evidência de que eles existem", diz o Dr. A. Wilder. "O crítico, assim como o cético, geralmente é inferior à pessoa ou assunto que está sob sua consideração, e, por conseguinte, dificilmente será uma testemunha competente. *Se há falsificações, algo deve ter sido um original genuíno.*"

O sangue gera fantasmas, e suas emanações fornecem a certos espíritos os materiais necessários para moldar suas aparições temporárias. "O sangue", diz Lévi (Éliphas Levi), "é a primeira encarnação do fluido universal; é a *luz vital* materializada. Seu nascimento é a mais maravilhosa de todas as maravilhas da natureza; ele vive apenas se transforma perpetuamente, pois é o Proteu universal. O sangue provém de princípios em que nada havia dele antes, e torna-se carne, osso, unhas (...) lágrimas, e respiração: Não pode se aliar nem à corrupção, nem à morte; quando a vida de vai, ele começa a se decompor; se souberes como reanima-lo, infundir vida nele por uma nova magnetização de seus glóbulos, a vida retornará. A substância universal, com o seu duplo movimento, é o grande arcano do ser; o sangue é o grande arcano da vida".

"O sangue", diz o hindu Ramatsariar, "contém todos os misteriosos segredos da existência, pois nenhum ser vivo pode existir sem ele. É profanar a grande obra do Criador o ato de comer sangue."

Por sua vez, Moisés, seguindo a lei universal e tradicional, proíbe comer o sangue.

Paracelso escreve que com os vapores do sangue é possível evocar qualquer espírito que desejamos ver; pois com suas emanações ele construirá uma figura, um corpo *visível* - apenas isso é feitiçaria. Os hierofantes de Baal faziam profundas incisões em seus corpos, gerando aparições abjetivas e tangíveis com seu próprio sangue. Os seguidores de uma certa seita na Pérsia, muitos dos quais podem ser encontrados nas colônias russas de Temir-Khân-Shura, e Derben, têm seus mistérios religiosos como o qual formam um largo círculo, e rodopiam à volta com uma dança frenética. Seus templos estão arruinados, e eles fazem o seu culto em grandes edificações provisórias, seguramente guardadas, e com o andar térreo profundamente fechado por areia. Todos vestem longos mantos, e suas cabeças descobertas e cuidadosamente raspadas. Armados de facas, eles logo atingem um estado de furiosa exaltação, e ferem a si mesmos e aos outros até que suas vestes

e a areia do chão estejam coalhadas de sangue. Antes do término do "mistérios", *todo homem terá uma companhia,* que rodopiará com ele. Às vezes, os dançarinos espectrais terão *cabelos em suas cabeças*, que os deixarão muito diferentes dos seus inconscientes criadores. Como prometemos solenemente jamais divulgar os principais detalhes dessa terrível cerimônia (que tivemos a permissão de presenciar por uma única vez), não insistiremos mais neste ponto.

HÁ TERRÍVEIS SEGREDOS NA NATUREZA. (L. 4. pág. 189).

Que á segredos terríveis na Natureza, eis algo em que podemos acreditar quando, como vimos no caso do *zangar'* russo, o feiticeiro não pode morrer, enquanto não passar a palavra a outro, e os hierofantes da Magia Branca realmente o fazem. Parece que o poder terrível da "Palavra" sé poderia ser confiado a um homem de um certo distrito ou corpo de pessoas ao mesmo tempo. Quando o Brahmâtma estava prestes a deixar o fardo da existência física, ele comunicava seu segredo ao seu sucessor, seja oralmente, seja por meio de um escrito colocado numa caixa seguramente aferrolhada e ao alcance apenas do legatário. Moisés "depôs as mãos" sobre seu neófito, Josué, nas solidões de Nebo, e partiu. Aarão inicia Eleazar no Monte Hor, e morre. Siddhârta-Buddha promete a seus mendigos que antes da morte viverá naquele que o merecer, abraça seu discípulo favorito, murmura em seu ouvido, e morre; e assim que a cabeça de João repousa no regaço de Jesus, é informado de que ele deverá demorar até a sua volta. Tal como as fogueiras de comunicação dos tempos antigos, que, acesas e extintas alternadamente no topo das montanhas, transmitiam certas informações por um longo trecho do país, vemos assim uma longa linhagem de homens "sábios", desde o início da história até os nossos tempos, comunicando a palavra da sabedoria aos seus sucessores diretos. Passando de profeta a profeta, a "Palavra" cintila como relâmpago, e, retirando embora para sempre o iniciador da visão humana, apresenta o novo iniciado. Entrementes, as nações se matam umas às outras em nome de outra "Palavra", uma substância vazia aceita literalmente por cada um delas, e mal interpretada por todas!

O QUE CRISTO REPRESENTA PARA O APÓSTOLO PAULO. (L. 4. pág. 192).

Peguemos Paulo, leiamos as poucas partes originais que nos restam dos escritos atribuídos a esse homem bravo, honesto e sincero, e vejamos se alguém pode encontrar nelas uma palavra que seja para mostrar que Paulo considerava a palavra Cristo como algo mais do que o ideal abstrato da divindade pessoal que habita no homem. Para Paulo, Cristo não é uma pessoa, mas uma idéia encarnada. "Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura" *ele renasce,* como depois da iniciação, pois o Senhor é espírito - o espírito do homem. Paulo foi o único apóstolo que compreendeu as idéias secretas que subjazeiam aos ensinamentos de Jesus, Embora jamais o tenha encontrado pessoalmente. Mas Paulo se iniciou a si mesmo; e, decidido a inaugurar uma nova e ampla reforma, ele sinceramente elevou suas próprias doutrinas muito acima da sabedoria dos séculos, acima dos antigos Mistérios e da revelação final dos *epoptai*. Como comprova o Professor A. Wilder numa série de argutos artigos, *não foi Jesus, mas Paulo o verdadeiro fundador do Cristianismo.* "Foi em Antioquia que os discípulos receberam pela primeira vez o nome de cristãos, dizem os *Atos dos Apóstolos, XI, 26.* "Homens como Irineu, Epifânio e Eusébio transmitiram à posteridade a reputação de práticas inverídicas e desonestas; e o coração chora diante das histórias desse período", escreve o autor, num artigo recente. "Seja lembrado", acrescenta ele, "que quando os muçulmanos invadiram a Síria e a Ásia Menor pela primeira vez, foram vem recebidos pelos cristãos dessas regiões como libertadores da intolerável opressão das autoridades governantes da Igreja."

O CRISTIANISMO DE PEDRO, FOI SUPERADO PELO DE PAULO. (L. 4. pág. 193).

"O Cristianismo de Pedro não existe mais; o de Paulo o suplantou, e foi por sua vez amalgamado com as outras religiões do mundo. Quando a Humanidade for iluminada, ou as raças e famílias bárbaras forem suplantadas por aqueles de natureza e instintos mais nobres, as excelências idéias poderão se tornar realidades.

"O `Cristo de Paulo' constituiu um enigma que evocou os mais ingentes esforços no sentido de sua solução. Ele era algo diverso de Jesus dos *Evangelhos*. Paulo prescindiu completamente de suas `intermináveis genealogias'. O autor do quarto *Evangelho,* um gnóstico alexandrino, descreve Jesus como o que agora chamaríamos de um espírito divino `materializado'. Ele era o Logos, ou Primeira Emanação - o Metatron (...) A `mãe de Jesus', como a Princesa Mâyâ, Danaé, ou talvez Periktione, deu nascimento, não a uma criança, mas a um rebento divino. Nenhum judeu de qualquer seita, nenhum apóstolo, nenhum crente primitivo, jamais promulgou tal idéia. Paulo trata de Cristo antes como uma personagem, do que como uma pessoa. As lições sagradas das assembléias secretas personificavam amiúde o bem divino e a verdade divina numa forma humana, assaltada pelas paixões e pelos apetites da Humanidade, mas superior a eles; e essa

doutrina, emergindo da cripta, foi assimilada pelos ignorantes sacerdotes como a de uma concepção imaculada e uma encarnação divina."

***

BIOGRAFIAS:
Volumes I e II Teologia Ísis Sem Véu de HPB Editora Pensamento Ltda.
Livro O Sistema Solar de Arthur E. Powell Editora Pensamento Ltda.
O Homem Deus e o Universo de I. K. Taimni Editora Pensamento Ltda.

Compilado por Mario J.B. Oliveira.